



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado Integrado em Arquitetura**

Dissertação

**Cabo Espichel, a ideia escatológica do fim do mundo.**

Miguel Barros Pedro

Orientador(es) | João Rocha  
Pedro Costa

Évora 2024

---

---

---

---



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado Integrado em Arquitetura**

Dissertação

**Cabo Espichel, a ideia escatológica do fim do mundo.**

**Miguel Barros Pedro**

Orientador(es) | João Rocha  
Pedro Costa

Évora 2024

---

---

---

---



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Teresa Alves (Universidade de Évora)

Vogais | João Rocha (Universidade de Évora) (Orientador)  
Pedro Pacheco (Universidade de Évora) (Arguente)

"Durante séculos, acreditou-se que lá estivessem os confins do mundo. E em certo sentido é verdade, porque este país confina com o oceano, que delimita os continentes. (...) Muito mais do que um elemento paisagístico, o mar é um apelo que não cessa de ecoar no ânimo de cada português, podendo uma vossa poetisa celebrá-lo como «mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim» (S. de Mello Breyner Andresen, Mar sonoro). À vista do oceano, os portugueses são levados a refletir sobre os imensos espaços da alma e sobre o sentido da vida no mundo. Nesta linha, gostaria também eu de partilhar convosco algumas reflexões, deixando-me levar pela imagem do oceano."

Papa Francisco, 2 de agosto de 2023, Lisboa.

A todos os que, em geral, me ajudaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora por disponibilizar aos seus estudantes, grupo ao qual me orgulho pertencer, um ensino de vanguarda e rigor.

Ao professor e arquiteto João Rocha, orientador desta dissertação, pela ajuda, preocupação e empenho, bem como a diponibilidade de transmitir o seu conhecimento e experiência.

Ao Arquivo Municipal de Sesimbra pelo trabalho de investigação disponibilizado e em destaque para a investigadora Ana Mourato pela atenção e amabilidade na partilha de informação.

Aos meus amigos, que me acompanharam durante todo o percurso académico, em especial para a minha grande amiga e colega Ana Beatriz Ázar por todo o apoio, generosidade e preocupação admiráveis.

Por fim, à minha família pela educação, resiliência e valores transmitidos desde tenra idade.

O meu mais sincero e grato reconhecimento.

INTRODUÇÃO	XI
RESUMO	XII
ARQUIVO FOTOGRÁFICO	XIII
METODOLOGIA	XVI
ESTADO DA ARTE	XVII
01. O LUGAR	
01.1. O Santuário no Fim do Mundo	p.021
01.2. O culto do limite	p.025
01.3. Loci Sacri	p.032
02. A FORMA	
02.1. Barbarium Promontórium	p.040
02.2. Formas do relevo	p.047
02.3. Arquitetura do solo	p.052
03. O HOMEM	
03.1. Da Pré- História ao Dominio Muçulmano	p.058
03.2. O Aparecimento da Imagem	p.068
03.3. O Círio	p.073
04. O SANTUÁRIO	
04.1. O arraial	p.100
04.2. As hospedarias	p.104
04.3. A ermida	p.106
04.4. A quarta igreja	p.113
04.5. A água	p.116
04.6. A ópera	p.122

05. EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA	p.114
06. A PROPOSTA	p.140
06.1. A paisagem como fenómeno cultural	p.141
06.1.1. Casos de Estudo	p.145
06.1.2. Acrópole de Atenas: Dimitri Pikionis	p.147
06.1.3. <i>Teatro del Mondo</i> : Aldo Rossi	p.152
06.1.4. Voz do Mar: Pacho Guedes	p.158
06.1.5. Cretto di Burri	p.162
06.1.6. Santuário de Fátima: José Carlos Loureiro	p.165
06.2. O Caminho	p.171
06.2.1. Programa	p.172
06.2.3. O projeto	p.175
06.2.4. Peças desenhadas	p.190
06.3.4. Maquete do território	p.235
07. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.238
CRÉDITOS DAS IMAGENS	p. 241
BIBLIOGRAFIA	p. 249

## INTRODUÇÃO

*A Ideia Escatológica do Fim do Mundo*, aborda o estudo do território envolvente ao Santuário de Nossa Senhora do Cabo no Espichel, um lugar mencionado pelo geógrafo grego Estrabão (58 a.c.-25 d.c.), Ptolomeu (séc. II) e o poeta Rufo Avieno (séc. IV).

Esta *finisterra*, local de hierofanias e ritos, afirmou-se como um lugar de rotagem de populações das duas margens do rio Tejo mesmo antes da reconquista cristã.

O título proposto deve, desde o primeiro momento, ser entendido como uma forma de acentuar a ideia de fim, de libertação, de consciencialização de um espaço limite entre, não só a terra e o mar, mas o limite do mundo. Neste lugar inóspito de ruído constante e ventos simblantes, se refugia o Homem dos malefícios terrenos, para estar junto de algo que não compreende, mas acredita interruptamente.

O Cabo Espichel, na ponta mais ocidental da Península de Setúbal, para além da sua componente sacra, integra no mesmo território um conjunto de aspetos patrimoniais de grande relevância. É notória a relevância geológica do Jurássico e Cretáceo, como é exemplo as mais de 600 pegadas de dinossauros encontradas ao largo do cabo, paleontológica através de indícios da permanência de populações do Paleolítico ao Calcolítico, obras de grande valor cultural e edificado, como é exemplo a Ermida da Memória, o arruinado Forte de Nossa Senhora do Cabo e toda a estrutura que compõe o Santuário Mariano e o Farol Pombalino.

As condições naturais justificam a presença de tais obras e potenciam o seu valor, aqui onde a terra acaba e o mar começa não parece haver vícios e corrupções criando uma atmosfera misteriosa e simultaneamente hostil propicia á criação de lendas que deram origem ao culto de Nossa Senhora do Cabo há mais de seis séculos atrás.

Antecedido provavelmente por um culto muçulmano, atrai centenas de romeiros vindos das duas margens do rio Tejo, anualmente.

O Santuário erguido no séc. XVIII pelos romeiros em devoção a Nossa Senhora do Cabo terá sido local de peregrinação para milhares de romeiros oriundos da região Saloia de Lisboa e do termo, a que se juntavam outras restantes das áreas limítrofes. Estas romarias atingiram o seu esplendor no final do séc. XVIII com o patrocínio das festas pelo rei D. José I, até às invasões napoleónicas. Contudo, o conseqüente declínio dos círios levou ao progressivo abandono do edifício que apenas foi formalizado como imóvel de interesse público em 1950.

Anos mais tarde, a singularidade do conjunto foi pela primeira vez enfatizada num estudo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e contou com a participação do grupo de arquitetos Francisco Keil do Amaral, António Pinto de Freitas, Francisco da Silva Dias, Carlos KFolder Worm, Salustiano dos Santos, Hélder Pereira de Almeida, e Diogo Lino Pimental, do qual foi elaborado o livro "Santuário da Senhora do Cabo no Espichel" publicado em 1964, publicação crucial para o estudo e elaboração da presente dissertação.

Desta importante obra surge o primeiro projeto de reabilitação do Santuário, projetado pelos mesmos autores em 1968, que nunca foi edificado. Mais tarde em 1990 surge outro projeto de reabilitação e conta com a colaboração do grupo de arquitetos Ana Rosa de Freitas e José Fernando Canas.

Em 1995, após a dívida da ala norte do Santuário ao Estado Português por parte da Confraria do Cabo que até então detinha a totalidade da estrutura edificada, o arquiteto Vítor Mestre é chamado a intervir no Santuário, descrevendo a "forte presença do "monumento natural" e a adição do conjunto arquitetónico, que, na sua expressão plástica e disposição volumétrica, confere à plataforma uma beleza ímpar" (1). Este projeto teve como objetivo a criação de uma pousada ENATUR na ala norte, e a recuperação da ala sul para a confraria do Cabo, mas como os anteriores projetos, este também não foi executado. Em 2003, a ENATUR foi vendida afastando a hipótese de um possível retorno do projeto de Vítor Mestre.

Treze anos mais tarde, o arquiteto e investigador Armindo Pombo recupera o aqueduto e estrutura da Casa da Água, numa tentativa, por parte da C.M. Sesimbra, de criar diretrizes sólidas e coesas para a recuperação do todo o conjunto.

Esta incessante análise produzida pelos arquitetos descritos, desde a década de 60 do século XX, foi essencial na elaboração das peças desenhadas que contribuem para a compreensão evolutiva da estrutura do Santuário, essenciais no escrutínio da presente dissertação.

(1) PEREIRA, Nuno Teotónio - Reabilitação: ala sul para a confraria e adaptação da ala norte do Santuário e restauro da I.N.S. do Cabo Espichel in *Arquitectura e Vida Jun.* 2001, nº 17, pp. 16-21.

## RESUMO / ABSTRACT

Palavras-chave :

Arquitetura vernacular

Paisagem

Restauro

Limite

Santuário

Key words :

Vernacular Architecture

Landscaping

Restoration

End Point

Sanctuary

CABO ESPICHEL: A IDEIA  
ESCATULÓGICA DO FIM DO MUNDO

O Santuário de Nossa Senhora do Cabo está localizado na extremidade do Parque Natural da Serra da Arrábida, a oeste da Vila Sesimbra. No grande planalto que o Cabo Espichel lança sobre o mar, surge uma estrutura de edifícios que compõem um Santuário Mariano erguido no séc. XVIII.

O conjunto deve-se ao Círio de Nossa Senhora do Cabo, local de culto entre as várias freguesias da região saloia de Lisboa e margem sul do Tejo, que aqui se deslocam em romaria anualmente.

Classificado como imóvel de interesse público desde 1950, é hoje uma das mais relevantes obras deste território, e por oposição encontra-se em estado de grande ruína. Os vãos foram na sua maioria entaipados, impedindo a entrada no edifício, configurando-o apenas como uma realidade cénica.

Através do estudo antropológico, geológico e da sua evolução morfológica procuramos elencar os percursos dos Círios e Romarias, estabelecer um caminho para uma possível recuperação do espaço envolvente ao Santuário e criação de uma estrutura de apoio às festas dos Círios em honra de Nossa Senhora do Cabo, que atraem centenas de peregrinos ao Cabo Espichel. Neste projeto vamos abordar temas como o limite na arquitetura, a recuperação de edificado histórico e a sua relação com a paisagem incomensuravelmente bela do Cabo Espichel.

ESPICHEL CAPE: THE ESCHATOLOGICAL  
IDEA OF THE END OF THE WORLD

The Sanctuary of Nossa Senhora do Cabo is located at the edge of the Serra da Arrábida Natural Park, west of Vila Sesimbra. On the large plateau that Cape Espichel throws over the sea, there is a structure of buildings that make up a Marian Sanctuary built in the 18th century.

The whole is due to the Círio de Nossa Senhora do Cabo, a place of worship between the various parishes in the Saloia region of Lisbon and the south bank of the Tagus, which travel here on annual pilgrimages.

Classified as a property of public interest since 1950, it is today one of the most important works in this territory, and in contrast it is in a state of great ruin. The gaps were mostly boarded up, preventing entry into the building, configuring it only as a scenic reality.

Through anthropological and geological studies and their morphological evolution, we seek to list the paths of the Círios and Pilgrimages, establish a path for a possible recovery of the space surrounding the Sanctuary and create a support structure for the Círios festivities in honor of Nossa Senhora do Cabo, which attracts hundreds of pilgrims to Cape Espichel. In this project we will address topics such as the limit in architecture, the recovery of historic buildings and their relationship with the beautiful landscape of Cabo Espichel.



Fig. 001. Passagem do "arraial" para a plataforma fronteiriça onde se situa a Ermida da Memória, 1961.  
FREITAS, António. Revista "Arquiteturas" nº70, Lisboa, 1961.

Fig. 002. Muro da Casa da Água e arraial. 1940-  
Autor desconhecido.

Fig. 003. Perspectiva da Praia dos lagosteiros sobre a encosta e a sobranceira Ermida da Memória, 1964.  
GULBENKIAN, Fundação Calouste. O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.

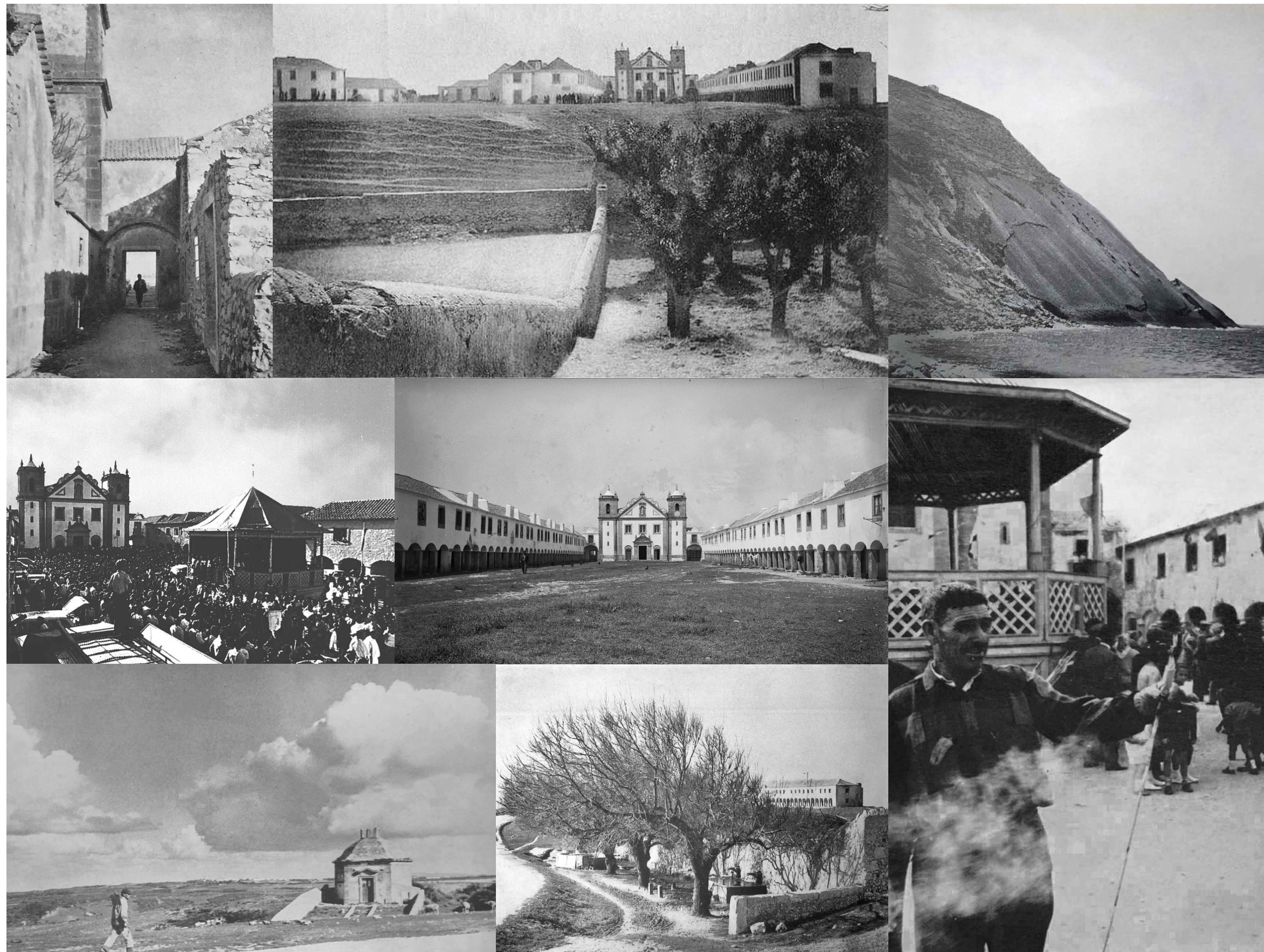
Fig. 004. Festa de Nossa Senhora do Cabo, 1970-  
Autor desconhecido.

Fig. 005. "Arraial" e Igreja de Nossa Senhora do Cabo, 1960-  
NOVAES, Horácio, Arquivo Fotográfico da Fundação Gulbenkian.

Fig. 006. Manuseio de fogos de artifício para comemoração da romaria de Nossa Senhora do Cabo. 1964.  
GULBENKIAN, Fundação Calouste. O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.

Fig. 007. Homem em marcha e Casa da Água, 1964.  
GULBENKIAN, Fundação Calouste. O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.

Fig. 008. Fontanário e poço, 1964.  
FREITAS, António. Revista "Arquiteturas" nº70, Lisboa, 1961.



A presente investigação tem como metodologia, a pesquisa do espírito do lugar, caracterizada pela busca incansável sobre o significado do mesmo e a sua influência na elaboração de um projeto de arquitetura. O resultado de uma interpretação crítica do estudo da pré-existência, fundamental na reabilitação de edifícios históricos.

Assim podemos elaborar uma síntese da presente investigação e dividi-la em 7 partes essenciais, ao estudo e compreensão do lugar:

#### O LUGAR

Relacionar o espírito e o lugar, como forma de perceber a sua identidade e as relações que estabelece com a ideia de limite.

#### A FORMA

O estudo do território, as formas do relevo, a sua geologia, e a relação com o edifício histórico através do estudo da paisagem e cartografia existente.

#### O HOMEM

Justificar a permanência do Homem neste lugar e a sua evolução ao longo dos séculos.

#### O SANTUÁRIO

Estudo das peças desenhadas existentes e das funções associadas a cada uma das peças que compõem o santuário mariano.

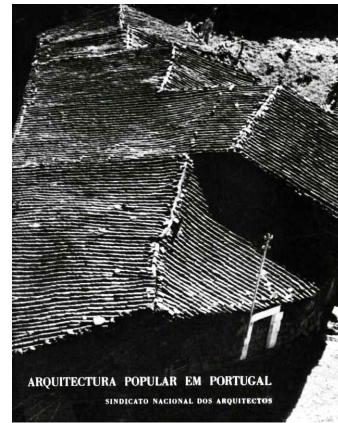
#### EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA

Estudo da evolução morfológica da estrutura edificada, com base no manuscrito *Memórias sobre a antiguidade das romarias e da Romaria de Nossa Senhora do Cabo*, de Francisco Ildefonso dos Santos.

#### A PROPOSTA

Elaboração de desenhos técnicos e esboços com base na cartografia existente, bem como a conceção de maquetas de estudo e imagens 3D como forma de aproximação ao projeto.

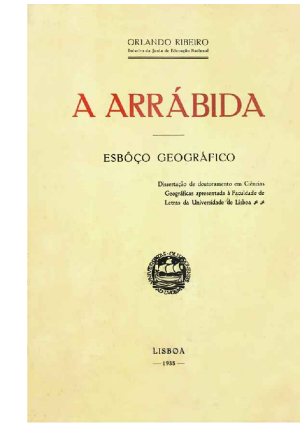
O momento de formalização da proposta, com base no uso do projeto como forma de criar soluções programáticas apoiadas na investigação bibliográfica;



Devido à especificidade desta investigação, o estado da arte encontra-se dividido nos capítulos seguintes, focando cada um deles, temas próprios da sua investigação. Numa primeira abordagem pretendemos iniciar o diálogo entre fim e o início, o limite entre duas realidades contrastantes. Na obra de *Los Limites del Mundo*, Eugénio Trias faz o paralelismo entre o limite e a experiência humana, de como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Ele argumenta que a nossa percepção do mundo é mediada por conceitos, linguagem e cultura, e que estas são as ferramentas através das quais criamos o significado das coisas. Neste limite reside o inexplicável, a "vertigem" que dá valor à experiência humana. O autor conclui destacando a importância de reconhecer os limites do conhecimento humano e abraçar a complexidade e a incerteza do mundo. Ele sugere que a compreensão profunda da natureza limitada da nossa percepção pode levar-nos a uma apreciação mais profunda da riqueza e diversidade do mundo em que vivemos.

A *Arquitetura Popular em Portugal*, uma obra que reúne uma série de trabalhos de campo levados a cabo na década de 50, é um exemplo categórico da infinidade de técnicas, necessidades e metodologias encontradas na arquitetura vernacular elaborada segundo um determinado contexto. Desde o estudo do solo, dos materiais disponíveis, ao clima, este compêndio apresenta-nos uma forma de aproximação ao lugar que me despertou interesse desde o primeiro capítulo. Esta obra está dividida em dois livros representativos de 6 zonas distintas do território português, identificados por uma equipa de arquitetos dos quais Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira, Francisco Keil do Amaral, António Freitas fizeram parte.

A Zona 4, a Estremadura na qual se integra o Cabo Espichel, foi identificada, tal como as restantes, como singular de características únicas, o que revela uma sensibilidade sem par na identificação das necessidades das populações que ali



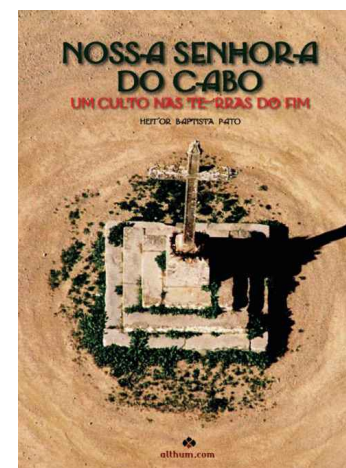
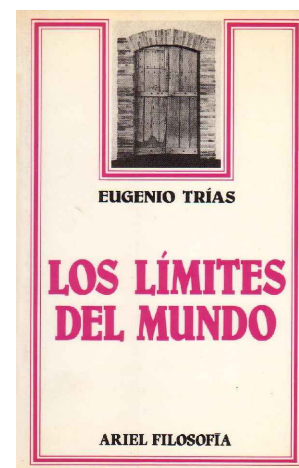
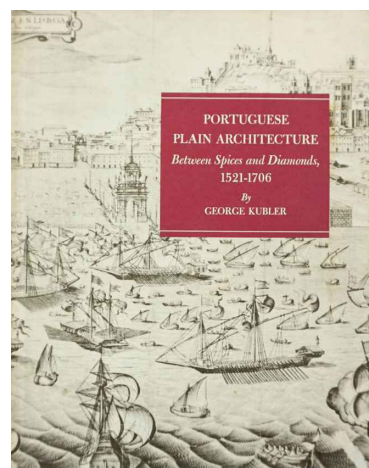
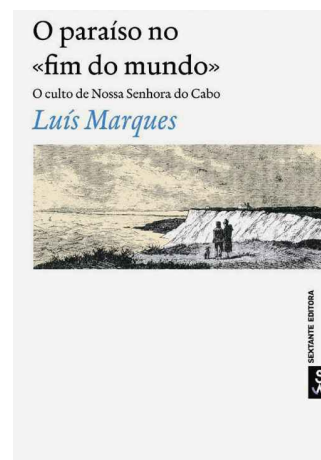
habitam e do clima a que estão sujeitos. Dessa arquitetura de carácter quase espontâneo surgem obras de grande valor patrimonial como é exemplo o Santuário de Nossa Senhora do Cabo, erguido pelas populações de forma quase natural.

Daí Bernard Rudofsky fazer referência ao Santuário que e nos ocupamos agora, na célebre obra *Architecture without Architects*, um apelo para repensar as abordagens convencionais da arquitetura e para considerar as soluções inovadoras e pragmáticas que surgem organicamente em diferentes contextos culturais. Rudofsky destaca características como a adaptabilidade ao meio ambiente, a eficiência no uso de recursos e a integração harmoniosa com a natureza, comum em várias construções vernaculares portuguesas.

George Kubler, um importante historiador de arte e arquitetura, identifica na sua obra *Portuguese Plain Architecture: Between spices and diamonds 1521-1706*, um estilo comum na arquitetura vernacular portuguesa, cujo as características advêm de uma certa simplicidade construtiva e estilística, adaptada ao clima e às necessidades das populações em que estão inseridas.

Nesta obra o autor evidência o Santuário do Cabo Espichel como um exemplo desta arquitetura chã, livre de ornamentação excessiva e de uma sobriedade ímpar.

De forma a compreender a arquitetura do solo, a aproximação ao estudo geológico é imperativa. No capítulo a Forma, destacamos a composição dos solos através da obra *Arrábida: o Esboço Geográfico* de Orlando Ribeiro, publicado em 1959. Este livro representa uma análise geológica e climática detalhada da região da Arrábida, situada na costa sudoeste de Portugal. Este documento, a par da Carta Geológica de Portugal, foi essencial na leitura de todos os aspetos geológicos relativos à Península de Setúbal.



Quanto à análise histórica e morfológica do conjunto de Nossa Senhora do Cabo é importante evidenciar a relevância da obra *Memórias sobre a antiguidade das romarias e da Romaria de Nossa Senhora do Cabo*, manuscrito atribuído ao autor Francisco Ildefonso dos Santos, redigido entre de 1854 e 1857. Esta obra foi uma importante fonte de escrutínio da atividade religiosa no local, mas também o traçar de uma evolução morfológica da construção dos edifícios que compõem o Santuário. Nesta obra o autor descreve o círio e as localidades que o compõem, bem como o trajeto cerimonial dos devotos e a cerimónia ritualista associada.

A obra *O Santuário de Nossa Senhora do Cabo no Espichel*, publicado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1964, é talvez a publicação de maior pertinência sobre o tema. Redigido por Francisco Keil do Amaral, António Pinto de Freitas, Francisco da Silva Dias, Carlos KFolder Worm, Salustiano dos Santos, Helder Pereira de Almeida e Diogo Lino Pimenta, faz um levantamento fotográfico e desenhado do conjunto na década de 60 do séc. XX, importante fonte de informação para a elaboração deste trabalho.

Quanto à análise antropológica e evolutiva do Cabo destaque os investigadores: Heitor Batista Pato na sua obra *Nossa Senhora do Cabo-Um Culto das Terras do Fim* e Luís Marques na obra *O Paraíso no Fim do Mundo- O culto de Nossa Senhora do Cabo*.

A primeira destaca "intuítos de uma abordagem exaustiva" que permitiram relacionar, questionar e perceber os diversos aspetos da vida espiritual do Cabo, através dos círios e outras festividades que ocorreram ao longo dos séculos. A segunda trata a vivência religiosa do Santuário do Cabo Espichel na sua vertente mais antropológica, de lugar objeto de culto tradicional, e a sua relação com o paraíso idílico.

Ambas as publicações, fazem não só referência à sua história, bem como ao seu estado atual, apresentando com detalhe a origem e evolução do culto. Uma visão transversal da existência de um culto, desde o início (apesar de ainda impreciso), do culto primordial ao recente declínio; e as figuras individuais e grupos de pessoas dedicadas a ela.

Legenda das imagens da esquerda para direita :

Fig. 009. Capa do livro *Arquitetura Popular em Portugal*, Sindicato dos Arquitectos, 1968.

Fig. 010. Capa do livro *Architecture without architects*, Bernard Rodofsky, 1964.

Fig. 011. Capa da publicação *A Arrábida: Um esboço geográfico*, Orlando Ribeiro, 1935.

Fig. 012. Capa do livro *O Santuário de Nossa Senhora do Cabo no Espichel*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Fig. 013. Capa do livro *O Paraíso no "Fim do Mundo" O culto de Nossa Senhora do Cabo*, Luís Marques, 2007.

Fig. 014. Iluminura do manuscrito *Livro de varias plantas deste Reino e de Castela*, João Thomas Correia, ca 1667-.

Fig. 015. Capa do Livro *Portuguese Plain Architecture Between Spices and Diamonds, 1521-1706*, George Kubler, 1972.

Fig. 016. Capa do Livro *Los Límites del Mundo*, Eugenio Triás, 1985

Fig. 017. Página da Revista *Arquiteturas* nº 70, António Freitas, 1962.

Fig. 018. Capa do Livro *Nossa Senhora do Cabo: Um culto nas terras do fim*, Heitor Batista Pato, 2008.

0 Lugar



Fig. 019. Face exterior do tríptico " O Jardim das Delicias Terrenas", 1510  
Hieronymus Bosh  
Coleção Digital Museu do Prado, Madrid.

Existem indiscutivelmente vários fins do mundo.

A conceção arcaica de Terra plana, defendida na filosofia grega por Pitágoras (séc VI a.c), prevaleceu, apesar dos avanços que se seguiram (1), até à Idade Média, e pressupõem um fim do mundo real como o conhecemos através de um limite geográfico incerto, perdido nos oceanos, guardado por animais pavorosos, que impedia a chegada do Homem á sua extremidade, o fim do mundo.

Podemos considerar o fim do mundo, o fim da terra transitável, como é exemplo o Cabo da Roca e o próprio Espichel que limitou, até aos descobrimentos marítimos, o conhecimento do mundo além-mar. Na Bíblia, no livro final, o Apocalipse também retrata os acontecimentos que levariam à extinção do mundo como o conhecemos. Todas as teorias que abordam a ideia do Fim do Mundo, pressupõem o fim e o início de algo que nos é desconhecido, duas ideias antagónicas, mas complementares que representam as fases da vida, e da sua própria criação.

Hieronymus Bosh (1450-1516) retrata na sua obra *O Jardim das delicias Terrenas*, exposta no Museu do Prado, em Madrid, esta proximidade entre a criação, o início, e a destruição, o fim.

O tríptico *O Jardim das Delicias Terrenas* ilustra a criação e o destino da Humanidade.

Nas faces externas deste tríptico, Boch ilustra em "grisaille"(2) o terceiro dia da criação do mundo, quando as águas foram separadas da terra. No canto superior esquerdo, o autor retrata Deus, o Criador, que é identificado de acordo com as duas inscrições latinas, distribuídas por cada painel: POIS FALLOU, E TUDO FOI FEITO E POIS ELE ORDENÔU, E ELES FORAM CRIADOS (salmos 33:9 e 148:5).

Na face interna (página seguinte), Bosh utiliza cores vivas e contrastantes provocando ao observador uma percepção totalmente nova da atmosfera criada, face ao painel exterior. Estes três painéis compartilham a ideia de pecado entre os Homens que habitam a terra. O painel esquerdo por sua vez, ilustra o Paraíso (do Éden) composto por uma bela paisagem idílica, com animais, plantas e água, livre de pecados; o jardim que marcou o início dos tempos. O painel central, representa um paraíso que engana os sentidos, contaminado por pecado e luxúria, onde os homens se criam, e se empobrecem face aos dogmas do anterior paraíso. O painel da direita e último, comumente associado ao "inferno musical" pelas representações de instrumentos musicais, é representado com cores escuras e avermelhadas. Neste painel, Bosh descreve criaturas demoníacas aliciando o Homem como representação ao fim dos tempos. Esta pintura de Bosh faz o paralelismo entre dois universos aparentemente antagónicos, mas complementares.

No espaço de interstício sobre o qual se finda e inicia, está o Santuário de Nossa Senhora do Cabo, no promontório do Espichel.

Heitor Batista Pato, um importante investigador que se debruçou de forma intensa ao estudo do Espichel escreveu: «esse estranho e indivisível sopro que não é feito de vácuo ar, mas de alma ou espírito, que nos povoa por dentro e em nós se alastra para marcar a mais longínqua das memórias. O cabo Espichel é um desses sítios sem excepção» (3).

Nesta terra de deuses e hierofanias, emerge sobre a ponta mais ocidental da Serra da Arrábida um lugar de Fim, precedido pela pequena aldeia da Azóia, que parece um dos últimos locais habitados do mundo, onde o homem não fica indiferente.

Neste limite entre duas realidades, na fascinante fronteira que separa o sagrado e o profano, do céu e da terra, são muitas as lendas e pressupostos que tornam este local mítico, de origem quase incerta, e que foi abraçado pela religião cristã como local miraculoso, para justificar esse fascínio.

(1) Por volta de 330 antes do nascimento de cristo, Aristóteles forneceu evidências empíricas que contrariavam a ideia de terra plana, considerando a sua forma esférica, ideia que se difundiu por todo o mundo helénico. Na época de Plínio, o Velho (séc. I), a ideia permaneceu amplamente aceite no mundo greco-romano. Na mesma época, Ptolomeu desenvolveu o sistema de latitude e longitude, representando-os nos seus mapas. Com a desintegração do Império Romano, e a chegada na Idade Média, no séc. VII, a Europa, comandada por tribos bárbaras, foi progressivamente perdendo o acesso às escrituras helénicas, removendo a ideia simplista de Terra Plana.

(2) Termo francês que designa a técnica de pintura monocromática.

(3) BATISTA PATO, Heitor, Nossa Senhora do Cabo: um culto da terras do Fim.p 15. Lisboa, 2008.



Fig. 020. Tríptico " O Jardim das Delicias Terrenas", 1510  
 Hieronymus Bosh  
 Coleção Digital Museu do Prado, Madrid.

«Tudo então nos fala de limes, dessa fronteira terminal e esmagadora onde se joga e inventa o desconhecido, desse vasto e ignoto oceano que é a verdadeira raia de todas as coisas.»

BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do Fim. p.16. Lisboa, 2008.

Fig. 021. Imagem aérea Cabo Espichel.  
Julho 2021  
Google Maps







O termo limite tem origem na palavra latina *limes* que significa limite ou fronteira. Esta divisão mais ou menos definida, separa duas realidades distintas, sejam políticas, culturais e marcam o fim e simultaneamente o início de algo.

O limite está associado à ideia de finitude e restrição, neste interstício de duas realidades surge um espaço que desafia a sua própria caracterização.

Um espaço que não pertence a nenhum dos lados, mas que ainda assim é, pela sua condição, um espaço único e paradoxal.

O Cabo Espichel é um destes lugares, entre a terra e o mar, o homem e o desconhecido.

O importante filósofo espanhol Eugenio Trías, desenvolveu uma série de estudos sobre a lógica e a metafísica do *limes*. No seu livro "Los Límites del mundo", defende que a noção de limite é fundamental para a compreensão da realidade. Através da metafísica, que tenta situar o pensamento para além dos limites da linguagem. Eugenio Trías destaca a importância de abrir a noção de limite: a partir dele, o pensamento filosófico pode descobrir um espaço que lhe permita evitar a deriva da metafísica.

No conceito de limite, portanto, pode-se inaugurar uma nova forma de pensar, um outro espaço lógico.

Segundo Trías, o limite define, na sua própria natureza, um dentro e um fora, como analogia ao conhecido e o desconhecido.

A distinção pode ser determinada como a distância e referência mútua entre o que é familiar, natural e cotidiano, do sujeito e o que lhe é estranho, inóspito, perturbador, aquilo que aparece antagónico. O limite corresponde à linha/fronteira que permite o acesso recíproco entre estes "dois mundos", e que delimita igualmente a sua

Fig. 022. Running Fence, Christo, 1974. MOMA

Fig. 023. Walking a line in Peru, Richard Long, 1972  
<https://www.artimage.org.uk/4705/richard-long/walking-a-line-in-peru--1972>.

Fig. 024. "Série Crianças" Póvoa do Varzim, Artur Pastor, déc. 50. Arquivo Municipal de Lisboa.





distância.

A emoção caracteriza a dualidade de sentimentos ocorridos através da experiência de estar nesse limite. A mais genuína de todas é, na opinião do autor, a vertigem.

«A vertigem tem a prerrogativa de contemplar emotivamente essa dupla direção e sua mútua dialética e imbricação liminar no infinito.

A vertigem ocorre espontaneamente ao habitar a linha que é o limite do mundo. É a "resposta natural" à posição que o sujeito adquire ao habitar o limite. Ele contempla ao mesmo tempo o que parece despedir-se de casa e o que o atrai (o abismo). Ele quer ficar no mundo e pisar no mundo sem mundo (entrar no outro mundo). Ele quer tanto persistir em ser (dentro do mundo) quanto se espalhar ou se dispersar no espaço-luz que o cerca como uma transcendência inacessível.»(1)

No Cabo que nos ocupamos agora, é exemplo deste espaço que nos aproxima desse limite, não só físico entre duas realidades (o mar e a terra), mas também de contacto com um lugar que nos é desconhecido e paradoxalmente fascinante.

(1) TRÍAS, Eugenio. Los Límites del mundo, Barcelona. 1985.

Fig. 025. O mar de inverno, Capri

Autor desconhecido.

Las Atmósferas de Giorgio de Chirico en La Casa Malaparte.

Simulacros escenográficos. Jaime Hortal

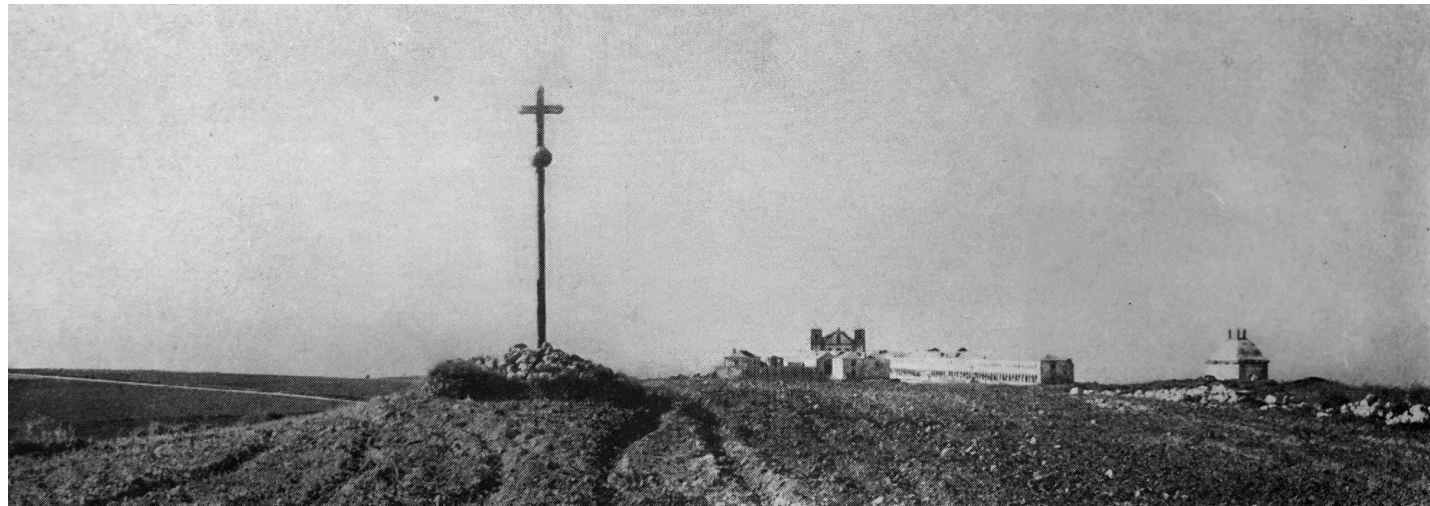
Fig. 026. Casa Malaparte

Autor desconhecido.

Las Atmósferas de Giorgio de Chirico en La Casa Malaparte.

Simulacros escenográficos. Jaime Hortal

Fig. 027. Segundo Cruzeiro e conjunto de Nossa Senhora do Cabo.  
António Freitas, O conjunto de Nossa Senhora do Cabo no Espichel, Revista  
Arquiteturas nº70, 1961.



"O lugar sagrado há muito exerce no Homem um sentimento inexplicável. Estes lugares são o resultado de uma dinâmica histórica e da crença das populações vizinhas que lhes deram significado. São lugares onde a passagem do tempo é menos perceptível, onde os tempos e os lugares sagrados se encontram "(1).

"Loci Sacri" é a expressão latina para "local sagrado". O termo "loci" refere-se a "lugares" ou "locais", enquanto "sacri" significa "sagrado" ou "sagrados". Juntos, esses termos descrevem lugares considerados divinos, muitas vezes associados a ritos religiosos ou espirituais. Nesses espaços foram erguidos os primeiros santuários onde se praticavam gestos de observância e culto a divindades, delimitando-os por recintos ou limitando-os por altares ou capelas que lhes atribuíam poder divino.

Uma das questões relevantes no estudo destes locais, é a tentativa de compreender a razão pelo qual alguns locais provaram ser tão populares durante séculos, enquanto outros não, bem como a forma como estes locais extraordinários foram designados como sagrados e imortalizados pela construção de belas peças de arquitetura, para que nunca fosse esquecida a sua importância.

O culto destes lugares sagrados, iniciou-se em remotas épocas pré-históricas, com a qualificação dos primeiros espaços sagrados e a instalação dos primeiros santuários. A assimilação ou identificação destes antigos cultos com os antigos deuses foi muitas vezes testemunhada no mundo ocidental, no processo de romanização, no processo de interpretação já adotado pelos gregos, enquanto os cristãos continuaram, expandiram, reformularam e transformaram os antigos santuários pagãos, fazendo adaptações de rituais anteriores e atribuí-los a novas crenças. Esta divinização é mais frequente em montes e promontórios e foi ao longo dos séculos renovada e atualizada pelos romanos, cristãos e muçulmanos um pouco de toda a Europa.

«As topografias elevadas, que parecem nascer dos âmagos da terra (onde se ocultam os dii inferi) para se alçarem até meio caminho do céu (onde residem os dii superi), com a sua constelação de estranhos fenómenos atmosféricos ou geológicos (...) foram frequentemente sobrenaturalizadas, quer porque acolhiam a morada da divindade, quer porque eram elas próprias divinizadas e entendidas como deuses. Desde sempre esses altos cumes em que os mortais surpreendiam o *mysterium tremendum ac fascinans* se apresentaram ao homem como um mistério duplamente aterroizante e fascinante, suscitando o pânico temeroso perante uma grandeza incomensurável ou um poder soberano (majestas), mas também a forte atracção emocional perante algo de maravilhoso e solene.»(2)

De referir ainda os vários "mons sacer" ou montes sagrados localizados em Portugal, como a Serra de Arrábida que faz parte do Cabo Espichel, a Serra de Sintra junto a Lisboa, a Vila de Monsanto na Beira, e os Pitões das Júnias (Montalegre), locais onde a presença humana foi confirmada pela descoberta de objetos ligados a ritos ancestrais. Por outro lado, as grandes montanhas e desfiladeiros que desenham o percurso dos rios Côa, Douro, Tejo e Guadiana também representam locais de atividade religiosa, imortalizados por gravuras como sinal de rito, e pela edificação de pequenas ermidas que suportavam essa atividade.

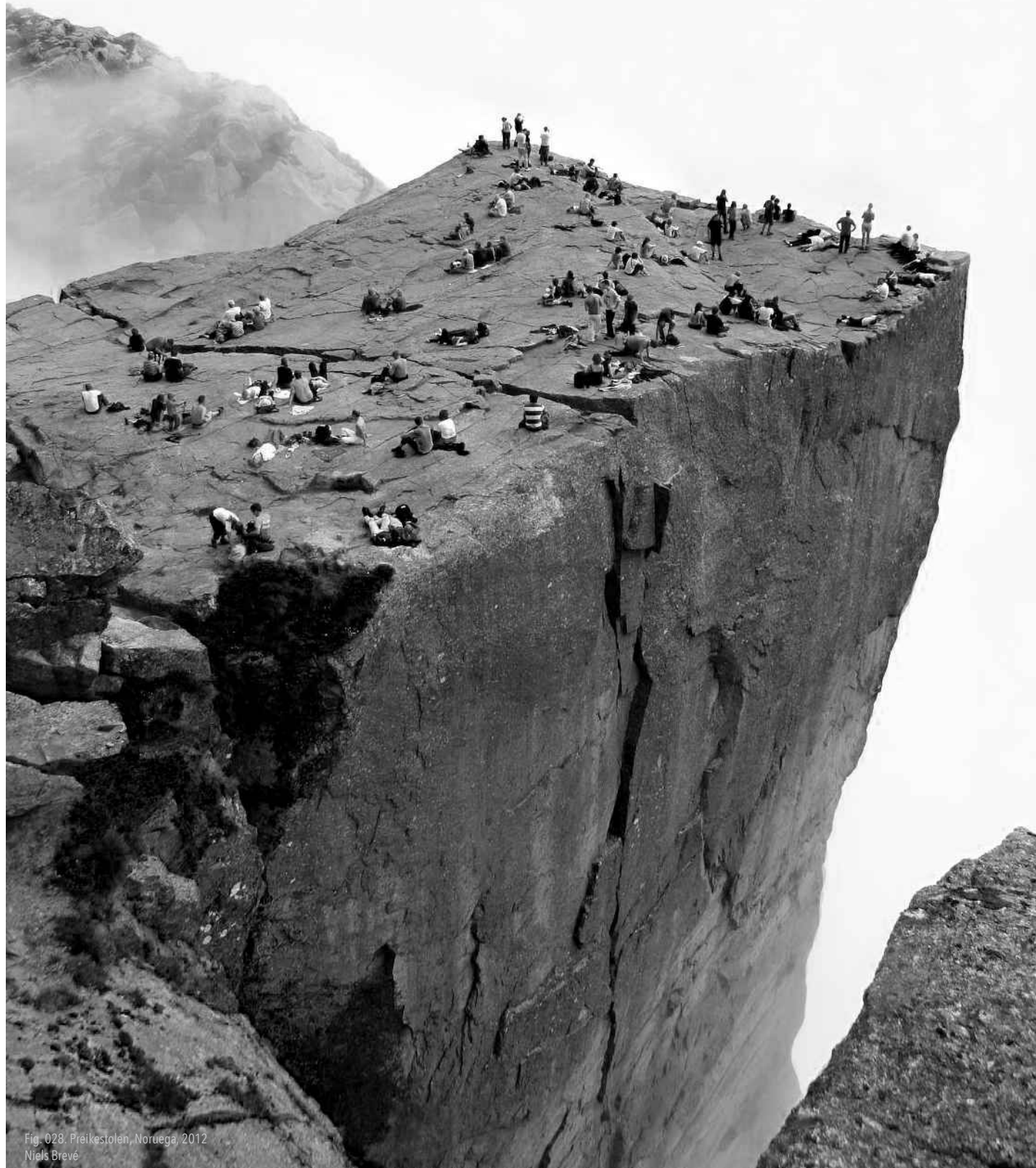


Fig. 028. Preikestolen, Noruega, 2012  
Niels Brevé

Destacam-se também os cabos e cabos que ocupam terreno baixo ou são topograficamente impenetráveis pela sua imensa altura, como é exemplo o Cabo Espichel, o Cabo da Roca e o Cabo de São Vicente. Considerado sagrado por inúmeros povos antigos, o promontório é o auge da verdadeira geografia mística.

Na zona da Serra da Arrábida e do Cabo Espichel parece ser evidente a permanência do homem, já desde a mais remota antiguidade, constituindo um local de culto mágico ou religioso. De facto, é legítimo (embora não certo) acreditar que o Cabo Espichel, em tempos muitos anteriores ao cristianismo, fosse já um "local propiciatório de práticas cultuais, talvez suscitadas, desde tempos muito recuados, pelas pegadas de dinossáurios" (3). Nas necrópoles (4), lapa do Fumo e do Bugio, grutas naturais situadas neste promontório, encontraram-se objetos em calcário, xisto e osso associados a práticas funerárias, sustentando assim a teoria da existência de cultos a uma entidade superior. De acordo com Pinho Leal, na zona da Arrábida terão existido templos dedicados a Apolo e a Neptuno: aquele no Monte Formosinho, "onde, segundo a tradição, existiu um templo de Apolo, do qual há ruínas", localizado junto à fortaleza do Outão, na Arrábida, cujas escavações permitiram encontrar uma "parte de uma estátua de mármore com versos em louvor de Neptuno e uma estátua de metal, do mesmo deus, entre as ruínas de um edifício que mostrava ser templo desta divindade, entre as quais haviam muitas arquivadas e pedaços de colunas de mármore fino e inscrições latinas, nas quais se dava aquele sitio o nome de Promontório de Neptuno". (5)

Mais tarde, na época de domínio islâmico da Península Ibérica são construídos pequenos cenóbios-Fortaleza os ribatat, ou conventos habitados por confrarias de homens santos guerreiros que buscavam o recolhimento, destinados à oração, à defesa e à expansão militar do Islão (dijhâd). Estes locais de culto são normalmente associados a uma mesquita ou oratório e a um espaço de estudo religioso (madrassa), e sempre construídos em altos de montes ou arribas costeiras, dado o seu interesse estratégico: o próprio topónimo Arrábida, de "al-rabiTâ", significa "convento fortificado para guardar fronteira", isto é, um convento-fortaleza integrado numa vasta rede de edificações religiosas em que homens santos, os sufis, se entregavam simultaneamente à prática da meditação ascética e à guerra.

Esta zona, onde abundam, ainda hoje, os topónimos de origem islâmica, era atravessada por uma via romana que, vinda de Mérida, terminava em Porto Brandão ou no Seixal, daqui se atravessava o Tejo para Lisboa; e de Lisboa partiam inúmeras vias para norte, atravessando todo o limite da cidade, também de forte implantação muçulmana.

É, por isso, possível e legítimo supor-se já nessa época a organização de peregrinações religiosas à finisterra sagrada da Arrábida, de que as posteriores romarias a N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Cabo viriam a ser, afinal, uma reatualização de um culto anterior.

- (1) COOMANS, Thomas. *Loci Sacri: Understanding Sacred Places*, Leuven University. 2012.
- (2) BATISTA PATO, Heitor. *Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do Fim*. Lisboa. 2008.
- (3) SERRÃO, V. e SERRÃO, Eduardo da Cunha - *Sesimbra Monumental e Artística*, Câmara Municipal de Sesimbra, 1997 (2<sup>a</sup> ed.)
- (4) LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho - *Portugal antigo e moderno, etc.*, Lisboa, Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1873 /1890.
- (5) BATISTA PATO, Heitor. *Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do Fim*. Lisboa. 2008.

A Forma

Fig. 029. «Carte chorographique des environs de Lisbonne», 1821.  
Harvard Map Collection.



LAGOA DE ALBUFEIRA

CABO ESPICHEL

SESIMBRA

SERRA DA ARRÁBIDA

SETÚBAL

Fig. 36. Ortofotomapa da Serra da Arrabida, 2023.  
Google Maps

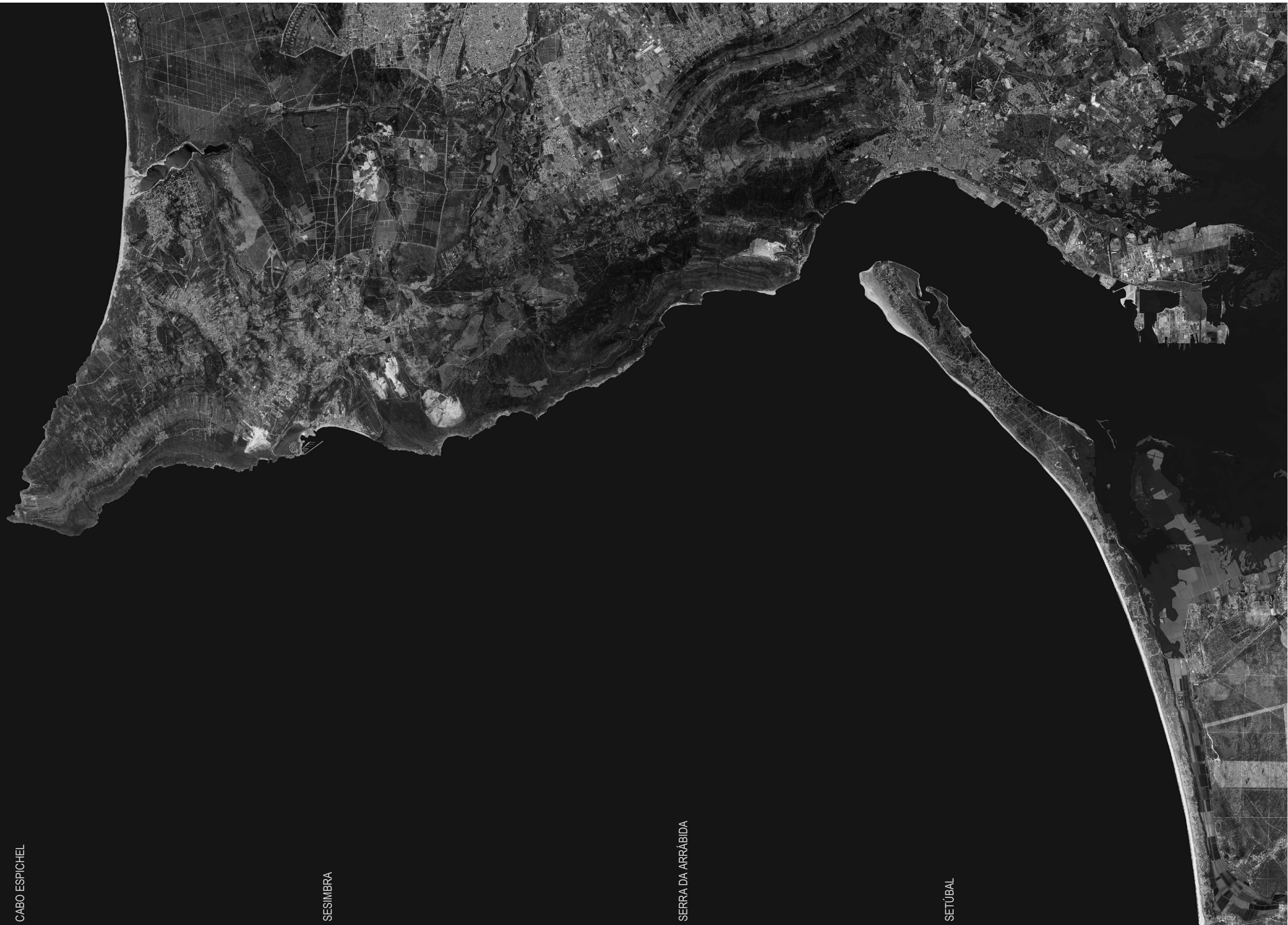


Fig. 031. Portugalliae, 1561.  
Fernando Álvaro Seco.



## BARBARIUM PROMONTÓRIUM

«Especial destaque merecem os promontórios que denominam as arribas escalvadas, aproando o mar do desconhecido e sobre ele avançando em cunha como pontas inexpugnáveis. Consideradas lugares sagrados por inúmeros povos antigos, estas terras do fim constituem pontos altos de uma verdadeira geografia numinosa e locais de hierofanias.»(1)

O Cabo Espichel, foi até ao século XV, um dos "cabos do mundo", cuja a sua monumentalidade impressionara o antigo geógrafo Ptolomeu que o designou de Barbarium Promontorium(2), no séc. II. Esta camada rochosa delimita a poente a extremidade da cadeia montanhosa da Serra da Arrábida e toda a Península de Setúbal.

As características deste Spi-seol(3), assumem-se simultaneamente impressionantes e contraditórias, de grande hostilidade propícias á criação de lendas como forma de traduzir o que o homem não consegue explicar de forma objetiva.

A altitude, as grandes falésias, o clima, a vegetação e a luz parecem personificar a ideia do fim do mundo, em que o céu e a terra se confundem e se tornam um só elemento. A natureza torna-se rude e majestosa de uma beleza incomparável e enigmática.

O reconhecido geógrafo Orlando Ribeiro, na obra *A Arrábida: esboço geográfico*, designa:

"Começando por Ocidente, depara-se-nos a zona do Cabo Espichel, planalto desabrigado, varrido por ventos de todos os quadrantes, sendo especialmente impetuosos os de Norte e Oeste. Em virtude da sua posição de promontório a influência do mar sobreleva todas as outras: a atmosfera é mais húmida, as brumas frequentes, mesmo de verão, tanto mais densas e prolongadas quanto mais se avança para Ocidente. Têm origem sobretudo em ventos do Setentrião e as mais das vezes vê-se o nevoeiro atravessar o planalto avançado de Norte para Sul. O promontório serve de abrigo á costa meridional. O mar é geralmente sereno, mesmo quando, do lado oposto, as vagas quebram com fragor nos rochedos."(3)

Numa altitude de aproximadamente 135 metros, desenha-se a norte por uma arriba a pique e a oeste nas grandes lajes formadas por estratos calcários. O próprio mar é diferente, sereno e azul do lado sul e bravo a norte.

- (1) BATISTA PATO, Heitor. *Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do Fim*. 2008.
- (2) MARQUES, Luis, *O Paraíso no fim do mundo: O culto de Nossa Senhora do cabo*, Lisboa. 2007.
- (3) RIBEIRO, Orlando. *A Arrábida: esboço geográfico*. 1986.





Fig. 032.Serra da Arrábida, déc. 60,  
Artur Pastor.  
Arquivo Fotográfico Lisboa.

"Os principais tipos de relevo que se observam na Arrábida são: 1º a montanha, constituída por terrenos compactos, que sobressai pela altitude no conjunto da região; 2º a colina, de menor porte; 3º a escarpa interior, relevo monoclinal. Os dois primeiros tipos são devidos principalmente à tectónica, o último é consequência do trabalho da erosão subordinado à posição estrutural das camadas; 4º o vale das ribeiras, paralelo aos enrocamentos; 5º o barranco de erosão torrencial, estreito e profundo; 6º o vale tifónico de Sesimbra, tipo especial que só aqui se apresenta; 7º finalmente, o planalto ocidental, superfície de erosão que corta indiferentemente estratos mais ou menos levantados, sem subordinação à estrutura do solo."<sup>(1)</sup>

Desde o vale sinclinal da lagoa de Albufeira, outrora percorrido pelas águas do rio Tejo, segue uma linha costeira continuamente para Sul. Passando o areal extenso das áreas limites da lagoa a sul, uma zona de arriba começa a formar-se, dando origem a uma plataforma caracterizada por pequenas praias e vales numa altitude variante entre 60 a 70 metros. As ribeiras, de caudal temporário formam pequenos vales suspensos nas arribas, cortando a continuidade deste planalto que se estende até ao promontório. É exemplo a enseada dos Lagosteiros, a poucas centenas de metros a norte do Cabo que representa um importante ponto de descontinuidade da grande escarpa.

Na plataforma que compõem o Cabo, está presente o Santuário a aproximadamente 135 metros de altitude, acompanhado pelo Farol e o Semáforo ou Sinal Sonoro, a 142 e 127 metros respetivamente.

(1) RIBEIRO, Orlando. A Arrábida: esboço geográfico. cap 3 p 29. 1986.



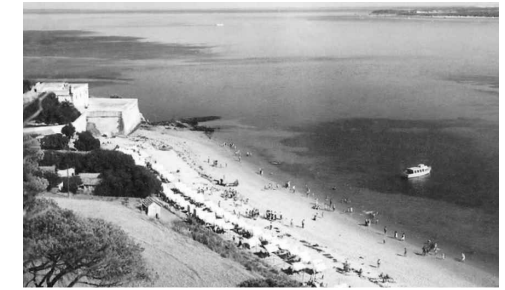
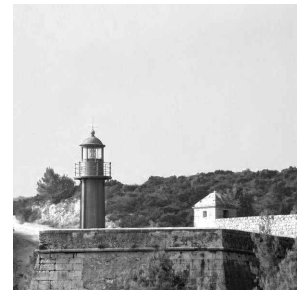


Fig. 033. Arraial de Cabo, déc.60. Horácio Novaes.

Fig. 034. Forte de São Teodósio da Ponta do Cavalo, 2007. Autor desconhecido.

Fig. 035. Conjunto de barcos atracados na praia, Sesimbra, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 036. Farol do Cabo Espichel, déc. 50. Autor desconhecido.

Fig. 037. Pescadores na praia de Sesimbra, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 038. Perspectiva sobre o Porto de abrigo, Sesimbra, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 039. Arriba Fossil e Casa da Ronca, déc 40. Autor desconhecido. Arquivo Histórico da Marinha.

Fig. 040. Pescadores na praia de Sesimbra, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 041. Convento capucho de Santa Maria da Arrábida, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 042. Igreja de Santa Maria do Castelo Sesimbra, déc. 60. Artur Pastor.

Fig. 043. Forte de Santiago de Sesimbra, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 044. Convento capucho de Santa Maria da Arrábida, déc 60. Artur Pastor.

Fig. 045. Forte de Santa Maria da Arrábida, déc 40. Autor desconhecido.

Fig. 046. Forte de Santa Maria da Arrábida, déc 40. Autor desconhecido.

Fig. 047. Portinho da Arrábida, déc 40. Autor desconhecido.

PROMONTORIUM BARBARIUM  
Arquitetura do solo

A composição do Solo está intimamente relacionada com os aspetos do relevo nesta região. A Serra da Arrábida contém uma variedade considerável de terrenos sedimentares, as suas formações mais antigas, até ao Jurássico Superior (1), são na sua maioria depósitos de precipitação química, mais adiante no Miocénico são de ordem detrítica, maioritariamente calcários e durante a era Pliocénica surgem os materiais transportados.

No Cabo Espichel, e até ao Outão- zona da Serra da Arrábida junto ao Portinho do mesmo nome-, são predominantes as camadas de grande espessura, compactas e resistentes, que constituem as montanhas mais elevadas e servem de núcleo ás formadas de materiais detríticos (2).

Os materiais detríticos mais abundantes nesta região são os calcários brancos, bastante compactos geralmente encontrados nas encostas viradas a sul e também calcários dolomíticos e siliciosos, em geral mais escuros.

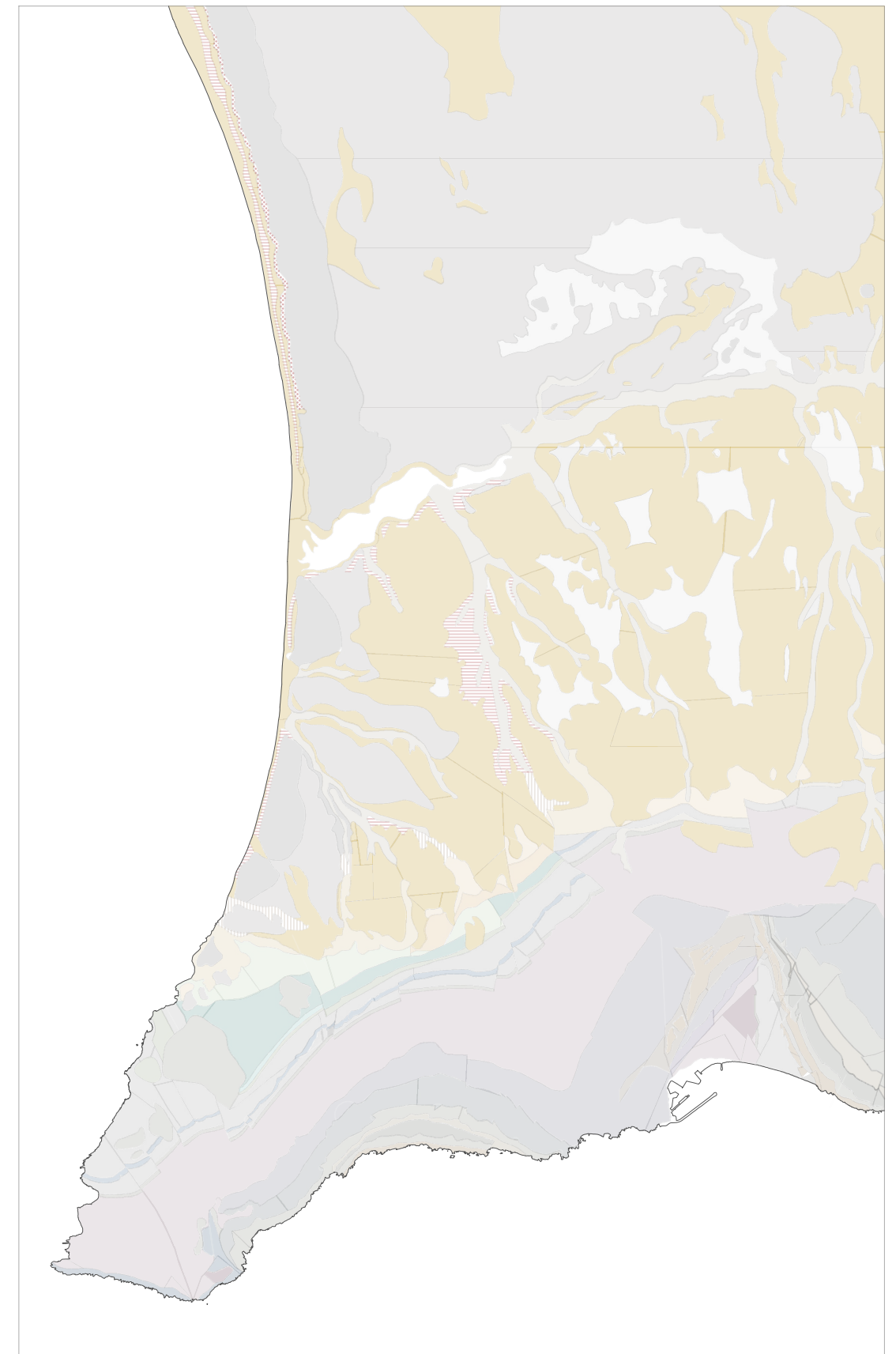
À medida que a topografia se dissipa na vasta planície arenosa da lagoa de albufeira, a composição do solo torna-se mais uniforme predominando as areias felbáticas da fonte da telha e de Coina, alternadamente com calcários argilosos junto à costa e aluviões junto às ribeiras.

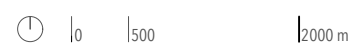
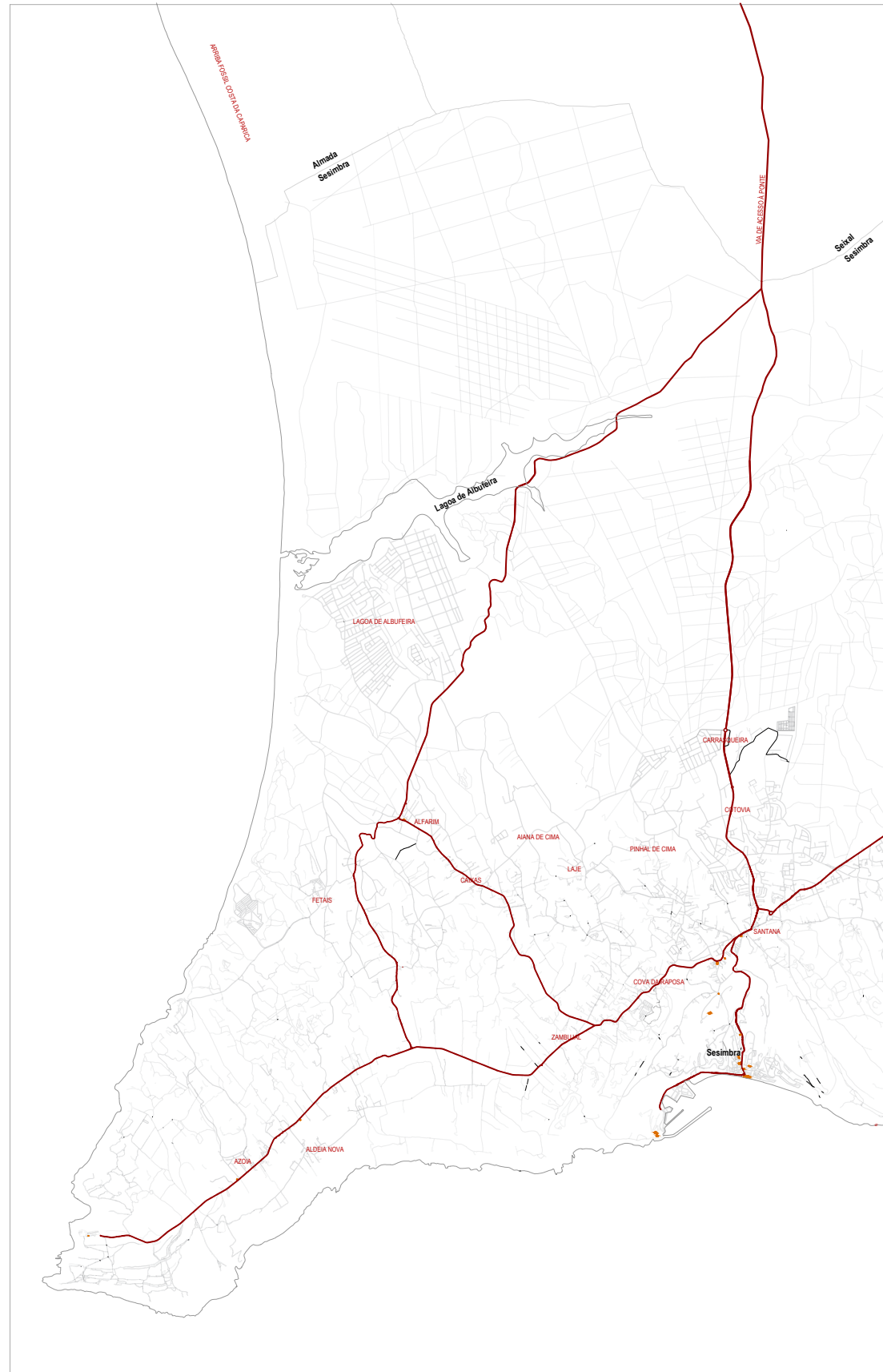
(1) Na escala das eras geológicas, o Jurássico Superior é a época do período Jurássico da era Mesozoica compreendida entre há 163,5 milhões e 145 milhões de anos, aproximadamente.

(2) Materiais sedimentares, também designados por materiais detríticos, que se formam a partir de fragmentos sólidos ou por detritos obtidos pela meteorização e erosão de rochas preexistentes - os sedimentos detríticos.

LEGENDA:

	Aluviões
	Dunas
	Areias de duna
	Terraços
	Conglomerado de Marco Furado
	Areias Feldspáticas de Fonte da Telha e de Coina
	Grés e argilas de Rodísio
	Calcários e margas de Cresmina
	Argilas, grés e dolomitos de Regatão
	Calcários argilosos e grés de Boca do Chapim
	Margas e Calcários recifais de Maceira
	Grés, argilas e calcários gresosos de Guia e Vale de Lobos
	Dolomitos de Cabo de Ares
	Margas, calcários oolíticos e dolomitos com Gervilia
	Dolomitos de Califórnia
	Margas dolomíticas e calcários dolomíticos com Braquiópodes
	Dolomitos de Sesimbra
	Complexo Vulcano-Sedimentar
	Depósitos de Ribeira da Lage
	Depósitos glauconíticos de Penedo
	Calcarenitos e margas de foz da fonte e de Penedo Sul
	Calcários margosos de Palhavã
	Conglomerados, arenitos e margas de Picheiros
	Calcários e margas de Galé
	Argilas, grés e grés calcários de Porto da Calada
	Calcários, grés e margas de Espichel
	Calcários da Azoia
	Calcários e grés intercalado de Risco
	Dolomitos de Forte da Baralha
	Calcários de Pedreiras
	Dolomitos em Plaquetas
	Complexo pelítico carbonatado evaporítico





O Homem



Fig. 049. *Revista Architecturas* nº 70, 1961.  
António Freitas.



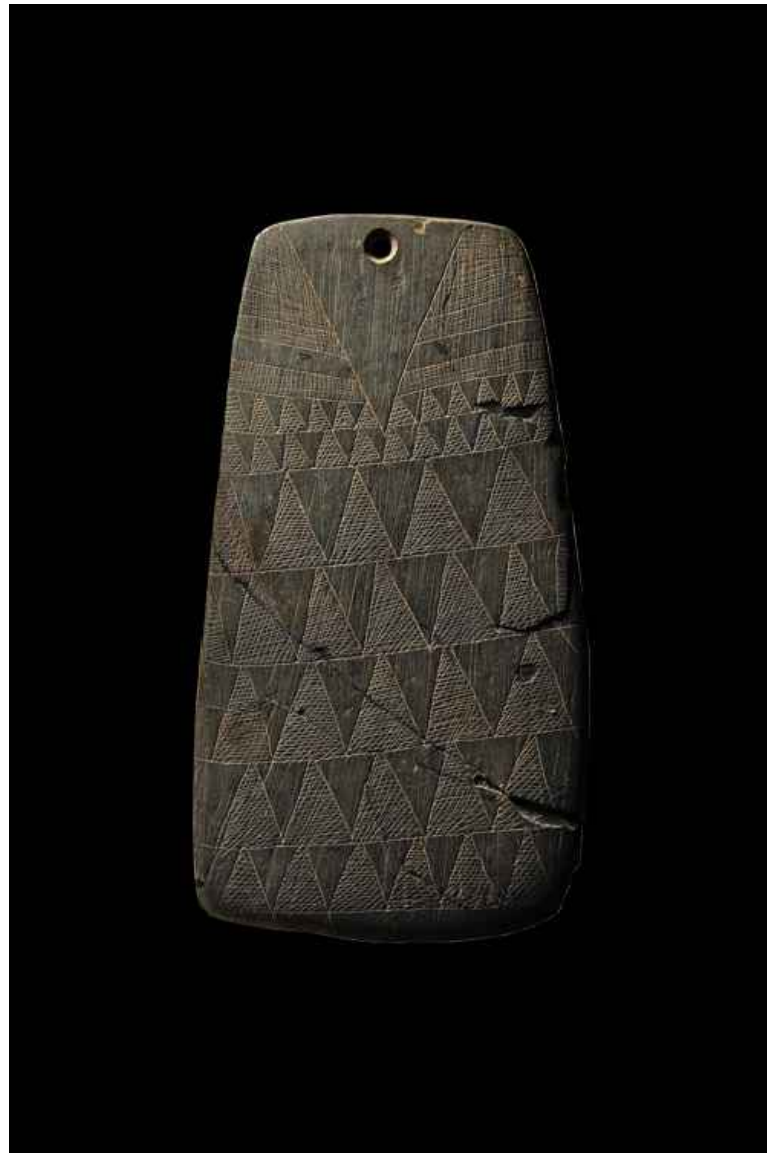


Fig. 050. Placas de xisto gravadas (2000-3000 a.c.)  
Museu de Sesimbra.

O litoral da cordilheira da Arrábida, entre o Espichel e Setúbal foi habitat de comunidades de Hominídeos, oriundos de África que aqui ocupavam as praias recortadas e grutas, utilizadas como locais de culto quotidiano e sepulcro, denominadas as necrópoles.

Estas comunidades primitivas produziram artefactos, geralmente pétreos e osteológicos, de várias formas e decoração antropomórfica ao longo de um horizonte temporal que se terá estendido até 200 mil anos. Os materiais paleolíticos integravam, muito provavelmente funções religiosas e ritualistas, sendo despojados de funções utilitárias na sua maioria. Nas Necrópoles-Lapa do Fumo e Bugio, cavidades naturais situadas na Serra dos Pinheirinhos, a poucas centenas de metros do Farol do Cabo Espichel, foram descobertos objetos de teor ritualista como placas de xisto gravadas, objetos ideotécnicos de calcário e osso, remetendo assim para "práticas religiosas e identitárias, cujo o simbolismo e valor imaterial, suplanta, categoricamente um eventual remotismo uso básico de subsistência"(1).

Estes níveis de ocupação em cavidades no litoral, foram utilizados em alguns casos até à Idade Média, sendo exemplo a ocupação quase permanente da Lapa do Fumo, servindo de ermitério islâmico até há reconquista cristã onde posteriormente foi encontrado um raríssimo tesouro de 80 quirates, moedas de prata muçulmanas; e outros transformados em locais de culto cristão como é exemplo a Lapa de Santa Margarida junto ao portinho da Arrábida. É facto que nos trabalhos realizados para a revisão da Carta Arqueológica de Sesimbra, orientada pelo arqueólogo Manuel Calado, em 2007, foram descobertas novas Lapas junto ao Cabo Espichel, utilizadas na sua maioria como monumentos tumulares, a par das construções dólmenes ao longo da Extremadura e Alentejo. Desta descoberta podemos destacar a Lapa dos Pinheirinhos, a Lapa do Sono, a Lapa do Jerónimo, a Lapa dos Corvos, Lapa das Janelas.

Após a conquista muçulmana da Península Ibérica eram frequentes as incursões piratas vindas do Norte de África, registadas nos séc. IX e X, que atacavam um pouco por toda a região de Setúbal e Lisboa, surgindo a necessidade da criação de estruturas defensivas para proteger as mesmas, os ribarats (ou rubut, plural de ribât).

Estes cenóbios-fortaleza ou conventos habitados por grupos de soldados guerreiros, eram destinados à defesa da costa e à difusão e culto do Islão. Atingindo dimensões consideráveis como é caso do Ribat al-Rihana em Ajesur ou o Ribat da Arrifana, e o Ribat de Califal das Dunas de Guardamar, em Espanha, eram importantes locais de permanência e culto dos povos islâmicos, e são os únicos exemplares descobertos em toda a Península Ibérica.

O topónimo Arrábida surge de al-rábita, que significa convento fortificado para guardar/vigiar uma fronteira, sugerindo a existência de uma estrutura fortificada, ou Ribarat nos seus limites.

Na sua generalidade estas fortificações eram presididas por um mestre orador que habitava no morabito (ou murabit), edifício de pequenas dimensões de planta retangular ou hexagonal que reproduzia a forma da Koaba de Meca (Ka'aba que significa cubo).

Junto ao Espichel, a permanência do topónimo Azoia (de Az-zawiya), revela indubitavelmente a influência islâmica



no local, evidenciando que se aproximava de um local sagrado. Por isso é legítimo supor-se que esta zona de promontório já era alvo de peregrinações antes do culto de Nossa Senhora do Cabo, sendo esta afinal resultado de um culto anterior. Não é ao acaso que o topónimo Alcabideche, precisamente a localidade onde se iniciou o Cirio Saloio em honra de Nossa Senhora do Cabo, tem origem árabe (de Al-qabdâp), tal como a localidade Banática (de be Ataija) onde os romeiros passavam após a travessia do tejo e a chegada a Porto Brandão a caminho do Espichel. Este percurso estendia-se até à Lagoa de Albufeira (de al-buhera), Alfarim e finalmente a Ázoia (Az-zawiya) a mais próxima localidade antes da chegada ao Cabo. Jorge Gaspar, geógrafo e discípulo de Orlando Ribeiro, defende a seguinte tese:

"As duas margens do Tejo, na área de influência mais directa de Lisboa, constituíram uma unidade ao longo de séculos, milénios talvez (...) O cabo Espichel, cujo conteúdo religioso está documentado desde os autores clássicos (o *Ákra Barbarium* de Estrabão) era a referência maior, mas outros existem que mostram a união das duas margens, que virá pelo menos desde o período muçulmano"(2).

Contudo podemos afirmar que as duas margens do rio Tejo partilhavam a mesma unidade cultural ainda presentes na atualidade. É exemplo a Quarta Zona definida no Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa, a Estremadura, que reúne em si a ideia de uma continuidade não só a nível arquitetónico, climático e a nível arbóreo mas também de organização social e religioso.

(1) Marques, Luis. O Paraíso no Fim do Mundo, o culto da Nossa Senhora do cabo, p.19

(2) GASPARG, Jorge - Território dos Saloios, in Etnografia da Região Saloia-Terra e o Homem (vol I), Sintra: Instituto de Sintra, 1993.

Fig. 051. Placas de xisto gravadas (2000-3000 a.c.)  
Museu de Sesimbra.



O Ribat al-Rihana (ou da Arrifana), igualmente conhecido como Castelo da Arrifana, foi um complexo religioso e militar do período muçulmano, situado no município de Aljezur, no Distrito de Faro, em Portugal. Esta estrutura foi mencionada por historiadores e geógrafos ligados ao escritor e mestre sufi Ibn Qasi. Nos textos que o citam destaca-se o de Ibn al-Abbar (1199-1250) que conta a vida de Ibn Almúndir, um importante contemporâneo e seguidor de Ibn Qasi, identificando o Ribat al-Rihana como "o mosteiro de al-Rihana" situado na "orla do mar".

Vários investigadores tentaram localizar o presente "Mosteiro" no interior do Castelo de Aljezur e na Fortaleza hoje chamada de Arrifana, edificada em 1635, mas sem sucesso. Contudo, a existência das ruínas na Ponta da Atalaia, na Arrifana só foi identificada no séc. XIX e posteriormente referenciada como o Ribat al-Rihana em 2001, pelos investigadores e arqueólogos Rosa Varela Gomes e Mário Varela Gomes.

Nessa investigação, foram identificadas edificações erguidas em taipa e pedra, totalizando um conjunto de inúmeros edifícios dos quais se destacam nove mesquitas, associadas a nove Mihrab orientados para Meca e uma imensa necrópole e restos de um alto Miranete, ou torre de vigia (1).

A sua importância advém não só do tamanho e destaque como o único exemplar monástico conhecido deste tipo de arquitetura, mas também pelo facto de haver escrituras que permitem a definição de uma cronologia desde a construção até ao seu abandono.

(1) <https://nationalgeographic.pt>

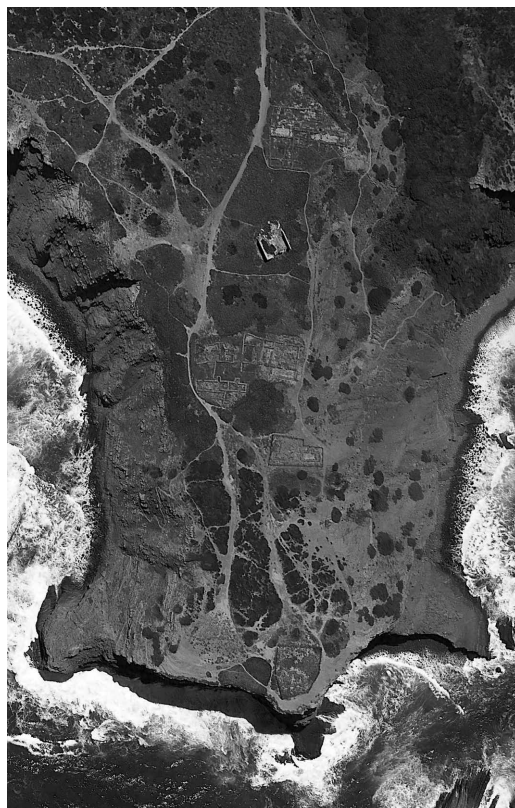
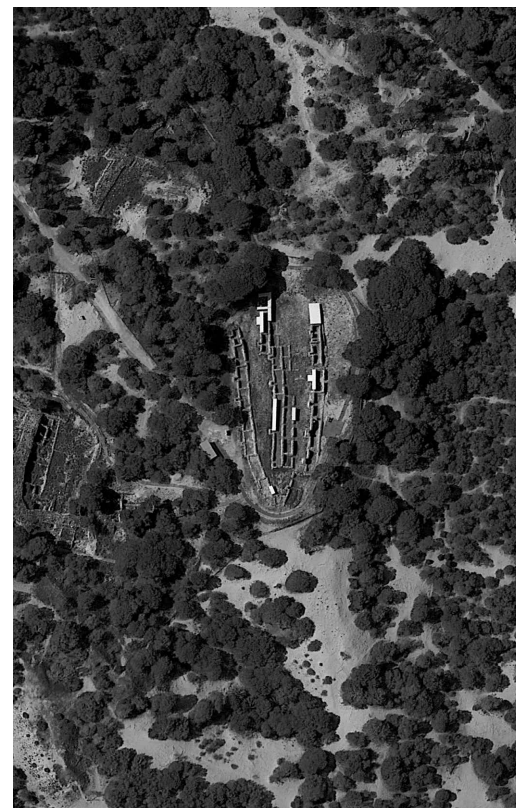


Fig. 052. Ortofotomapa do Conjunto de Ruínas Correspondentes ao antigo Ribat al-Rihana, na Arrifana, Portugal. Google Earth, consultado em março de 2023.

Fig. 053. Ortofotomapa do Conjunto de Ruínas Correspondentes ao antigo Ribat Califal de las Dunas, em Guardamar, Espanha. Google Earth, consultado em março de 2023.



O Ribat Califal das dunas de Guardamar del Segura é o único complexo monástico islâmico quase totalmente preservado do período Omeya Andaluz (séc. X-XI) na Península Ibérica. A sua boa conservação deve-se ao facto de, após o seu abandono em meados do século XI em consequência da subsequente guerra civil a que o Califado foi submetido, toda a estrutura que constitui o Ribat se manteve soterrada e protegida das intempéries.

Escondido sob a areia até 1897 durante trabalhos de reflorestamento, quando foi encontrada uma tabuleta com inscrições em árabe.

O engenheiro Francisco Mira i Botella, responsável pela arborização, encomendou a sua tradução, que narrava:

"Em nome de Allah, o Misericordioso, o Misericordioso, não há outro Deus além de Allah, e Muhammad é seu profeta. Esta mesquita foi concluída no mês de Almoharren no ano trezentos e trinta e três (944 na era cristã). Foi construído por Ahmed, filho de Bojul, filho da filha de Alwatsecbilá, buscando uma recompensa de Allah. Foi feito com a ajuda (sob a orientação) de Mohammed filho de Abusalema, obra do construtor Aben Rubber" (1)

A descoberta não teve impacto arqueológico até 1984, altura em que se decidiu localizar o edifício a que a placa se referia. Desta forma e através de várias campanhas arqueológicas, foram descobertos dois terços do complexo, que pode ser visitado. O "mosteiro" consiste em aproximadamente 22 salas de oração ou mesquitas,

cada uma com seu próprio mihrab.

Neste mosteiro viviam religiosos, fiéis e peregrinos, todos atraídos pelo retiro espiritual que o Islão exige dos seus fiéis. Os cubículos do oratório servem tanto como local de oração quanto para as necessidades diárias. As escavações trouxeram à luz diversos objetos, alguns relacionados com cerimónias religiosas (terços) e outros relacionados com a vida quotidiana (candeeiros, caldeirões, jarros, cântaros, etc.).

(1) AZUAR RUIZ, Rafael -EL Ribat Califal, Excavaciones e investigaciones (1984-1992).Madrid, 2004.



Fig. 054. Ortofotomapa do topo Norte do Santuário Google Earth, consultado em março de 2023.

Na tradição sufista, um morabito é um lugar onde um indivíduo se pode refugiar do mundo profano e concentrar o seu pensamento na adoração e na busca pela proximidade ao divino. Os morabitos podem ser locais de retiro para indivíduos solitários ou podem abrigar comunidades inteiras de sufis(1).

Os morabitos são geralmente construídos em locais isolados, como montanhas, desertos ou promontórios, para que os praticantes se possam afastar da vida mundana das cidades e concentrar-se no culto ao Islão.

A Ermida da Memória, referenciada pela primeira vez em 1414, foi certamente erguida em época anterior. Construída sobre a influência islâmica, notada pela planta quadrangular, pela volumetria em meio cubo, coroada por uma cúpula contracurvada.

O professor e historiador Paulo Pereira, na obra Lugares Mágicos em Portugal, de 2005, refere:

«Com a sua forma cúbica e cúpula bolbosa lembra indubitavelmente as antigas cubas muçulmanas, de que se deveriam conhecer algumas. Não é de afastar a hipótese de, antes da instauração cristã do culto, este promontório (...) ter sido ponto de instalação de um ribat ou, mais simplesmente um morabito, na continuidade de outros que se dispunham ao longo da costa sul do caminho que vinha de Setúbal até àquela ponta ocidental" (2)

Esta teoria pode ser fundamentada não só pelas características estilísticas da construção da ermida mas também pelo desenho de uma das ruínas que rematam a ala norte das hospedarias, junto à igreja.

A ruína que durante anos passou despercebida, pode ter sido em tempos, um mihrab.

O mihrab é o nome dado ao nicho em forma de abside (3) numa mesquita. Tem como função indicar a orientação da cidade de Meca (quibla), para a qual os muçulmanos se dirigiam quando realizam as cinco orações diárias (salá).

O sufi que dirige as orações é colocado no mihrab, cuja voz se espalha mais facilmente pela mesquita graças a este nicho. Em geral, cada mesquita tem apenas um mihrab, que costuma ser o local de maior relevância do ribat e por sua vez mais ricamente decorado com motivos epigráficos ou vegetalistas.

A ruína localizada junto à igreja, pelo seu desenho e orientação, pode ser um antigo mihrab, de uma mesquita. Esta teoria ganha ainda mais força quando comparado ao desenho das ruínas do Ribat de Al-Riahna e Califal das Dunas. A semelhança é, até para o observador mais desatento, uma quase certeza de que existe relação entre o desenho de uma e outra.

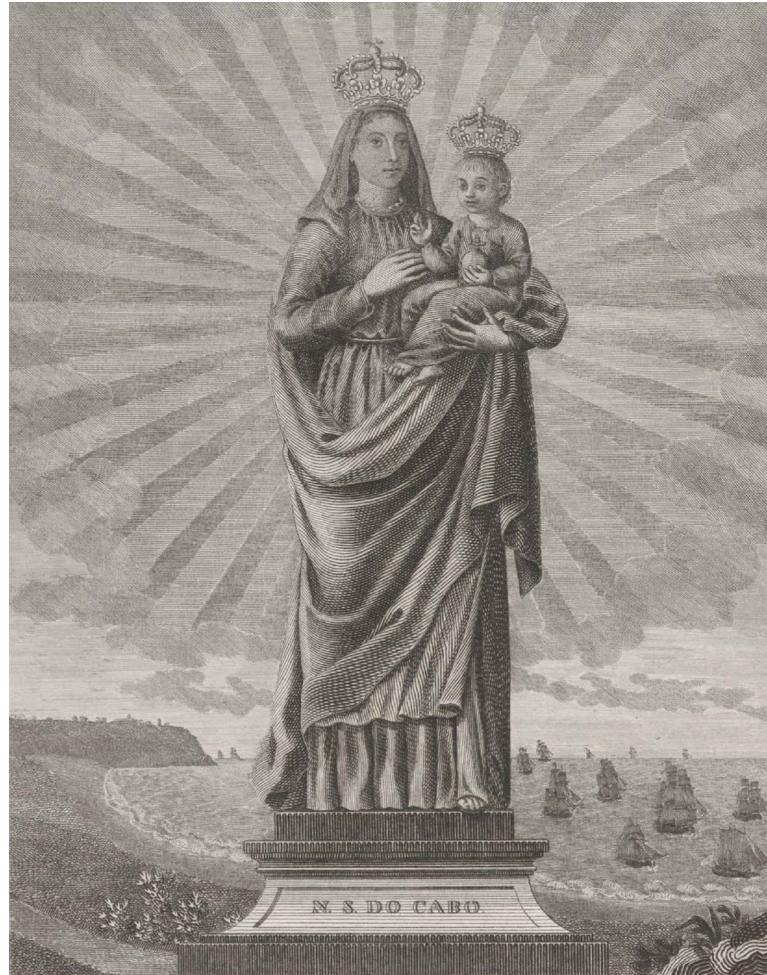
Podemos concluir assim, que além das referências estilísticas da Ermida da Memória, que nos remetem para a possibilidade da sua existência antes da reconquista cristã, o desenho desta ruína constitui uma peça importante no descodificar de uma evolução morfológica do santuário pré-cristão.

(1) Membros do sufismo, corrente mística e esotérica do islamismo, que engloba diferentes grupos ou seitas, e que se baseia na defesa da possibilidade de uma comunhão íntima e direta entre Deus e o ser humano, nomeadamente através de práticas ascéticas e extáticas (como jejuns, orações, dança, música, etc.) Fonte: Infopédia

(2) PEREIRA, Paulo- Enigmas. Lugares Mágicos de Portugal, Lisboa, 2005.

(3) Parede semicircular (no estilo românico) ou poligonal (no estilo gótico), por detrás do altar-mor, que fecha a nave principal de uma igreja.

Fig. 055. Iluminura presente no manuscrito Memória sobre a antiguidade das romarias e da Romaria de nossa senhora do Cabo Francisco Ildelfonso, 1854-1857.



As invasões Muçulmanas a sul da Península Ibérica, levaram a que as comunidades cristãs escondessem as suas santas imagens como forma de preservar a sua crença, entre os séc. VIII e o séc. XII.

Assim foi proclamado pelo concílio cristão que «todas as imagens fossem portáteis, para poderem ser levadas a sítios ocultos como sucedeu na invasão dos Mouros na Península, quando os fieis fugiram com elas enterrando umas e ocultando outras em grutas, montanhas (...) Por isso depois se encontraram imagens e o milagre do aparecimento provocava as romarias. A cada passo aparecia uma imagem da virgem a uma pastorinha inocente ou a um pescador aflito, e os locais e furnas dos tesouros mouriscos, animavam-se com aparecimento da Virgem, erecção de templos e a corrida dos romeiros» (1).

O mais antigo relato literário associado à lenda de Nossa Senhora do Cabo está presente na publicação "Anacephalaeoses" de 1621 em Antuerpia, redigida pelo pregador e escritor jesuíta Padre António de Vasconcelos (2), e faz parte de um elenco de Santuários dedicados à Virgem Maria na região de Lisboa. Nesta mesma publicação estão associados outros templos da diocese de Lisboa, como a Senhora da Penha, da Atalia, Mercena e um templo num promontório, "quod antiqui Barbarium nominabant", isto é "no promontório a que os antigos chamavam Barbárico" e que hoje designa o território do Cabo Espichel.

Da análise dos relatos históricos, podemos distinguir duas lendas fundacionais associadas ao culto de Nossa Senhora do Cabo: numa primeira lenda, a descoberta é atribuída exclusivamente a homens da caparica, na margem sul do Tejo; a segunda é atribuída a habitantes de Alcabideche, representando as duas margens do rio.

Quanto à primeira versão, Frei Agostinho narra-a de forma bastante imprecisa:

«No mar Oceano, para a parte do meyo dia da Corte, e cidade de Lisboa, mete a terra hua ponta, ou despenhada rocha, a que navegantes chamão o Cabo Espichel, e os antigos chãmarão Promontório Barbárico(...) Neste sitio sobre a rocha se vê hua Ermidinha, que se edificou para memória, a que chamão miradouro; he tradição constante, que apparecêra a imagem de nossa Senhora, que por ser vista naquella rocha, a que chamão Cabo, a denominarão com este título.(...) Os venturosos, eos que primeyro descobrirão este rico thesouro, forão alguns homes da Caparica, que hião àquella serra a cortar lenha, e daqui teve principio serem elles os primeiros também, que a festejassem. Por esta causa vão todos os annos com o seu cirio a solenizar a sua festa em primeiro Domingo de Junho (...)» (2).

O facto da menção ao corte da lenha estar presente na primeira versão da lenda do aparecimento de Nossa Senhora do Cabo não é completamente alheia à realidade. Sempre a margem sul do Tejo representou uma fonte de energia para a capital pela sua proximidade e pelo transporte por mar e rio que tornava a transação de lenha e outros materiais bastante comum na época.

Na segunda, Cláudio da Conceição afirma:

"Sonhou hum venturoso homem d'Alquebideche, que naquelle Promontorio de que fallámos

[Cabo Espichel], lugar áspero e deserto, apenas allumiado pela luz do Sol, e clarão da Lua, e onde Neptuno quebra todas as forças de suas empoladas ondas, sonhou digo, que via, e admirava huma Luz remota, e que lhe mostrava neste retirado solitário campo a mais bella flor de Jesse, que era ao mesmo tempo do mar brilhante Estrella (...) porêem diz como Moisés (...): he necessário que eu vá reconhecer esta grande maravilha que estou vendo. (...) Sulca os mares, dirige seus passos mais velozes que o pensamento, por lugares desertos, por caminhos não seguidos, por campos nunca dantes semeados, e afadigado da ancia, do excesso, e da calma procura allivio ao cançado corpo; e aqui se diz tivera o encontro com a devota mulher da Caparica, a qual sabendo tambem do maravilhoso caso, com indústria apressará os passos, deixando o Saloio entregue ao somno, e chegando primeiro ao sitio do Cabo, ficará para sempre Caparica com a preferencia nos Cultos. Este acorda, e não achando a mulher que se offerecêra para o acompanhar na jornada, ardendo seu peito na mais viva chamma de amor, apressa os passos para os ultimos fins do Norte, seguindo a Luz do Sonho que tivera. (...) embrenha-se em suas escarpadas róchas, entranha-se nas matas, cruza fragosas veredas como Moysés as do Oreb, e chega à presença de Maria. Que feliz homem! Acabou-se oSonho, elle o vê verificado (...) vê a Luz mais pura, goza da claridade mais perfeita. Sim, vê a Prodigiosa Imagem da Mãi de Deos, a quem já adorava a venturosa Caparicana. O Saloio se prostra junto a ella e reverente. (...) e conhecendo ser vontade de Deos, que se desse Culto á sua Santissima Mãi naquelle lugar retirado, na solidão do deserto assim o promettem, e se tem praticado até ao presente; e este lugar até então Promontorio Barbarico, sendo consagrado pela presença de Maria, he hum Sacro Promontorio. (...)

Divulgado por toda a parte o prodigio, fez-se a Ermida, e nella se colocou a Prodigiosa Imagem, que he lindissima, e tão magestosa, que em todos os que a veem infunde respeito.»(3)

A segunda lenda foi ilustrada num dos painéis de azulejos presentes no interior da Ermida da Memória, datados da segunda metade do séc. XVIII, cujo o conhecimento já era comum: «sonham dois venturosos velhos que aparecia a Senhora n'este lugar. Põem-se a caminho para se certificarem da verdade, onde se encontram e comunicam entre si os sonhos».

Além das duas lendas fundacionais do culto de Nossa Senhora do Cabo, existe uma de cariz claramente lendário, presente na obra o Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria. "Outros affirmarão que a Senhora apparecêra na praya que lhe fica em baixo da mesma penha, aonde se aedificou a Ermidinha, e que apparecêra sobre huma jumentinha, e que esta subira pela rocha assim, e que ao subir hia firmando as mãos, e os pés na mesma rocha, deixando impressos nella os vestígios das mãos, e pés; e que de ser isto assim o affirmava a tradição dos que virão estes mesmos sinaes, que já hoje tem gastado, e consumido o E como a Deos lhe não he impossivel obrar mayores maravilhas, bem podemos crer obraria esta, para que assim fosse por ella buscada, e venerada aquella Santissima Imagem. Aquella Ermidinha que se fundou no lugar aonde a Senhora parou, naquella liteirinha vivente que a levava, desfez muytas vezes o tempo; mas a devoçam dos que a servem, a reformou outras tantas vezes, a pezar dos seus rigores."(4)

A lenda descrita foi difundida ao longo dos séculos, tornando-se para muitos a lenda fundacional do culto mariano neste local.

O autor da obra *Nossa Senhora do Cabo, um culto das terras do fim*, é de opinião diversa. Segundo, Heitor Batista Pato, a presença de semelhantes vestígios terá sempre permanecido misteriosa, (até ao estudo geológico que permitiu a identificação de pegadas de dinossauros no local), no entanto pelo facto da imagem ter sido encontrada no cima da escarpa, onde acabariam as pegadas, esta teoria foi consequentemente acreditada pelos fiéis. O termo Nossa Senhora da Pedra da Mua, outra nomenclatura para designação de Nossa Senhora do Cabo, faz referência ao termo Mua, que surge da palavra mula. A incorporação da lenda no termo mua, é evidência da importância que esta lenda teve ao longo dos anos, apesar dos escassos manuscritos que o utilizam.

A referência ao termo, aparece mais divulgada no séc. XIX, talvez pela tentativa de romantizar a lenda e o lugar, à luz dos ideais românticos da época.

Assim, a lenda da pedra da mua será parte da etimologia do cabo, criado com o objetivo de justificar o acontecimento místico e injustificável, como todas as lendas o são.

- (1) CHAVES, Luis- Subsídios para a História da Gravura em Portugal, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.
- (2) BATISTA PATO, Heitor- Nossa Senhora do Cabo, O Culto das terras do Fim. Lisboa. 2008.
- (3) SANTA MARIA, Frei Agostinho de- Santuário Mariano, E História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, E das Milagrosas apparecidas, em graça de Prêgadores, e dos devotos de mesma Senhora., Lisboa: Of. António Pedroso Calrão, 1707/1723.
- (4) CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da- Memória da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo, descripção do triumpho com que os festeiros e mais povo de Benfica a conduziram á sua parochia em 1816, para festejarem em 1817. Lisboa: Impressão Régia, 1817. Capítulos IV e V, pp. 10-20.

Fig. 056. Hospital e Praça de Todos os Santos, Lisboa, 1526.

Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Fig. 058. Rua Nova dos Mercadores, Lisboa, 1570-1619. Kelmscott Manor Collection, The Society of Antiquaries of London.

Autor Flamengo desconhecido



O "Círio" era a designação comum para a "tocha grande de cera" (1) que os peregrinos levavam nas procissões e, por conseguinte, passou a designar também a "Festa de romagem para levar o Círio a algum Santo" (2).

Os devotos transportam em grupo o "círio" que é depositado sobre o altar da Virgem (3); comumente ornamentado com motivos alusivos à peregrinação, representa simbolicamente toda a comunidade envolvida no culto, pelo que a designação se estendeu ao próprio "ato de conduzir a um determinado sítio" (4). A origem dos círios em Portugal remonta ao século XVI, ainda que o termo círio só tenha sido utilizado no século XVIII, por Frei Agostinho de Santa Maria na obra *O Santuário Mariano*.

O carácter único das romarias estremenhas, quando comparadas com romarias de outras geografias, apresenta segundo Heitor Batista Pato, aspetos caracterizadores da sua singularidade.

Alheio ao Clero, este culto representa um voto comunitário de adoração a uma entidade de forma não individual, situando-se tanto no interior das freguesias onde a comunidade se instalara, quanto nos Santuários por estas devotos.

Estas procissões/romarias de larga extensão espacial, transbordavam os limites dos povoados e são fundamentais referências religiosas na comunidade, demarcando assim o espaço sagrado (interior) do espaço profano (no exterior).

O espaço dominado bem como o espaço desconhecido eram limitados pelas zonas de adoração dos Santuários, definindo assim os limites da sua área de influência "da sua terra".

«Esta devoção das Romarias he muito própria do Povo Portuguez. Elle tem sido constante em conservar esta devoção a exemplo dos seus antepassados. A aparição de muitas imagens da Santissima Virgem escondidos de muitos séculos por causa da irrupção dos barbaros, despertarão nos Povos, que levantarão Templos, e erigirão novas Romarias; e como a concorrência era de diferentes Logares e Freguesias por destinação e boa ordem dos festeijos, cada Povo tinha naquelle templo huma grande Tocha, que accendião ao Tempo do seu festeijo, e a esta Tocha chamarão Cirio, cujo nome também passou à corporação dos Romeiros, que em certo e determinado tempo ião festejar Nossa Senhora. Muitos Cirios, e Romarias ha neste Reino de Portugal, principalmente na Provincia da Estremadura, onde são celebrados (...) Mas de todos elles sobresaem na magificencia e grandeza os dois que se chamão Reaes, o de Nossa Senhora da Narareth e o de Nossa Senhora do Cabo.

A Forma do apparecimento da venerada Imagem de N. Senhora do Cabo se divulgou com rapidez, e os Povos obdientes à sua voz, correrão a ver, e adorar o simulacro da Mãe de Deos. Todos attendem as persuasões dos velhos descobridores daquelle tesouro e todos pertencem ter parte nelle» (5).

Na margem sul do Tejo, o círio foi celebrado desde o início pela freguesia de N. Senhora do Monte da Caparica, «foi sempre o primeiro a festejar N. Senhora e jamais se lhe poderá tirar esta posse dos séculos, assim como a freguesia de Alcabideche he a primeira das do Giro do Termo».

Na margem norte, a mais célebre e notada manifestação do círio saloio, congregou em 1430, 30 freguesias, que se deslocavam ao cabo em forma de adoração e rito, contribuindo para a aproximação das duas margens do rio.

A região saloia engloba os atuais concelhos de Lisboa, Cascais, Oeiras, Sintra Mafra, Loures e Odivelas. A planta lateral, identifica e localiza as freguesias pertencentes ao círio saloio da margem norte a encarnado e os círios na margem sul do tejo a cinza. Nesta planta podemos identificar os percursos feitos pelos peregrinos em procissão até ao Cabo.

Atualmente, os círios saloios congregam 26 freguesias após a freguesia de Mafra, Arranhó, Bucelas, e Unhos terem decidido abandonar o círio saloio no século XVII, enquanto na margem sul apenas se continuam a realizar o círio de Sesimbra, Azóia e Palmela.

- (1) BLUTEAU, Rafael e António de Morais Silva. Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa. 1789
- (2) DIAS, José de Oliveira. Maria: Études sur la Sainte Vierge. p.617. Paris. 1956.
- (3) FREIRE, João Paulo. Lãs e Círios no concelho de Mafra: O círio de todos os Santos e o círio da Senhora da Nazareth. p.15. Porto. 1926.
- (4) SANTA-MARIA, Agostinho. Santuário Mariano, e História das imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores e dos devotos da mesma Senhora. p.85. Lisboa. 1707
- (5) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

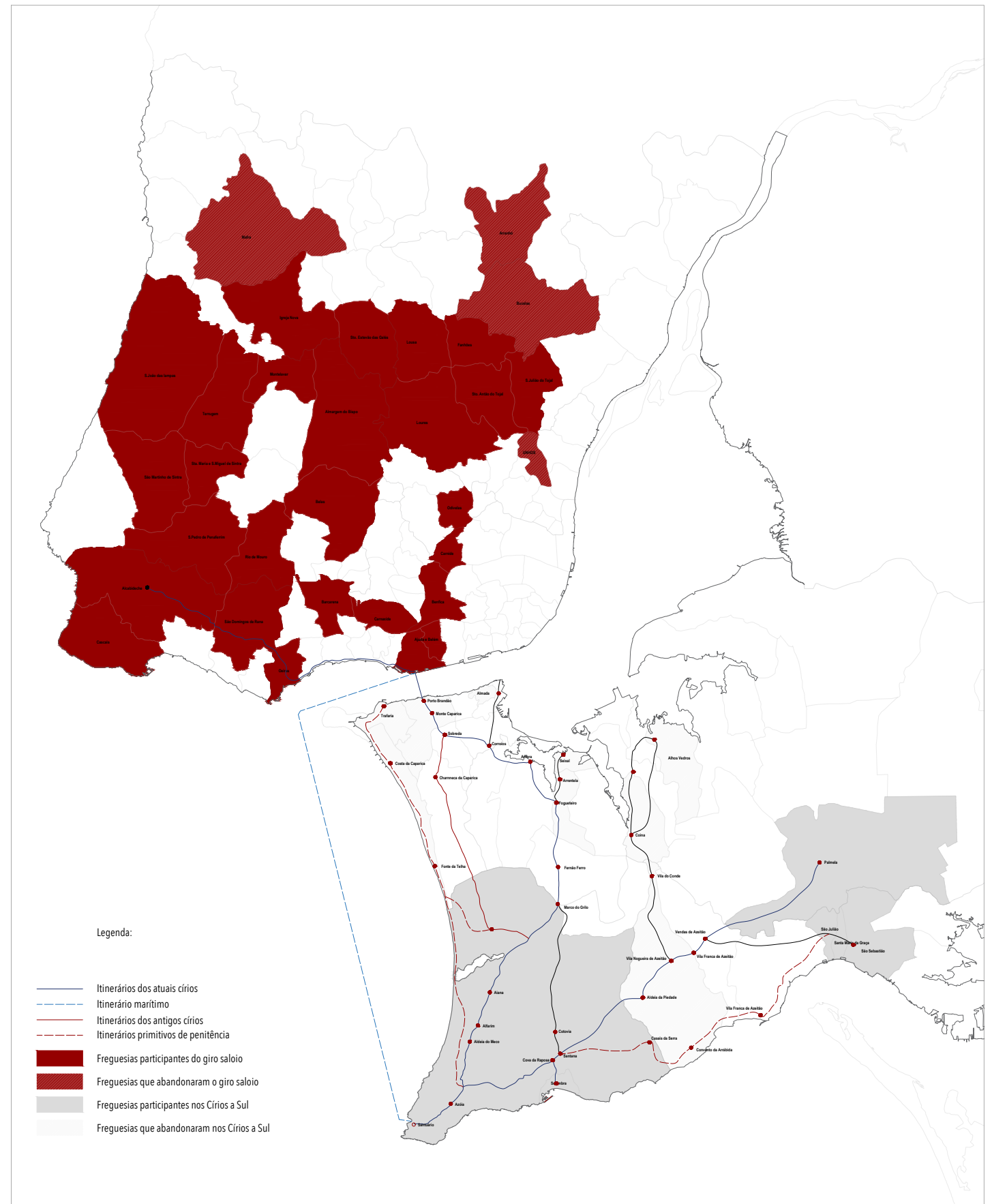




Fig. 058. O semanário *O Domingo ilustrado* nº 141 de 25 de Setembro 1927.

Na margem sul do Tejo, ainda se comemoram os Círios de Palmela, Sesimbra e dos Agricultores ou da Penitência referindo-se aos habitantes da Azóia e redondezas de Sesimbra (Zambujal, Alfarim, Aldeia do Meco, Caxias, etc.). Cada uma destas celebrações têm características próprias e são realizadas em diferentes datas.

O Círio de Palmela, que se comemora no dia 15 de agosto, é bastante significativo agregando centenas de pessoas anualmente. É facto, que este "Círio" foi um dos principais impulsionadores da construção do conjunto do Cabo, deixando como testemunho um altar dentro da igreja com a seguinte legenda: «Esta capela mandou fazer o sírio de Palmela de suas esmolas no anno de 1722»(1).

A permanência destas festividades remete-nos para formas simbólicas de adoração mais arcaicas, em que as confrarias populares ou Círios, se deslocavam para o Santuário em cumprimento de uma «promessa antiga», que a comunidade teria feito em busca de boa fortuna.

Luís Marques, na sua obra "O Paraíso no Fim do Mundo: Um culto a Nossa Senhora do Cabo" revela que a imprensa, de circulação nacional, documentou com «certa regularidade» as festas de Nossa Senhora do Cabo, incluindo o Círio de Palmela.

No jornal *O Século* de 20 de Agosto de 1925, foi relatado que cinco dias antes da sua publicação "houve missa mandada dizer pelos romeiros do círio de Palmela", e a noite no "teatro do Espichel, recita por amadores de Palmela". *O Diário de Notícias*, poucos dias depois, publicou sobre a Festa em Honra de Nossa Senhora do Cabo, que para além da missa e ladainha se realizaram "vários divertimentos, tendo-se dançado muito. (...) À noite, um grupo de rapazes promoveu um espetáculo no teatro desta localidade, a que se seguiu um baile que se prolongou até de madrugada. Tudo correu na melhor ordem, tendo os romeiros retirado muito satisfeitos no dia 16 á tarde.» (2)

Este círio ainda hoje tem lugar no mesmo dia, (15 de agosto) e convida dezenas de famílias à sua participação. Demorando pouco menos de uma hora de viagem, os membros da confraria encontram-se no santuário e dão as três tradicionais voltas ao cruzeiro como outrora estipulado, ignorando o estado avançado de ruína em que o Santuário se encontra.

«Este território finisterra fica assim marcado pela sua cíclica presença. Anualmente, aqui se destacam a missa que habitualmente ocorre cerca das 16 horas, a procissão com o seu cunho envolvente do espaço sagrado e pouco depois, o leilão das bandeiras e o pequeno baile, todos com acompanhamento dos músicos da Humanitária (Filarmónia Humanitária Palmalense). O seu retorno à vila, dá-se após o jantar, com o cumprimento do ritual em torno do cruzeiro, um anúncio de que no ano seguinte continuarão a perpetuar a vontade cultural dos seus antepassados (...). (3)

O Círio de Sesimbra, por sua vez, realiza-se no último fim de semana do mês de setembro, sendo o Círio que mais gente comporta. Centenas de pessoas se dirigem ao Cabo para homenagear a Santa Virgem. São essencialmente pescadores ou familiares de pescadores, e dão continuidade à tradição de pernoitar no Cabo como os restantes círios, alguns em tendas, outros em caravanas e outrora nas hospedarias. Depois das três tradicionais voltas ao cruzeiro, os Sesimbrenses dirigiam-se ao "ca-seiro" que facultava as chaves das hospedarias, para



que estes procedessem de imediato à limpeza dos sobrados e lojas, e mais tarde à "esfrega" do chão da igreja.

«Durante o período da festa, a chave e a responsabilidade pela igreja pertencia ao juiz e à sua família.

No sábado, as raparigas iam ao campo apanhar flores para decorar o andor da S.<sup>a</sup> do Cabo. À tarde, havia garraizada na Mãe- d'Água. Pouco depois do jantar realizava-se o baile na antiga casa do Círio de Lisboa que se prolongava pela noite fora. Por vezes havia sessão de fados.

No domingo, repousavam um pouco mais de manhã e ultimavam os fatos que posteriormente iriam estrear. À tarde, havia missa, seguida de procissão, com um percurso igual ao actual. Depois da concentração junto à igreja, os mordomos com as opas vermelhas formavam alas, iniciando-se o préstito acompanhado pelo páraço, convidados ilustres, grupo filarmónico e restantes participantes que seguiam atrás do andor com a imagem pequena de S.<sup>a</sup> do Cabo.

O cortejo passava junto às casas da ala sul, torneava o cruzeiro, dirigia-se para o lado das casas da ala norte, rumando até à Ermida da Memória, onde fazia uma breve paragem de meditação e onde era dada a bênção aos pescadores e ao mar, com a imagem da S.<sup>a</sup> do Cabo sempre de frente para o mar. Retornavam ao cruzeiro, culminando à porta da igreja, onde a imagem virada para a multidão, numa breve pausa, permitia como que uma despedida coletiva até ao ano próximo.

Mais tarde, tinham lugar a arrematação das bandeiras e, à noite, o baile.

Na segunda-feira, bastante cedo, começava o ritual da "lavagem da cara" no poço pequeno, com acompanhamento musical e grande participação dos jovens, seguindo-se a missa pela memória dos membros da confraria já falecidos, no fim da qual eram anunciados os nomes dos novos juizes e juiza (marido e mulher ou pai e filha). (...)

À noite havia baile, sendo vulgar a realização de sessões de fados na Casa do Teatro ou da Ópera.» (4)

Ao contrário do que acontece no Círio de Palmela, o Círio de Sesimbra não tem imagem própria, neste cortejo é utilizada uma pequena imagem que se encontra no altar-mor da igreja do Cabo.

Em 2022, o cortejo organizou-se da seguinte forma:

Escoteiros, mordomos e outros participantes empunhando o crucifixo e duas lanternas, bem como duas bandeiras; páraços (atual e futuro); andor com a imagem de Nossa Senhora do cabo; convidados; Banda da Sociedade Musical Sesimbrense e população. O cortejo saiu da igreja, deu a volta ao cruzeiro, dirigiu-se à Ermida da Memória (paragem obrigatória), com a imagem virada para o mar, retorno ao terreiro, com nova volta ao cruzeiro e recolhimento da imagem na igreja.

(1) Inscricção presente no interior da igreja de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Cabo.

(2) Jornal Diário de Notícias, 31 de Agosto de 1925.

(3) MARQUES, Luís. O Paraíso no "Fim do Mundo": O culto de Nossa Senhora do Cabo, 2007. p 126.

(4) MARQUES, Luís. O Paraíso no "Fim do Mundo": O culto de Nossa Senhora do Cabo, 2007. p 133.

Fig. 060. Círios junto à Ermida da Memória, Setembro 2022.  
Fotografia do autor





Fig. 061. Em frente os párcos e mordomos transportando a imagem de N.ª S.ª do Cabo. Setembro de 2022  
Fotografia do autor

Fig. 062. O transporte das bandeiras processionais, Setembro 2022.  
Fotografia do autor



Fig. 063. Procissão, Setembro de 2022.  
Fotografia do autor

Fig. 064. O párcos e o sucessor, Setembro 2022.  
Fotografia do autor

A Festa dos Agricultores ou da Penitência, tem como participantes os habitantes da Azóia e das aldeias circundantes como Zambujal, Alfarim, Caixas Aldeia do Meco entre outros... Esta Festa realiza-se anualmente no segundo domingo a seguir à Páscoa, sob a invocação de N.ª S.ª do Cabo e do Senhor Jesus do Bonfim. Desconhecendo-se a origem da sua realização, foi transmitida pelos antepassados que almejavam boas culturas e água em abundância. Este Círio congrega várias dezenas de pessoas maioritariamente mulheres, que se reúnem em adoração a estas duas entidades.

Para além dos círios descritos, à memória dos Círios de Setúbal e de Coina, ou marcas da presença de outros, como as inscrições datadas que se encontram em vários altares da igreja do Cabo: Seixal e Arrentela (1720), Almada (1718), Azeitão (1720), Setúbal (1720), Caparica (1719). A organização deste último não diferia do Círio Saloio, e era realizado no primeiro domingo de maio, pois a sua representatividade repartia-se, alternadamente, por cada um dos lugares ou varas: Monte da Caparica, Trafaria, Costa da Caparica e Sobreda.

Luis Marques referencia uma entrevista dada em 1981, ao guardião das instalações do Cabo, Adelino de Carvalho, então com 78 anos, e a viver no Espichel desde os 10 meses de idade. Nesta entrevista Adelino Carvalho recorda as romarias caparicanas: «ainda há poucos anos cá vinham. Faziam um arraial bem bonito. Agora só Palmela e Sesimbra é que têm datas marcadas. Antigamente eram muitas mais.» (1) Este Círio prevaleceu até meados da década de 50 do séc XX, caindo no esquecimento até aos nossos dias.

(1) MARQUES, Luis. O Paraíso no "Fim do Mundo": O culto de Nossa Senhora do Cabo. 2007. p 175.

## O CÍRIO SALOIO

Desde 1893, o *Compromisso* dita que o giro se efetuara anualmente na margem norte do rio tejo, excluindo a obrigatoriedade das freguesias se deslocarem ao Cabo. A travessia do rio tejo em direção ao cabo só aconteceria, unicamente, no ano em que a imagem de N.ª S.ª percorresse as 26 freguesias que compõem o *giro*, ou seja a cada 26 anos.

«Anteriormente, a bandeira e a imagem só circulavam de uma para outra das freguesias, segundo a ordenação estipulada. Ali eram entregues aos que durante um ano iriam comemorar a S.ª do Cabo na sua freguesia. No regresso, apartir do Porto Brandão, atravessavam o Tejo, em direção a Belém onde, após uma pausa, seguiam para a freguesia respectiva.» (1)

(1) MARQUES, Luis. O Paraíso no Fim do Mundo: O culto a Nossa Senhora do Cabo. Lisboa, 2008, p177.

O SANTUÁRIO



Fig.065. Ortofotomapa do Conjunto de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2021.  
Google maps.  
Tratado pelo autor

0 30 100 m

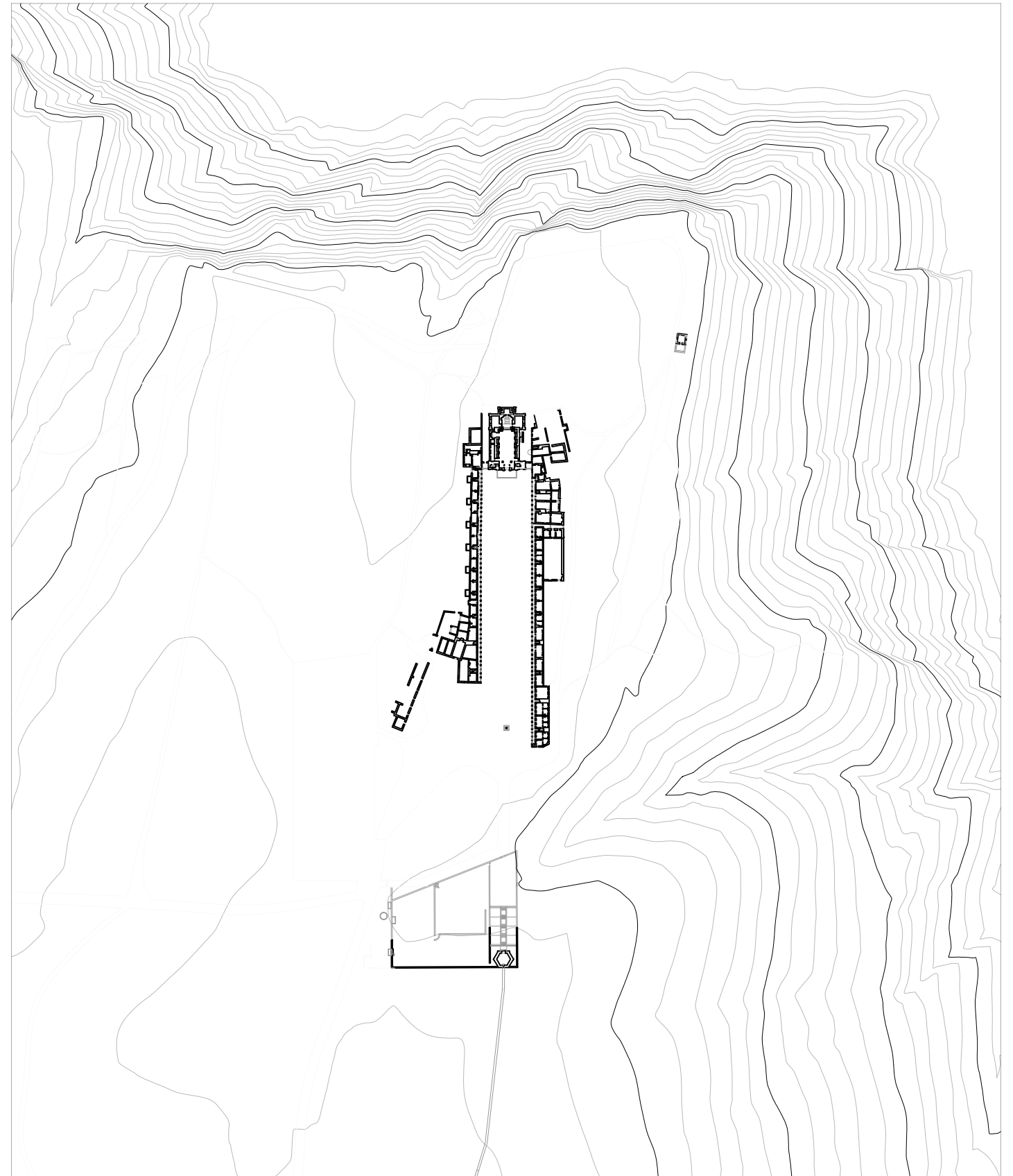




Fig. 066. Arcaria, Cabo Espichel, déc. 50.  
Arquitetura Popular em Portugal, Lisboa. Ordem  
dos arquitetos, 2004

Fig. 067. Igreja e hospedarias, déc. 40.  
Horácio Novaes (1910-1988)  
Arquivo F. C. Gulbenkian.



## O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO

«No planalto que o cabo Espichel lança sobre o mar, surge-nos o raro exemplo de um aglomerado planificado. O conjunto deve-se à romaria da Nossa Senhora do Cabo, tem como fulcro a igreja e dão-lhe corpo as instalações para peregrinos. A origem lê-se em lápide da época, colocada numa das alas:

Casas de Nossa S.  
de Cabo Feitas por  
conta do Sírio dos  
Saloios no ano de  
1757  
P. Acomodação dos  
Mordomos que Vierem dar Boda

A vida do aglomerado seria intensa, uns quantos dias por ano, enquanto os círios ou grandes peregrinações lá se conservassem. Para então, havia todo o equipamento que a vida desde o século XVIII até ao princípio dos nossos dias exigia. Além das casas e do templo, um teatro, uma padaria, cozinhas colectivas, fostes e cocheiras integram-se no conjunto.

Em contraste com a tonalidade dos aglomerados, de génese espontânea, este aparece-nos racionalizado e como produto duma composição. A estrutura fundamenta-se no vasto largo rectangular- o arraial-, definido pelo plano da fachada da igreja e pelas duas alas paralelas.

O topo nascente é aberto, mas o espaço é limitado pelo cruzeiro e pela casa da água. O comprimento dos dois corpos, que as casas dos peregrinos formam, é diferente- enquanto a norte o ritmo das arcadas vence 63 vãos, a sul não passa de 47-; deste modo quem se dirige para o santuário, vindo pela estrada de Sesimbra, compreende o recinto sem ainda ter atingido o terreiro.»(1)

A presente descrição retirada do segundo volume do livro *Arquitetura Popular em Portugal*, elaborado pelos arquitetos Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias elucida com mestria a composição do santuário.

No estudo que se segue, a abordagem tenderá para a dissecação da estrutura que compõem o Santuário em várias partes: a primeira sobre o recinto do Arraial, como espaço distribuidor e ordenante de todas as edificações, a segunda a Igreja como peça principal desta cenografia, a terceira a que corresponde a Ermida da Memória de onde surgiu o culto, a quarta que relaciona as hospedarias, a quinta a Casa da Ópera e a sexta a Casa da Água e aqueduto.

(1) ORDEM DOS ARQUITETOS - *Arquitetura Popular em Portugal Vol.2*. Lisboa. Ordem dos Arquitetos, 2004.



Fig. 068. Romaria no Arraial, Cabo Espichel, déc 60.  
Fundação Caloust Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964

Fig. 069. Santuário de Nossa Senhora do Cabo, década de 60.  
Autor: António Ângelo do Couto  
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).



## O ARRAIAL COMO RECINTO

O termo "recinto" refere-se a uma área delimitada, geralmente cercada ou murada, mais ou menos permeável, destinada a um determinado uso ou atividade.

Do latim "Recintus" que significa "cercado" ou "limitado", representa a chegada a um espaço novo de carga religiosa ou não, que evoca o sentido da clausura como uma vontade de aproximação a uma comunidade que dispõem em si as mesmas crenças e valores.

No Santuário do Cabo Espichel, o arraial construído durante o Século XVIII, fruto da construção sucessiva das hospedarias, constitui, segundo António Freitas uma "ambiência humana obtida pela definição exata do espaço que interessa ao Santuário"(1). Nesta afirmação o autor destaca a importância do mesmo na relação com os restantes elementos que compõem o conjunto.

Este gigantesco nártex colunado (2), tem a função de receber o peregrino na chegada ao Santuário através não só do seu impacto paisagístico, no centro de um lugar em que o horizonte é definido pelo mar, mas também através das alas das hospedarias, que sendo de diferentes comprimentos desenharam como um "portal" de entrada neste universo. A planta em U abre generosamente o arraial para quem chega, protege dos ventos intensos, destacando o eixo do templo, o cruzeiro principal e a casa da água.

Neste cenário Sagrado é evidenciado o enorme vazio que acolhe e dirige a atenção para o centro do culto, o Sancto Sanctarum, termo utilizado no latim para definir "o Lugar sagrado dos Lugares Sagrados".

O arraial foi palco de festividades associadas ao Círio Saloio desde a sua construção. Largadas de Touros, feiras, petiscos e divertimentos faziam parte da agenda anual do Cabo e atraíam centenas de romeiros à Festa de Nossa Senhora do Cabo(3).

Na Gazeta de Lisboa, de 29 de Maio de 1784, narra «todo o campo que cerca o arraial, se acha guarnecido de quasi 2000 barracas de campanha, a maior parte das quaeserão das que se costumão dar aos Coroneis e Genaraes, o que fazia huma muito formosa vista. Compunha o campo huma grande rua de vivandeiros de todos os generos de comestiveis, seguindo-se a esta outra de lojas de capella, até à entrada do Arraial».

As Festas de Nossa Senhora do Cabo realizam-se até hoje no último fim de semana do mês de setembro e perpetuam a festividade de cariz saloio que desde o início é praticada.

- (1) FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel», n.º 70; Lisboa: Março 1961.  
(2) BATISTA PATO, Heitor, Nossa Senhora do Cabo: um culto da terras do Fim, Lisboa, 2008.  
(3) MARQUES, Luís - O Paraíso no «fim do mundo» - O culto de Nossa Senhora do Cabo . Lisboa: Sextante, 2007.

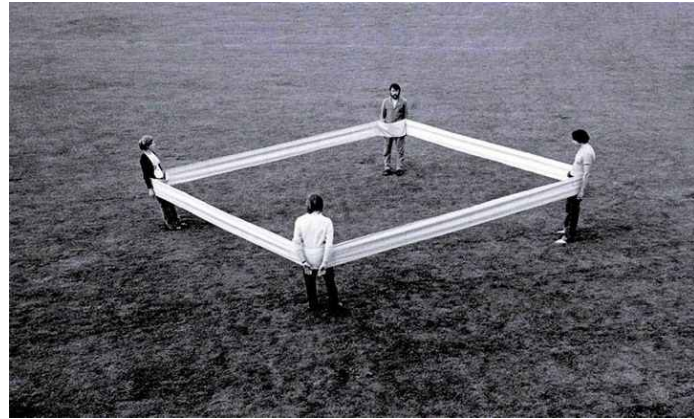


Fig. 070. Four Body Heights, Franz Erhard Walther, 1968  
Franz Erhard Walther- Work as Action, New York, 2010-2012.

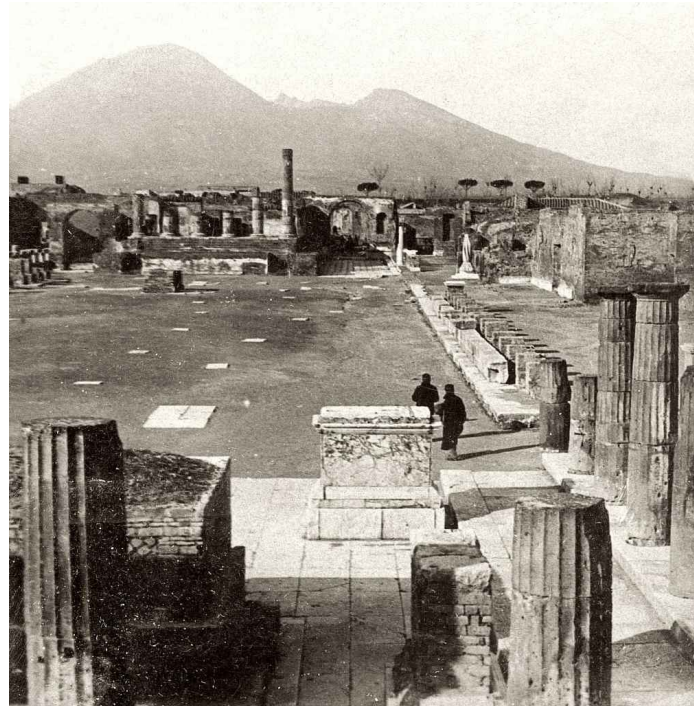


Fig. 071. Fórum de Pompeia, Italia, 1894  
<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-softificadas/Unbekannt/776467/O-f%C3%B3rum-de-Pomp%C3%A9ia,-It%C3%A1lia,-1894.html>



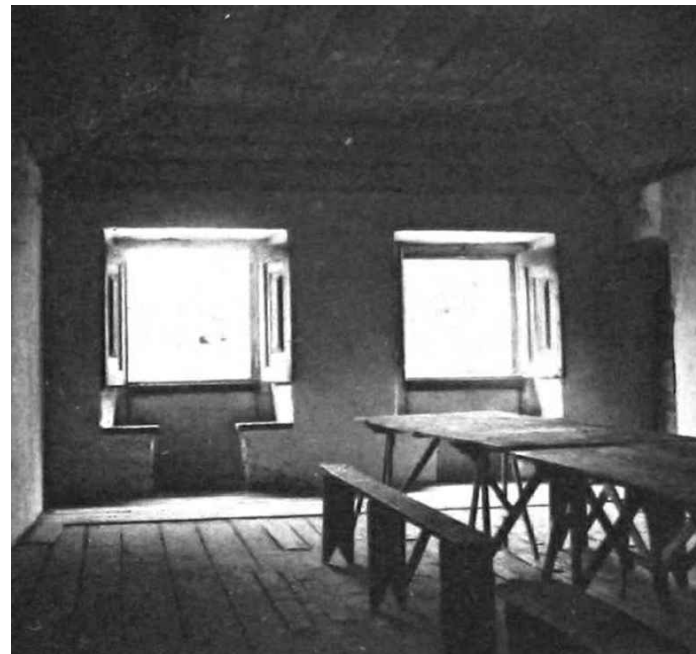
Fig. 072. Praça de São Marcos, Veneza  
Marcos Fluvio Roiter (1926-2016)



Fig. 073. Ortofotomapa da Praça de São Marcos e envolvente  
Google Earth consultado em Abril de 2023



Fig. 074 e 075. Interior das hospedarias, déc 60.  
Fundação Caloust Gulbenkian, O Santuário de Nossa Senhora do  
Cabo Espichel. 1964



«As hospedarias setecentistas do Espichel- e aqui reside o carácter único em Portugal- não constituem um apenso que houvesse sido acrescentado à igreja, antes a integram num conjunto harmonioso e unificado, antecedendo-a, focalizando-a e fazendo-a coroar a praça pública que delimitam.»(1)

A tipologia do perímetro do Santuário ser limitado pelas hospedarias é anterior à atual construção. Antes da edificação da atual Igreja, uma menor e primitiva capela teria lugar junto à Ermida da Memória, e nessa estrutura existiam já hospedarias de desenho irregular, "formando um arraial quase fechado". (2)

No início de século XVIII, a afluência de peregrinos ao santuário aumenta exponencialmente obrigando à construção da nova Igreja (a atual), por isso foram destruídas as antigas hospedarias como forma de aproveitamento dos materiais para a construção de um novo modelo de santuário. Então, um rígido conteúdo programático foi proposto bem como uma geometria e dimensão capazes de suprir as necessidades dos peregrinos. Desta intenção foram criados dois "Riscos" axiais que desenhariam as futuras hospedarias, caracterizadas pela arcaria no piso térreo onde se instalariam os apoios ou lojas e no piso superior os sobrados ou as habitações temporárias para os romeiros.

As hospedarias apresentam 47 arcos na ala sul, com a correspondência de nove escadas, dezoito sobrados e dezoito lojas, a ala norte é composta por 63 arcos, e acomoda onze escadas, vinte e um sobrados e vinte e uma lojas. Nesta construção de génese saloia predominam os materiais típicos da arquitetura popular da zona estremenha, tais como a pedra, a cal e a madeira. As proporções das coberturas e vãos obedecem a uma regra presente na arquitetura vernacular em que o sobrado ganha destaque como Habitação principal e as lojas como espaços voláteis passíveis de mudança de programa sempre que necessário.

A organização das hospedarias, como já vimos, está dividida em dois níveis, que se refletem em módulos conjugados dois a dois. A entrada nos módulos é antecedida pelo alpendre/galeria constituída por arcos abatidos sobre colunas de pedra sem ornamento e que faz a transição do espaço público do arraial para o espaço mais privado das lojas e por sua vez do acesso às habitações no nível superior. Este acesso é feito através de uma porta em arco de volta perfeita que conduz às escadas permitindo a entrada nos dois módulos de habitação a que estas dão acesso.

O esquema de organização espacial é replicado ao longo das duas alas variando apenas o tamanho dos respetivos cómodos.

É de notar que um dos conjuntos de azulejos presentes na Ermida da Memória, sugerem a existência de telhados de quatro águas para cada um dos módulos, ao contrário do que acontece hoje, em que as hospedarias partilham apenas um telhado contínuo, na sua maioria.

(1) BATISTA PATO, Heitor, Nossa Senhora do Cabo: um culto da terras do Fim, Lisboa, 2008.

(2) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

Fig. 076. Alçado da ala norte das hospedarias, déc 50  
Revista Arquitetura n°70, 1961

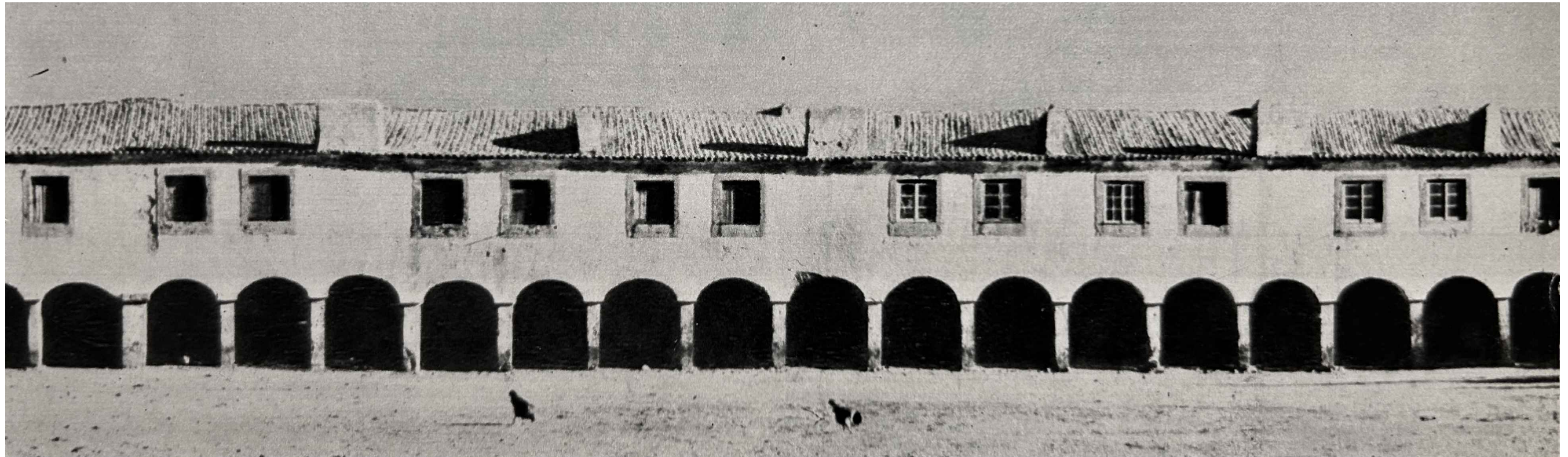




Fig. 077. Ermindade da Memória, 2022  
Fotografia do Autor

“Muitas coisas ha que todos os dias se nos põem diante de vista, ignorando-se contudo o preciso momento da sua existência! Quanta divergência existe entre os sábios para designar com exactidão a data da criação do mundo? - E todavia elle teve o seu principio e foi creado, porque, contingente, não podia ser etreno, nem increado.

Assim também a Erminda de Nossa Senhora do Cabo, que ignora-se quando e como teve o seu começo de erecção; pois confunde-se na densa neblina dos tempos que lá se summiram na vertiginosa voragem dos séculos. Vários escriptores antigos falam della; mas nenhum aponta a data precisa em que ella foi edificada, nem o motivo porque foi escolhido (...) o Cabo de Espichel, para este fim.”(1)

Talvez mesmo antes do domínio cristão do território extremenho, a Ermida já existiria...

Em meados do século XVIII, o espaço sagrado do Cabo Espichel esteve sujeito a profundas transformações ao nível do edificado presente. Neste conjunto de intervenções foram eliminados vários edifícios pertencentes a um aglomerado arquitetónico anterior. Desta estrutura edificada, subsistiu a que muitos investigadores identificam como “kubba” ou “kubbeh”, um monumento de planta quadrada, volume em meio cubo e zimbório semiesférico, que remete para um tipo específico de arquitetura islâmica, anterior á reconquista cristã, e que hoje conhecemos como Ermida da Memória.

Esta construção de pouco mais de 4 metros de lado, pode ser indicativa de um espaço de culto islâmico que após a reconquista fora anexada pela nova cristandade. As “Kubbas” eram na sua maioria espaços funerários de santas personalidades e locais de oratório, mas também lugares de ermitério como se pode observar no Norte de Africa, “nas confrarias muçulmanas ligadas ao sufismo”.

No entanto, a Ermida da Memória pode também ter sido edificada com as premissas islâmicas ainda muito latentes nas primeiras décadas da reconquista devido aos largos anos de influência muçulmana, no entanto não há registos sobre a data exata da sua edificação.

Este pequeno templo está implantado no limite norte do escarpado do Espichel, sobranceiro á Baía dos Lagosteiros, local onde pela presença de pegadas de dinossauros surgiram as lendas que estão na origem do culto Mariano.

A “carta de consentimento e autoridade” passada em 22 de Fevereiro de 1414 pelo cónego da Sé de Lisboa Estêvão Gonçalves, em nome do Arcebispo de Lisboa, D. João Afonso de Azambuja (2), é o primeiro registo da existência da Ermida da Memória, no entanto a sua data de edificação continua incerta, sendo muito provavelmente de uma época anterior.

O templo de planta quadrangular e pouco expressiva em altura, é coroado por uma invulgar cúpula contracurvada, rematada por um «pináculo boleado, cuja bola terminal desaparecera nos anos 90 do século passado». (3)

A chegada é feita através de um pequeno adro/miradouro que enquadra a paisagem a Norte, sobre a praia dos Lagosteiros.

O interior caiado é revestido a meia altura por azulejos setecentistas de tonalidades azuis e brancos, representando o milagre da Virgem e a construção da Ermida, da atual igreja e do Arraial, bem como a representação dos romeiros na chegada ao santuário por motivo do Cirio. No exterior, uma composição de dois painéis de azulejos de traça igualmente barroca, adornam a fachada Sul e convidam á entrada no templo. A porta principal é adornada pela inscrição em baixo relevo:

"FUIT REPARATA (...) ANNO A NATIVITATE CIDCCLVIII", referindo que a ermida foi alvo de uma reabilitação na data de 1758, por iniciativa do Capelão padre Agostinho da Costa de Portugal(4), data possível da pintura dos painéis de azulejos presentes no seu interior.

(1) PIEDADE e COSTA, Diogo Francisco. Luz de Portugal, História da Nossa Senhora do Cabo.1899, p10 cap.III.

(2) Nesta carta o Cónego da Sé de Lisboa Estevão Gonçalves escreve: "Diogo Mendes Commendador de Cezimbra me mandou dizer, que na dita sua Commenda de Cezimbra é edificada sua Ermida, a quem chamam Santa Maria do Cabo, que se logo [lugar] de grande romagem, e devoção (...): e que (...) ele por o bem, e saúde de sua alma, e remuimento de seus pecados queria fazer pura, e irrevogável doação da dita Ermida, e oferecia o dito Oratório, e logo onde ele está ao Mosteiro de Santa Maria do Carmo de Lisboa (...)." PIEDADE e COSTA, Diogo Francisco. Luz de Portugal, História da Nossa Senhora do Cabo.1899, p10 cap.III.

(3) BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: O culto das Terras do Fim. Lisboa, Novembro 2008. p 251.

(4) SANTOS, Francisco Ildelfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.



Fig. 84. Representa a Senhora entre resplandares sobre um monte e os dois velhos, cada um para seu lado dormindo

Distico:

"Sonham dois venturosos velhos que apparecia a Senhora n' este logar."

Fig. 85. Representa os Velhos Caminhando por entre montes

Distico:

Poem-se a Caminho pra se certificarem da verdade, a onde se encontrarão, e communicão entre si os sonhos

Fig. 86. Representa a senhora com o Menino Jesus nos braços, sentada sobre uma jumentinha, um anjo guiando-a pela rédea, e outro atrás seguindo-a com as mãos nas costas.

Distico:

"Chegando a este sitio, vêem com admiração subir a Senhora pela Rocha."

Fig. 87. Representa Nossa Senhora sobre o monte, vários Romeiros com alfogues às costas, uns caminhando e outros já adorando a Senhora

Distico:

"Publicada por ellas a maravilha, vem outras em sua companhia para admirarem o prodigio."

Fig. 88. Representa três homens trabalhando na edificação de uma Ermida.

Distico:

"Edificou-se uma Ermida para os primeiros cultos."



Fig. 89. Representa a edificação de um templo em que se vê homens trabalhando na construção das paredes já elevadas.

Distico:

"Com a concorrência das gentes se fabrica outra, no lugar onde hoje se vê a magestosa egreja."

Fig. 90. Representa, a vista de um pequeno templo, e na campina contigua, se veem várias barracas, e algum povo em forma de arraial.

Distico:

"Fórma do arrayal d' aquelles primeiros tempos."

Fig. 91. Representa a edificação da magnifica Igreja em que atualmente se venera a Senhora do Cabo, e se vê o Mestre da Obra determinando os Operários.

Distico:

"Dá-se principio à magestosa egreja, em 1701."

Fig. 92. Representa a Igreja atual de N. Senhora do Cabo e a edificação do arraial, em cuja construção se vêem empregados carios artificiais e outros que vêem em romagem.

Distico:

"Faz-se o novo arrayal."

Fig. 93. Representa, a perspectiva da Igreja, e arraial pelo qual se vê entyrat um Cirio, trazendo adiante da Bandeira, musica de Clerigos e atabales.

Distico:

"Entrada de festeiros no novo Arraial"



Fig. 089. Romeiros junto à porta principal da Igreja de Nossa Senhora do Cabo, déc 80.  
Arquivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico)



Fig. 090. Interior da Igreja de Nossa Senhora do Cabo, déc 80  
Arquivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico)

Nos finais do Séc XV, já a Ermida da Memória se revelava pequena para a quantidade crescente de peregrinos que se tornavam devotos da Nossa Senhora do Cabo.

Assim, por ordem do comendador Diogo Mendes de Vasconcelos, em 1495, deu-se início à construção de uma segunda Igreja (1). Nos painéis de azulejos presentes na Ermida, pode observar-se a edificação da segunda igreja, que nada resta, fruto do aproveitamento do material pétreo escasso nesta zona para a construção do novo templo.

A terceira, contemporânea da segunda, foi construída pelos povos das freguesias do termo que através do manuscrito *Memórias sobre a antiguidade das romarias* de Francisco Ildefonso dos Santos revela ter sido construída num local "isolado, por que era costume, quando entravão os sirios, rodear o templo trez vezes antes de entrar"(2).

Dos três templos que antecederam o templo que hoje temos presente, só a Ermida da Memória subsistiu (3).

Finalmente a quarta Igreja iniciada no "principiado ano de 1701"(4) constitui o atual templo de adoração a Nossa Senhora do Cabo, para onde foi trasladada a Imagem após a sua conclusão em 1707. O presente templo de traça assumidamente chã do primeiro Barroco, ainda influenciado pelo maneirismo, apresenta uma posição incomum, a poente, que tende a proteger-se contra os ventos marítimos e cria uma zona de átrio abrigada a partir do qual se desenhariam posteriormente as hospedarias e consequentemente o recinto do arraial.

O alçado principal do templo é composto por duas torres sineiras prismáticas, com três fenestras cada umas rematadas por pináculos achatados. Das Torres surgem duas passagens suspensas em arco rematadas com um frontão ornamental, uma a sul e outra a norte que comunicam com as hospedarias entre si, na mesma orientação.

A entrada é feita através de um portal ornamentado cujo o frontão em meia circunferência representa uma concha, elemento tradicional da arquitetura barroca portuguesa e é ladeado por duas portas em cada um dos lados, tem por cima três janelas, sobre as quais contém a imagem de Nossa Senhora do Cabo esculpida em mármore. No interior, a entrada é feita a partir de uma antecâmara esculpida em madeira Brasil e que guarda só seu topo o coro alto, assente em dois pilares de mármore da Arrábida com duas pias de água benta adoçadas.

A planta da Igreja é tipicamente barroca, de nave central e capelas adjacentes formando um eixo de simetria entre o lado sul e norte e é composto por dez altares, dois no altar-mor e quatro de cada lado da nave central. As tribunas dos alteres laterais foram construídas entre 1718 e 1722, após a construção da igreja, por vontade dos Círios que neles fizeram representar cada uma das mais importantes freguesias do termo (5).

O teto pintado a fresco da autoria de Lourenço da Cunha, em 1740, representa um importante elemento pictórico a nível nacional. Esta magnífica composição ilusória em abobada de berço, pintada em óleo sobre gesso, representa a Assunção da Virgem e é um dos exemplos raros de pinturas do género do período pré-terramoto de 1755 que ainda subsistem, sendo o único exemplar preservado do autor.

(1) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 53.

(2) Ibidem

(3) O arquiteto e investigador Paulo Dias refere na sua dissertação de mestrado denominada *Santuário do Cabo Espichel: Morfologia e Rito- Fundamentos para um Projeto de Recuperação*, a possibilidade do terceiro templo ainda subsistir e ter sido adaptado a espaço de guarida da Berlinda Profissional que se encontra na ala Sul do conjunto do Santuário. Contudo é insere esta teoria pela falta de documentação associada, bem como a inexistência de estudo arqueológico que o comprove.

(4) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 53

(5) BATISTA PATO, Heitor. *Nossa Senhora do Cabo: O culto das Terras do Fim*. Lisboa, Novembro 2008. p 258.



Fig. 091. Vista da Casa da Água, 2022  
Foto do Autor

"No topo deste passeio se acha huma escada de pedra, com cinco lanços, sendo o primeiro e o último de sete degraus, e os três de 6. Subindo-se mais dois degraus se entra na Caza chamada da ágoa, toda lageada, e de feitio oitavada, com assentos de pedra ao redor, e fronteiro à entrada da Caza se vê hum bello tanque de mármore a onde cabe a ágoa de boca huma carranca, e dalli dirigida ao chafariz, e orta. No tecto tem huma gorita com mais seis janellas, por ser sexlavada, e por cima dos assentos até meia parede he esta coberta de ajulejo com várias pinturas." (1)

No enfiamento axial da Igreja, a nascente do cruzeiro, está implantada numa topografia íngreme, a Casa da Água.

Esta edificação de cariz palaciano, alheia ao despojamento ornamental do restante santuário, foi mandada edificar por José I, em 1770.

Inserida num jardim/horta murado, faz memória às casas de fresco presentes nos jardins de Palácios Barrocos ou mesmo em estruturas palacianas de Magreb, que tinham a função de armazenar água e proporcionavam ao visitante uma estadia fresca, longe das temperaturas elevadas dos verões secos e rigorosos.

Além disso a água, como elemento gerador de vida, sempre foi sinónimo de frescura, de saúde e pureza nas comunidades mediterrâneas. A casa de fresco é uma reinterpretação de espaços construídos para divinação da água.

Como está presente na descrição de Francisco Ildefonso, transcrita do Livro Memórias sobre a antiguidade das Romarias, a cima, o interior desta edificação continha um revestimento a meia altura de painéis de azulejos com motivos de caça da mesma época, por banquetas de pedra que acompanhavam o desenho das paredes e uma fonte "rocaille" de mármore inspirada em Bernini, representando um heroico leão que jorrava água e alimentava o tanque fronteiro à porta (2). Este tanque encaminhava a mesma água para irrigação do jardim/horta onde está inserida e alimentava posteriormente os tanques/bebedouros para subsistência dos animais que chegavam ao santuário.

A água que ali chegava, era transportada até aquele local por via de um aqueduto, que recolhia a água numa distância de 2.5km desde a povoação Casais da Azoia.

A nascente principal, que alimenta a estrutura do aqueduto, situa-se junto ao "poço velho" na mesma localidade, sendo o caudal "engrossado" por mais seis poços (3).

Toda a estrutura que compõem o Aqueduto e a Casa da Água foi requalificada após mais de 50 anos de abandono. Em 2016, deu-se início à requalificação desta estrutura, pelo arquiteto e investigador Armindo Pombo que restabeleceu a função aos elementos de captação de água, bem como as fontes e estrutura de jardim que a recebe, dando diretrizes para uma requalificação de excelência a executar posteriormente no restante santuário. Esta obra respeitou de forma meticulosa o desenho e a linguagem expressa materiais existentes para restabelecer a sua função primordial e assim devolver a dignidade a esta estrutura única na região.

(1) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

(2) BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: O culto das Terras do Fim. Lisboa, Novembro 2008. p 272.

(3) Igreja do cabo Espichel. Recuperação de um interior, Atelier Junqueira 220, in Monumentos n.º16, direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 2004.



Fig. 092. Jardim/Horta e Serra de Sintra, 2022  
Foto do Autor

A origem etimológica da expressão *hortus conclusus* remonta ao latim clássico, onde "hortus" significa "jardim" e "conclusus" é o participio passado do verbo "concludere", que significa "fechar" ou "confinar". Estas duas expressões partilham o mesmo ambiente, ambos nos remetem para a ideia de Jardim do Paraíso, como espaço de abundância, protegido de agradável estadia.

O termo *Hortus Conclusus* é frequentemente associado a um conceito simbólico e literário de jardim murado que remonta à Antiguidade Clássica e foi desenvolvido durante a Idade Média. No antigo testamento, Salomão (4:12-16) refere-se à Virgem Maria no seu jardim fechado rodeado por árvores de fruto e água. Representado em pinturas medievais, como o Pequeno Jardim do Paraíso de Upper Renish, que representa o jardim idílico, e consequentemente a Virgem, simbolizando um lugar de pureza e fertilidade, de refúgio seguro e protegido.

Na topografia ingreme, onde a Casa da Água se edificou, foi construído um orto murado que pelas suas características amenas, contraditórias ao agreste clima envolvente, constitui uma peça singular no conjunto de Nossa Senhora do Cabo. Segundo o relato de Francisco Ildfonso: «Neste ameno, e agradável sitio se entretém huma grande parte do tempo os Romeiros, onde não cessão de haver ôescantes, e concertos de música que muito convida a atenção, e he para onde concorre tudo que ha de mais brilhante na arraial, a frescura do sítio, o concurso da gente, a harmonia das vozes, tudo convida aos Romeiros a disfrutar as delicias de tão apazível local. (...) A orta fica ao entrar da alameda (da Casa da Água) à parte direita, he toda murada e fechada com porta, cuja chave conserva o ortelão, a qual dà gratuitamente tudo quanto nella se cria. Tem esta orta seus tabuleiros com latadas, e ruas de loureiros, bucho e alecrim; circulão toda ella alegrêtes de flores, e tem huma janella para a parte do chafariz.» (1)

Este local, além de representar um espaço de cultivo e subsistência aos peregrinos e habitantes do Santuários, constitui a primeira estrutura no percurso de que aproximação ao Santuário depois do aqueduto que o alimenta. O orto murado, ladeado pela fonte das duas bicas e o poço grande é um importante marco que assinala a entrada, dali em diante a atmosfera sagrada intensifica-se, não é por acaso que ali se localizava o primeiro cruzeiro que marcava a entrada do no espaço sagrado do Santuário, esse cruzeiro foi deslocalizado para junto do aqueduto umas centenas de metros antes aquando da construção da estrada pavimentada que liga os Casais da Azoia e Santuário.



Fig. 093. Le Jardin de Nébamoun 1350 B.C.  
The British Museum Collection



Fig. 094. O Pequeno Jardim do Éden 1410-1420, Staedel  
Museum Digital Collection





Fig. 095. Ruína da Casa da Ópera, 2021.  
Fotografia do Autor

## A ÓPERA

«Mais adiante está grande caza da Ópera, mandada fazer pelo Círio de Lisboa. Tem huma ordem de camarotes e para elles se comunicão as cazas dos festeiros: porém os da plateia tem de vir à porta principal, que está em hum corredor descoberto e muito ventoso. Quanto à caixa, ella he suficientemente espaçosa em largura, e fundo, e has serventias teve em outro tempo o scenário, e vestuário de tal modo, que pela abundancia e diversidade se podia representar qualquer peça de meio character e tudo em muito boa arrecadação, hoje está ao abandôno» (1)

Como descreve Francisco Ildefonso nas Memórias sobre a antiguidade das romarias, e da Romaria ao Sítio de Nossa Senhora do cabo, em 1854/1857, já a Casa da Ópera estava em estado de degradação.

Hoje, restam as paredes desta magnífica estrutura que faz memória aoss tempos áureos do Santuário. Este é talvez o elemento do Conjunto do Santuário de Nossa Senhora do Cabo, que mais modificações sofreu ao longo dos séculos.

Em 1964, data de início do processo de restauro levado a cabo pela DGMEN- Direção Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais, é facto que foi alterada de forma estrutural, a composição deste Teatro, como se pode verificar nos desenhos técnicos presentes na publicação *Santuário Nossa Senhora no Cabo Espichel*, subsidiado pela Fundação Caloust Gulbekian.

Na descrição acima citada, o autor faz referência à «caixa» e ao «scenário», elementos que já não fazem parte do conjunto atual.

(1) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p.65.

Fig. 096. Secção longitudinal do projecto da Ópera do Tejo de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, identificado em 1933 por José de Figueiredo. Intitulado «N.º2 Taglio per il Lungo». Academia Nacional de Belas Artes. Lisboa,

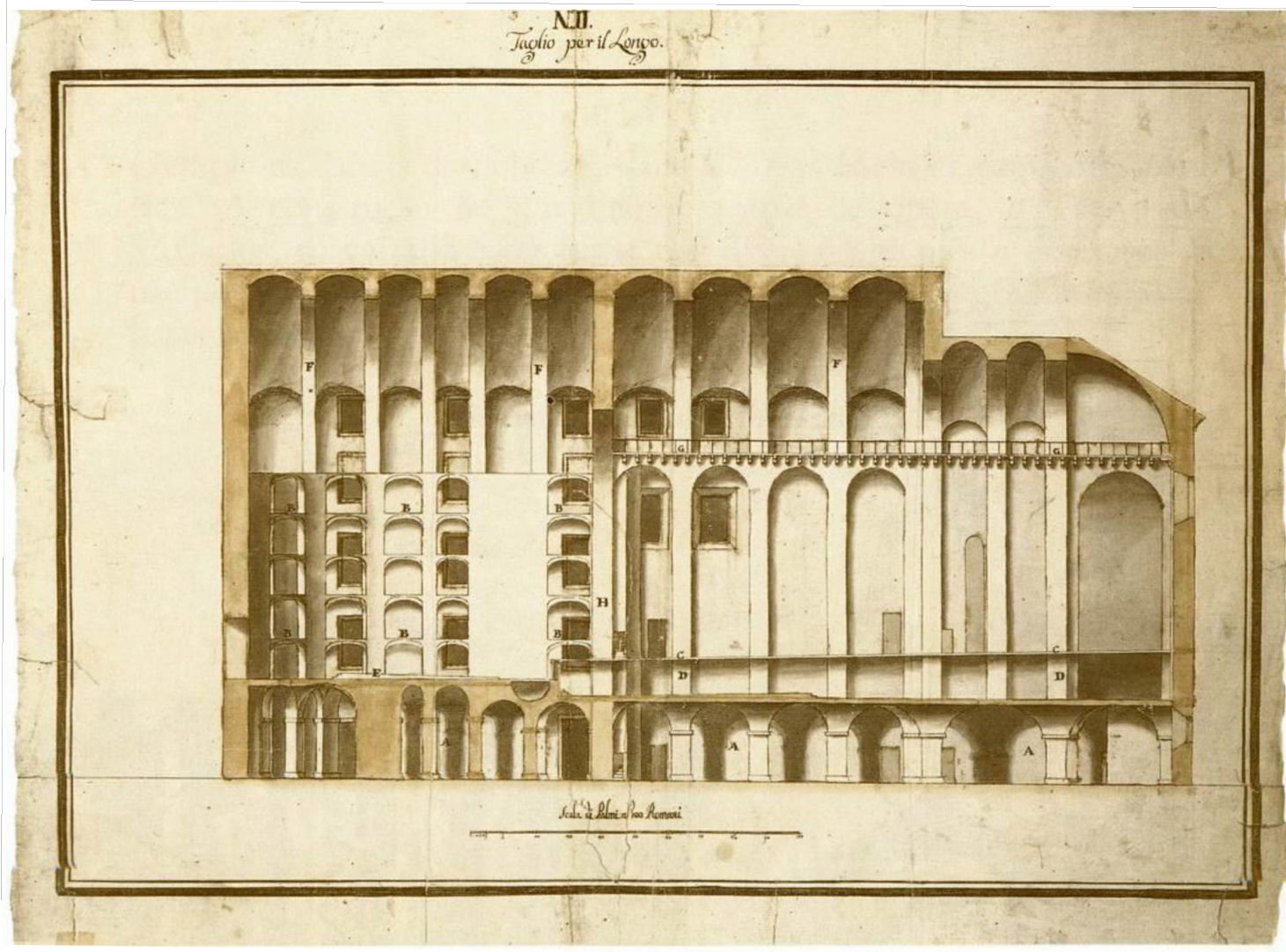
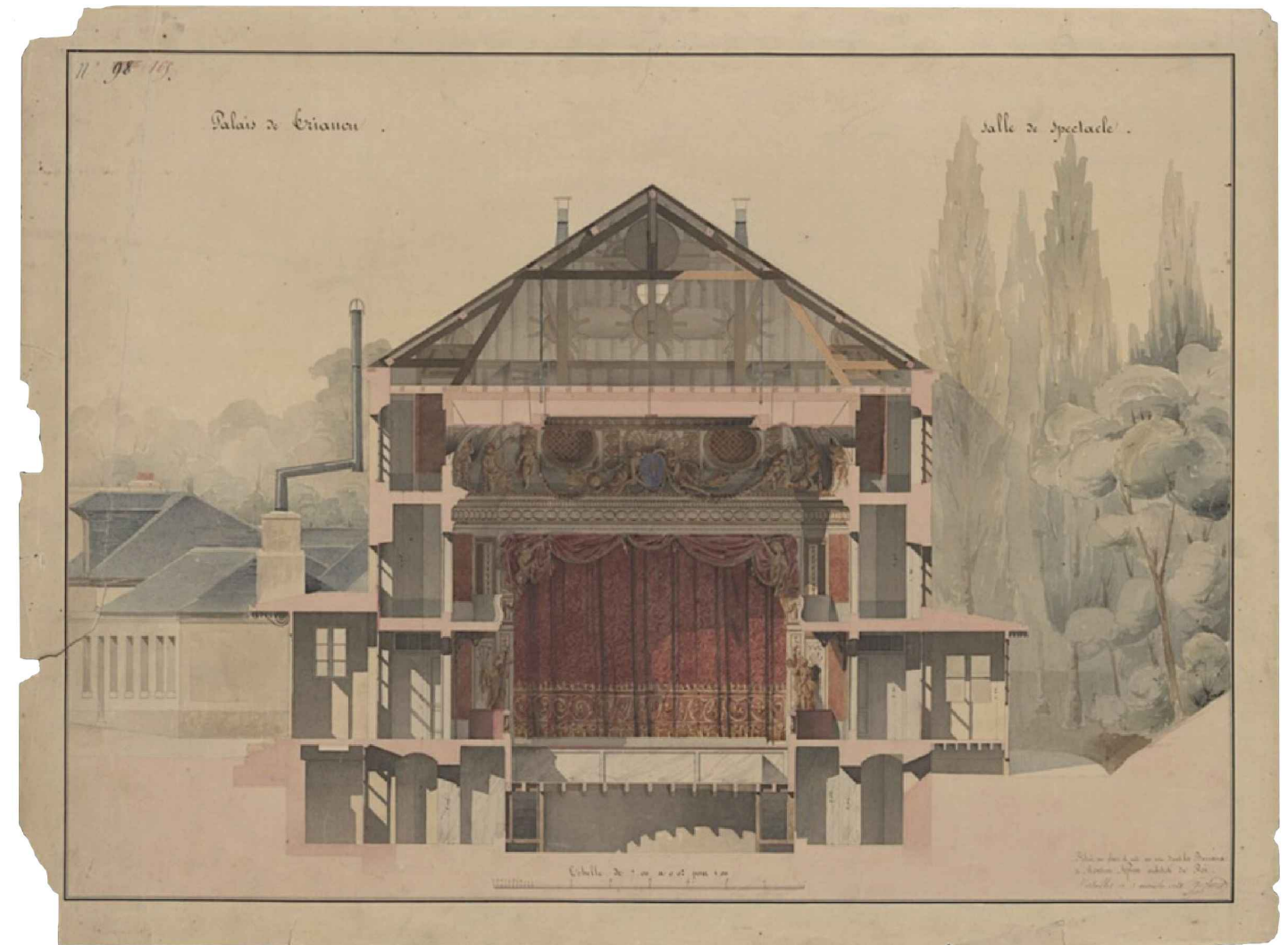


Fig. 097. Teatro da rainha. Trianon, Versailles. Arquiteto Frédéric Nepveu e desenhador Jules Favier, 1842



A evolução morfológica da estrutura

As *Memórias sobre a Antiguidade das Romarias e da Romaria ao Sítio do Cabo Espichel*, de Francisco Ildefonso dos Santos, de 1854/57, sugere-nos uma evolução histórica/morfológica do edificado através da descrição dos trabalhos executados ao longo do séc. XVIII.

Nesta publicação, o autor descreve os Círios de Lisboa e do Termo, as lendas do aparecimento da imagem, apontando para uma evolução não só antropológica, mas também arquitetónica do espaço.

Francisco Ildefonso dos Santos faz referência ao primeiro registo da doação da Ermida da memória, em 1414, por parte de D. João I, ao comendador de Sesimbra Diogo Vasconcelos, e ao início do Círio de Lisboa em 1431, apoiando-se em manuscritos anteriores para a sua determinação.

Segundo ele, a afluência dos peregrinos obrigou, em 1495, a edificação de um segundo templo, como se pode confirmar através das gravuras presentes nos painéis de azulejos no interior da Ermida da Memória.

Este segundo templo era circundado pelas antigas hospedarias que não possuíam um desenho regular, e que através do estudo da história do sítio, (elaborado nesta dissertação) podem constituir parte dos antigos edifícios pertencentes ao Ribat (1) da época pré-reconquista cristã.

Thomas Cox, filho de um topógrafo eclesiástico inglês, visitou Portugal em 1701, e deixou um legado vastíssimo de descrições pré-pombalinas dos territórios de Lisboa, Sintra e também do itinerário e festas do Círio de Nossa Senhora do Cabo, constituindo "o mais antigo relato literário" (2) sobre estas festividades.

Este texto manuscrito manteve-se inédito até ao ano de 2007, desde aí a compreensão da atmosfera da realidade vivida na época tem sido clarificada. Thomas Cox descreve uma "aldeia do cabo espichel", fazendo referência à possível estrutura de hospedarias de desenho orgânico que existia antes da construção do Santuário Setecentista, descreve também um "pequeno forte com quatro canhões" que fazia parte do complexo.

No ano 1701, Francisco Ildefonso dos Santos, faz referência ao início da construção da quarta igreja, e atual. A designação quarta igreja, advém da construção ter sido iniciada no seguimento de uma terceira, que se fora construída pelos romeiros na entrada do santuário, e que durante muito tempo se acreditava ter sido demolida como forma de aproveitamento dos materiais para novas construções. O arquiteto e investigador Paulo Dias não partilha da mesma opinião.

Dias acredita que pela descrição de Francisco Ildefonso dos Santos, "A 3ª (Igreja) feita pelos Povos da Freguezias do Termo, antes de formarem os Giros, e devia estar isolada, por que era costume, quando entravam os Círios, rodear o Templo trez vezes antes de entrar" (3), é possível que esta terceira igreja tenha sido adaptada como armazém da berlinda processional.

Nove anos mais tarde, em 1710, é traçado segundo o autor das *Memórias*, o risco que permitirá a construção ordenada das hospedarias e cinco anos mais tarde, as primeiras hospedarias são erguidas na ala Norte a partir de materiais provenientes do desmantelamento das antigas hospedarias ocorrido no mesmo ano. Devido ao constante crescimento das peregrinações e enriquecimento dos Círios de Lisboa e do termo, os peregrinos começam a construção das várias capelas que ornamentam o interior da atual Igreja, as paredes são revestidas em mármore da Arrábida, e o relógio é instalado na torre sineira norte.

Em 1744, o Armador João Batista compra duas "cazas" na ala sul e outras são construídas de seguida.

Neste ano o arraial começa a ganhar a forma que hoje conhecemos e o eixo axial da igreja estrutura o que virá a ser o grande arraial.

Ao longo das três décadas seguintes, as hospedarias vão aumentando em número e na déc. de 60 desse século, é de salientar uma particularidade na composição da estrutura de colunas. Ao analisar a arcada e respetivas colunas, percebemos que as trigésimas quintas colunas de ambas as alas das hospedarias são diferentes das demais. Estas colunas além de mais espessas estão alinhadas com paredes interiores de maior dimensão, evidenciando a possibilidade destas colunas, terem sido a marcação do fim de ambas as alas das hospedarias e consequentemente do arraial nesta época.

Em 1770, a "primeira das duas grandes e faustosas festas reais que marcaram o séc. XVIII" (4) teve lugar no Espichel, quando o Rei D. José I e a corte foram os grandes impulsionadores da romaria. Esta festividade contou com a edificação de várias hospedarias, ambas a sul e a norte, a construção da Casa da Ópera a custo dos romeiros, e a Casa da água mandada erguer por D. José I para que não faltasse água nessa festividade e dali em diante.

No ano de 1790, é construído o Farol a 400 metros do Santuário, deixando em evidência ainda maior o aquele complexo religioso. Quatro anos mais tarde, a ala norte é rematada com um conjunto de quatro hospedarias de maior dimensão, junto ao cruzeiro do arraial. Este conjunto de hospedarias constitui a última etapa na construção do Santuário, conservado até aos nossos dias.

No seguimento deste relato, as páginas que se seguem fazem citação às inúmeras descrições que deram origem ao desenho da evolução morfológica do Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel.

(1) Soposição explorada no capítulo O Homem: Da Pré-História ao Domínio Muçulmano desta dissertação. p.60 a 67.

(2) BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: O culto das Terras do Fim. Lisboa, Novembro 2008. p 176.

(3) SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p.65.

(4) BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: O culto das Terras do Fim. Lisboa, Novembro 2008. p 180.

1414

«Corria o anno de 1390, quando ElRei D.João I, fez merce a Diogo Mendes de Vasconcelos, da comenda de Cezimbra, este vendo por alguns annos a concorrência de muitos Povos aquella Ermida, que está no Terreno da sua Commenda, e pela muita amizade e conhecimento que tinha do bom viver dos religiosos Carmelitas de Lisboa, lhes rogou fossem habitar aquella Sítio e servissem da Ermida de Santa Maria da Pedra da Mua, que he no Cabo Espichel, termo de Cezimbra, que elle commendador mandaria fazer aposentos para religiosos viverem, e que para sua subsistencia lhes fazia doação de todo aquella terreno, do qual podia dispor com consentimento d'ElRei, que para isso tinha. Foi feita esta doação no anno de 1414.»

SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 30.

1431

«No anno de 1431. em que se contavão 46 annos depois da feliz Acclamação de ElRei D.João I. 45 annos depois da milagrosa Victoria alcançada na grande batalha de Aljubarrota. 37 annos depois de elevado o Bispado de Lisboa em Metropole. 32 annos depois da doação que ElRei D.João I fez da sua Caza de Benfica aos Religiosos da Ordem de S.Domingos. 21 annos depois do Aparecimento da milagrosa Imagem de N.Senhora do Cabo (segundo a melhor tradição)e da edificação da primeira Ermida no Sítio do Cabo d'Espichel(.) festejou no Sítio do Cabo a Freguesia de Alquebedeque, e depois do seu festejo entregou o que havia de Fábrica, e a Bandeira, distintivo de Círio, à Freguesia de Carnachide, denominada do Reguengo d'ElRei.»

SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 95 e 96.

1550

«1495 (...) Dasse principio a nova Egreja de N. S. do Cabo».

«Concluindo-se este Quarto Giro, Festejando todas as Freguesias com equal Zelo e devoção. Augmentarão as Hospedarias, renovarão as antigas e mandaram abrir o poço pequeno ao pé do 3º cruzeiro, que hoje está da Banda de dentro do portão que dá entrada ao caminho do Farol.»

SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 105 e 112.

1672

«1610 (...) Fizerão-se os reparos necesarios, no Templo, e nas hospedarias, que em circulo formávão hum arraial quase fechado».

«Para a parte do Poente, e perto desta Ermidinha da Memoria, se vê ainda restos de hum antigo Forte chamado de N. Senhora do Cabo. O seu principio foi em 1672, sendo Regente deste Reino o Principe D.Pedro, em vida do seu Irmão ElRei D.Affonso 6.º E por causa da guerra que ainda durava com os Espanhoes se fizeram muitas fortificações na Barras de Lisboa, e Setúbal. (...)Tinha sinco peças de ferro e toda a praça era lageada; ainda em 1800 estava conservado, mas depois o tempo e o mar e tambem o abandono, o tem derrotado(...)»

SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 120 e 64 e 65.

1700

«Em 1700, existião ainda trez Cruzeiros: o 1º ao pé da antiga Igreja, o 2º no principio do arraial antigo, chamada cruz da pregação, e aonde chegava a Procissão no Sabbado de tarde, e alli junto da Cruz se prégava, e depois ião cantar Vesperas. O 3º Cruzeiro estava ao pé do dito pôço pequeno, oqual era baliza para todos os Romeiros se aparem, e entracem no arraial á vista do Templo de N. Senhora, ao qual immediatamente se dirigião. Com a edificação da nova Igreja, e nova forma do arraial, se mudárão os Cruzeiros para onde hoje estão».

«No anno de 1700, existia hum arraial circulado de cazas para accommodação dos Romeiros; mas sem alinhamento.»

1700

«A 3ª (Igreja) feita pelos Povos da Freguezias do Termo, antes de formarem os Giros, e devia estar isolada (talvez seja, pela sua configuração, o adaptado armazém da berlinda processional), por que era costume, quando entravão os Cirios, rodear o Templo trez vezes antes de entrar (...)»

SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 120 e 64 e 65.

## O SANTUÁRIO SETECENTISTA

Descrição do Santuário por Francisco Ildefonso.

«No anno de 1700 existia hum arraial circulado de cazas para accommodação dos romeiros, mas sem alinhamento. Em 1710, se dêo o risco para novo arraial, porem, só em 1715, he que se poz em efeito accrescentando-se mais cazas, e hindo assim em augmento ate ao estado em que hoje vêmos. Elle he hum quadrilongo de 204 passos de comprido pelo lado do Norte, e de 152, pelo lado Sul, e de largo em todo, 36 passos. Abertodo lado Nascente, e fechado do Poente com a frontaria do Templo. De cada hum dos lados Norte e Sul se vê com uniformidade hum seguimento de sobrados e lojas, cujas portas, e as das escadas para os sobrados, estão dentro de arcadas, que correm de Nascente para Poente, aonde está o Templo, ao qual se pode ir livre da chuva. Como os lados não são iguaes no comprimento, por isso a numeração diferente: Do lado Norte, ha 63 arcos sobre 64 columnas, 11 escadas de pedra, 21 sobrados, com 46 janelas de frente, 22 lojas, com 22 portas e 22 janellas: Do lado do Sul, ha 47 arcos sobre 48 collumnas, 9 escadas de pedra, 18 sobrados com 36 janelas, 18 lojas com 18 portas e 18 janelas. Aos lados da Igreja, sobre dois grandes arcos, que dão serventia para o campo, estão duas janellas de sacada, huma da parte do Sul, que pertence aos Festeiros e Mordomos da Freguesia que vem receber, e a outra da parte do Norte, tem pertencido ao quarto da habitação do Capellão Eremita.»

SANTOS, Francisco Ildefonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscriptos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p.52.

1701

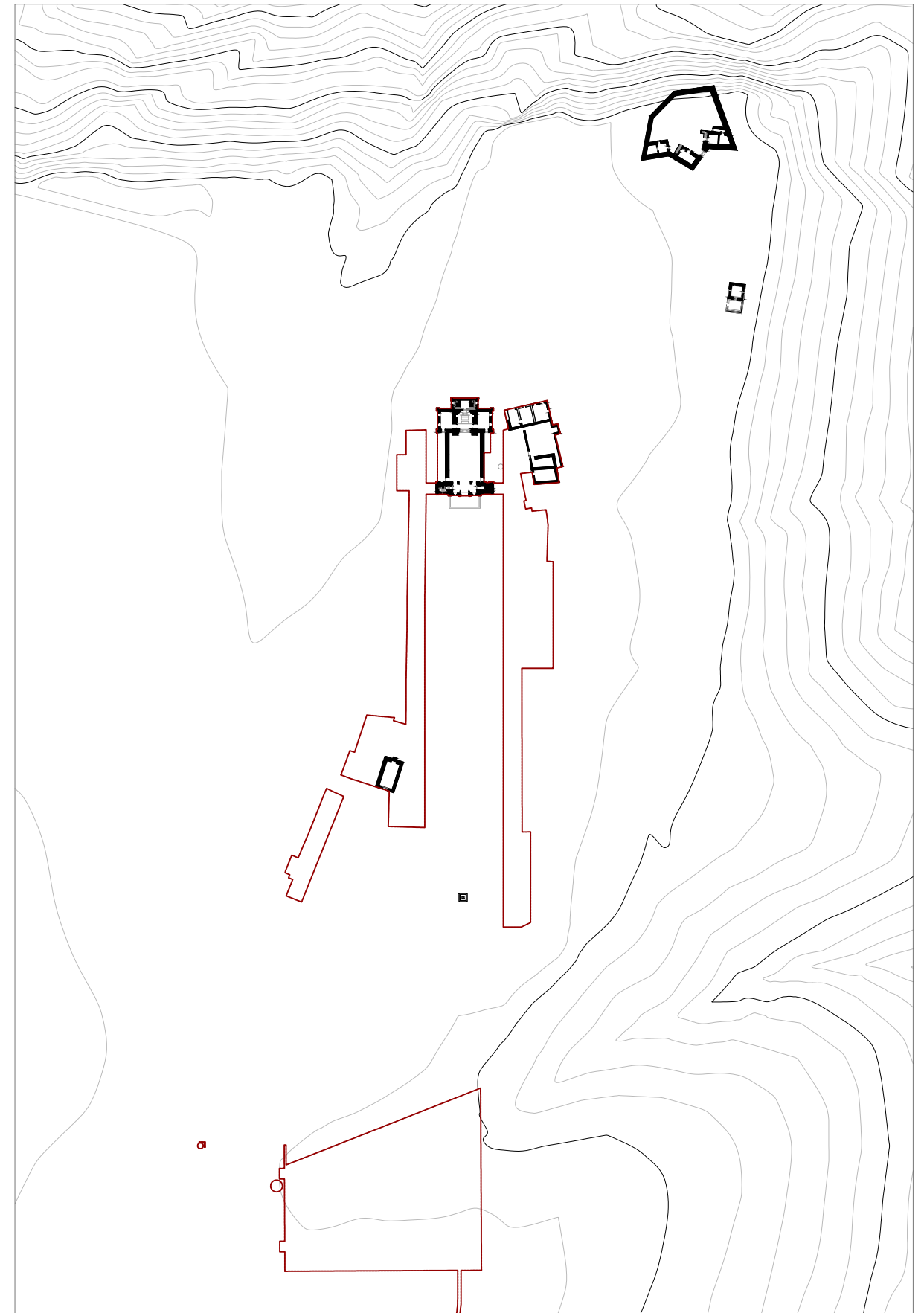
«Finalmente, a 4ª que hoje existe, foi feita pelos rendimentos da Casa do infantado, em terreno mais seguro e central do que as outras. Este magnífico templo foi principiado em 1701, no reinado d'ElRei D.João 5º, Fez-se a transladação da Senhora para o Novo Templo nos dias 7, 8, 9 de junho de 1707 (...).»

SANTOS, Francisco Ildelfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p.53.

«Na aldeia do Cabo Espichel, existe um pequeno forte com quatro canhões»

«Toda a aldeia perence á Senhora daquelle lugar».

COX, Thomas; COX, Macro - Relação do Reino de Portugal 1701 . Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007. p. 324.



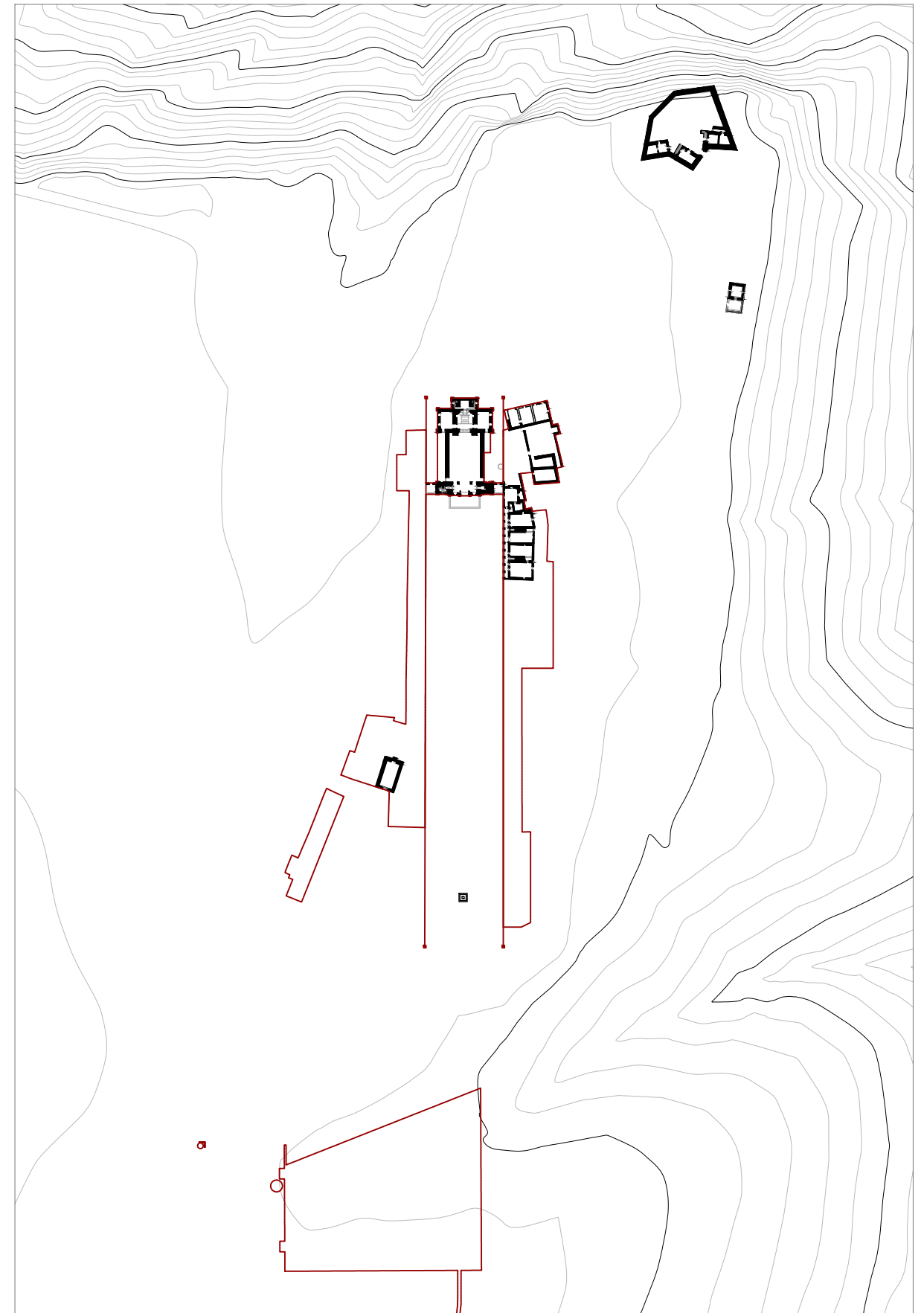


1715

«Em 1710, se dêo o risco para novo arraial, porem, só em 1715, he que se pôz em effeito, accrescentando-se mais cazas, e hindo assim em aumento ate ao estado em que hoje o vêmos.»

«Neste anno se alinhou o Arraial, na forma que hoje mostra. Farão desmanchadas as antigas hospedarias, e se fizerão sobrados e loges, segundo o risco, junto do Templo, principiando o Círio de Lisboa da parte do Norte, que utilizou muito do antigo. Então competia este Círio com o do Termo nas festas, e como superior em riqueza o competio em obras no arraial e arranjos de fabrica. He certo, que depois da Caza Real do Infantado, estes dois Círios do Termo, e de Lisboa engrandecerão este Ermo ao estado de nada lhe faltar por a comodidade dos romeiros.»

SANTOS, Francisco Ildfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 52 e 134.

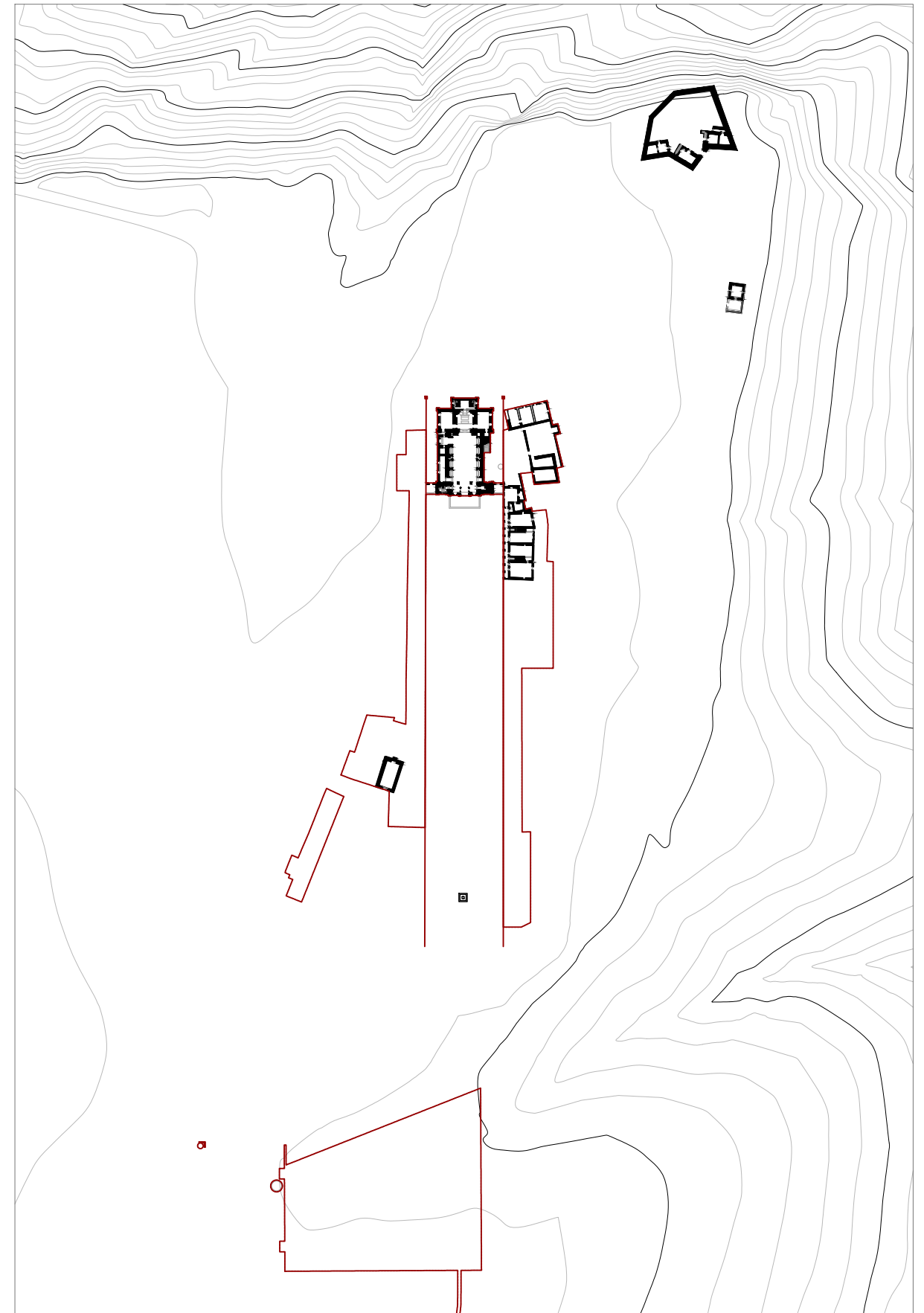


1718

«Deste anno em diante começarão os Cirios a fazer as suas Capellas dentro do Templo, conforme suas posses, e por isso erão descimilhantes no feitio, e assim mesmo se conservarão ate 1770 em que forão reformadas, e equalizadas, como hoje estão».

«As paredes deste templo, são todas revestidas ate à cimalha real de marmores branco, e preto, e de cores, chamado pedra da Arraida. Tem seis Tribunas, e entre estas estão belos quadros, bem moldurados, que representão os preciosos momentos da vida da Senhora. O tecto he todo pintado de Architectura, (...). He obra do nosso Artista Lourenço da Cunha, em 1740, (...)»

SANTOS, Francisco Ildfonso dos: Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.p. 135.



1744

«Ao lado da Igreja, e junto a hum poço, estão as cazas de sobrados e loges, que mandarão fazer á sua custa João Baptista, e Felis Torcate, e João Coelho. Nas loges destas cazas se guardão os lampeões com que se alumia o arraial».

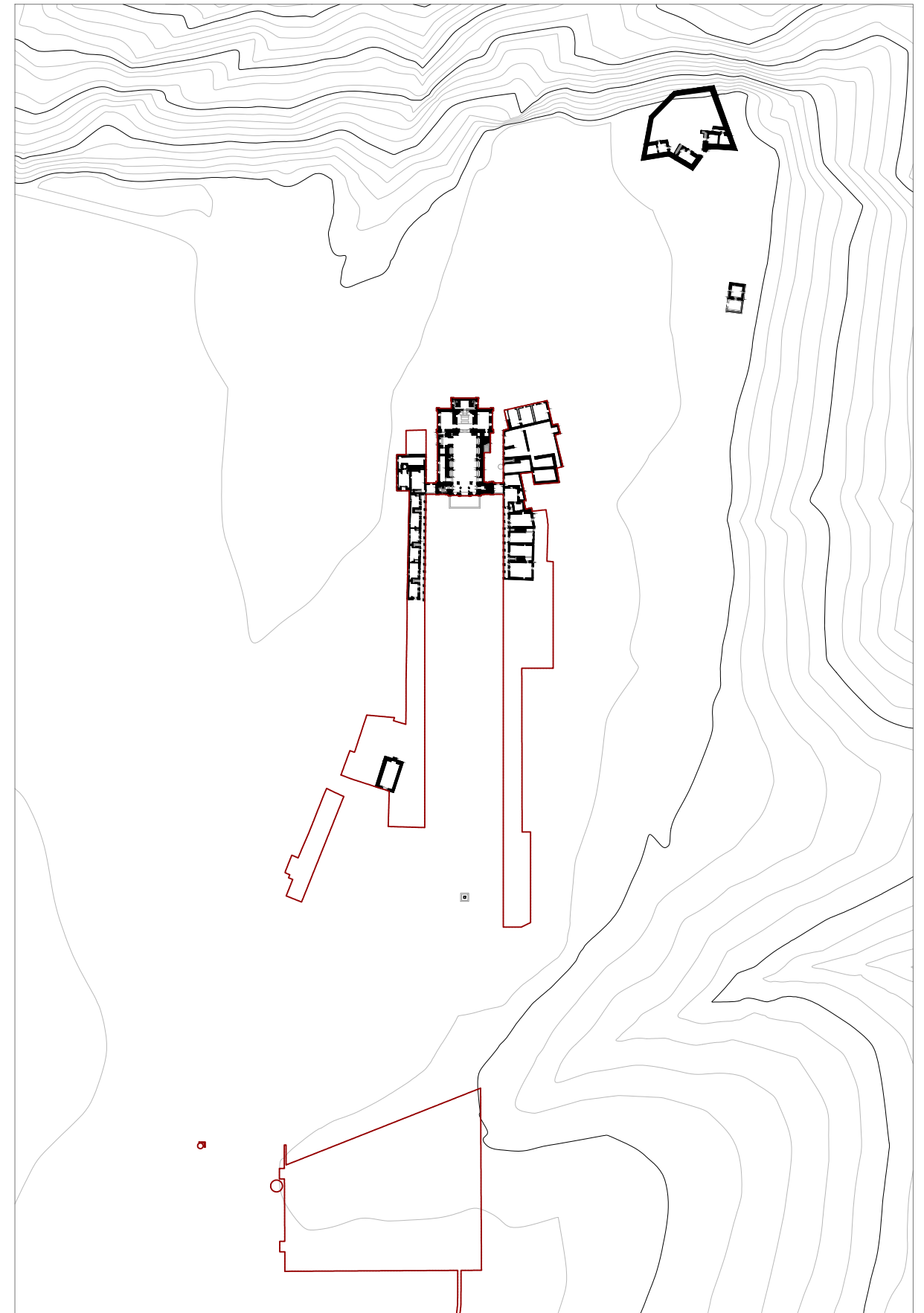
«Neste anno se fizerão 2 moradas de Cazas, e se comprou mais huma ao Armador João Baptista Antunes (...). Neste mesmo anno, hum devoto, por nome Pedro Hebert, de Lisboa, mandou fazer humas cazas para si, e seus parentes, e nas suas faltas para os Romeiros. Outro devoto, Pedro de Mina, de Bellem, mandou fazer outras cazas para seu comodo, e na sua auzencia para os Romeiros».

«Virando à parte do Sul, junto à Igreja está a caza da Fábrica do Cirio Saloio, cuja porta he fronteira à da Sacristia denominada dos Saloios. Esta caza contem em si armarios, e caixas, em que se guardão todos os objectos de cozinha, e meza, que igualmente se repartem pelos Festeiros das duas Freguesias; a que festeja, e a que vem receber, segundo o que elles pedem; e sobejando, tambem se empresta aos

«Romeiros (...) Adiante desta caza esta a denominada dos Pregadores, e mais Padres que sós vem a este

Sitio de romaria, he de sobrado, e tem a serventia por fora em escada de pedra. Finalmente, desta mesma parte, no principio do arraial por detraz das casas delle, está hum grande armazem no qual se guarda a berlinda da Imagem de N. Senhora, que anda em jornada; e tambem serve este armazem para nelle se preparar o fogo de artificio».

SANTOS, Francisco Ildelfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romariás...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 65, 139 e 66.



1765

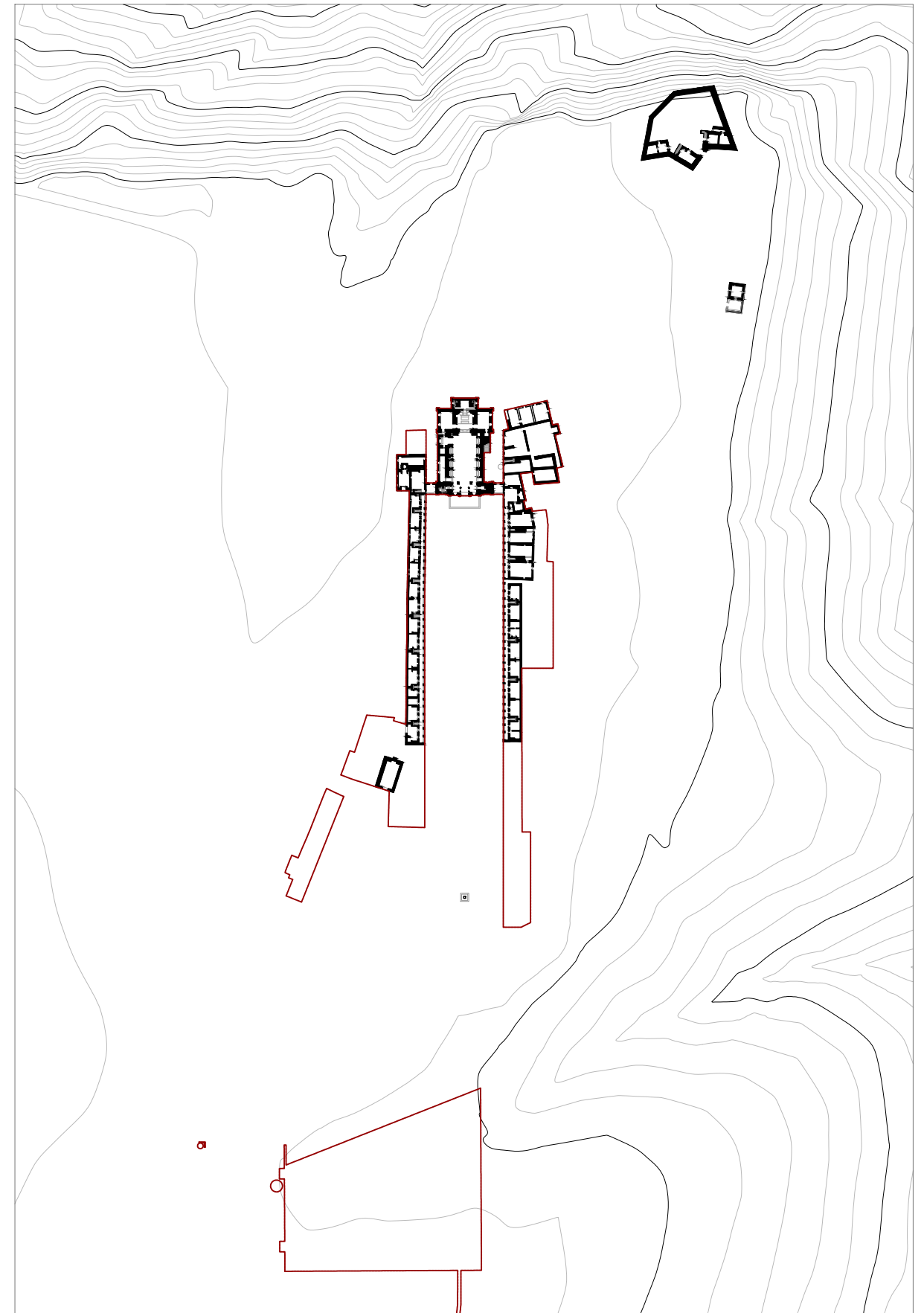
«1746. Neste anno se fez mais hum sobrado e loja da parte do Sul do Arraial, e por mão de João Jorge.»

«1758. (...) fizeram-se duas moradas de cazas novas no Arraial da parte do norte, o que tudo correo por conta de João Jorge (...).»

«1759. Fizerão-se duas propriedades de cazas com os materiaes que tinhão ficado das outras, e o mais que foi preciso, da parte do Sul (...).»

«1765. Fazer-se huma casa para accommodation da Frabrica na parte mais commoda da parte Sul ao pé da Igreja.»

SANTOS, Francisco Ildfonso dos: Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 140, 150, 151 e 154.

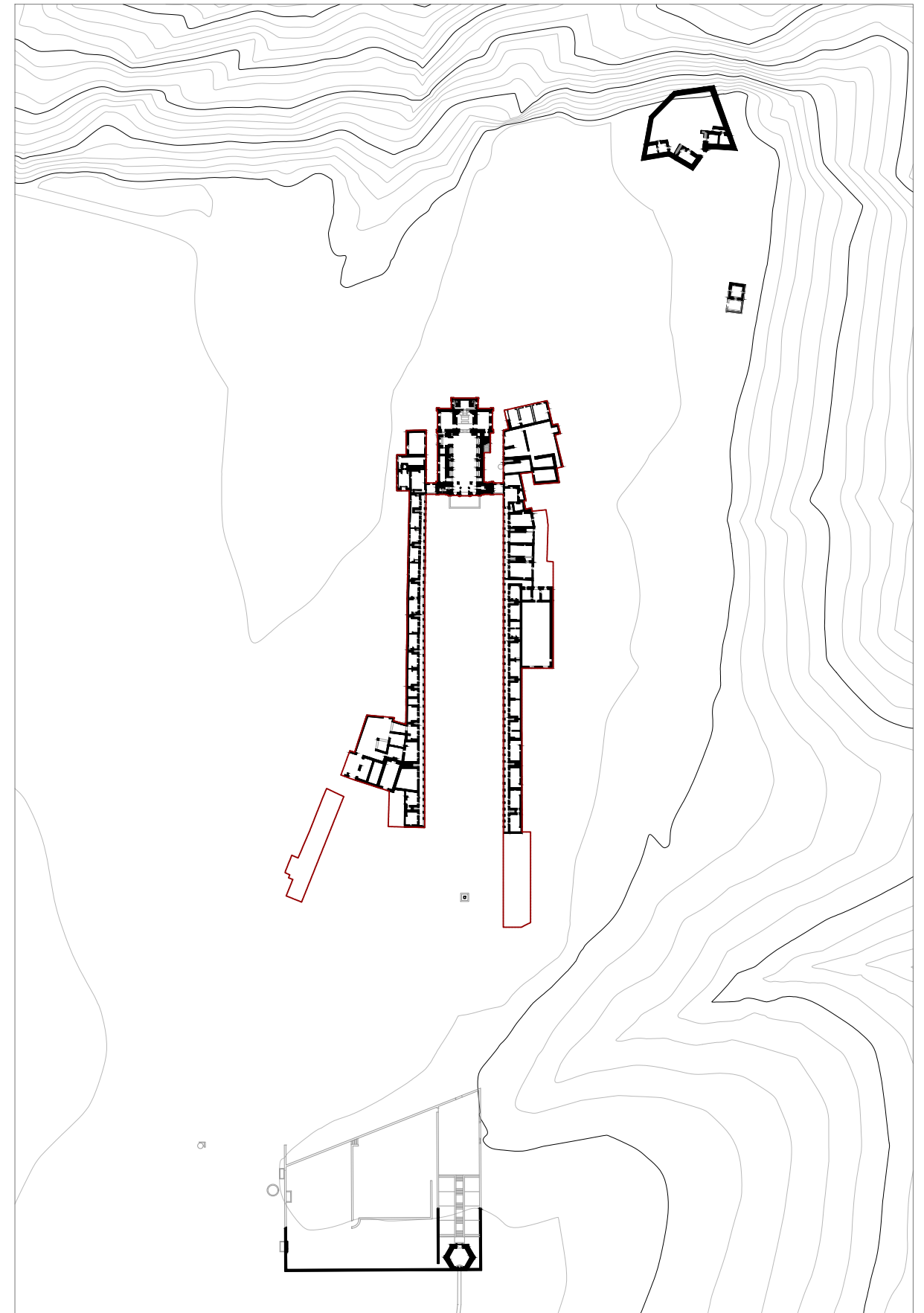


1770

«Neste anno se fizerão no sitio e templo de N. Senhora do cabo, pela primeira vez festas Reaes.»

«Foi ElRei o Senhor D.José, com toda a Familia Real, a Nossa Senhora do cabo, fazer as Festas de costume, e ahi se fixe não funções Reais dignas de tal Monarca. (...) mandou fazer concertos e reparos nas cazas precisas, renovou tudo e enriqueceu a fabrica com os ricos ornamentos (...). He também digno de memória a generosidade com que este grande monarca concorreo para se fazer a obra da caza de agoa, de que necessitava aquelle Sitio.»

SANTOS, Francisco Ildelfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 155 e 157.

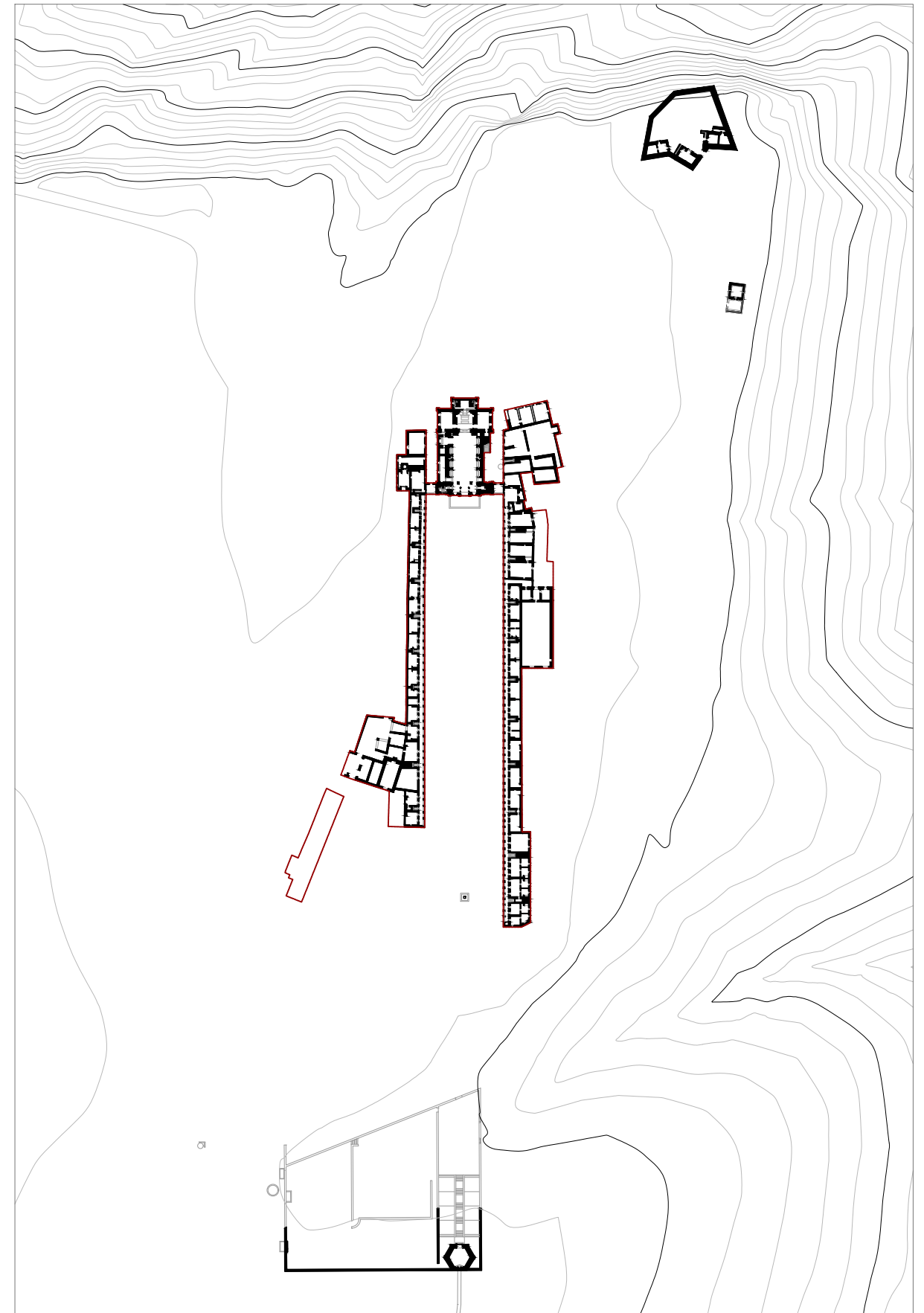


1794

«O Faról fica em distancia de hum bom passeio para o Sul. Ella foi feito no anno de 1790, para servir de guia aos Navegantes mostrandolhes os perigos daquella costa que devem acautelar.»

«Neste anno se mandarão fazer as casas no Arraial de N. Senhora do Cabo defronte da cruz, da parte do Norte(...), as quais se concebeu em 1794 (...).»

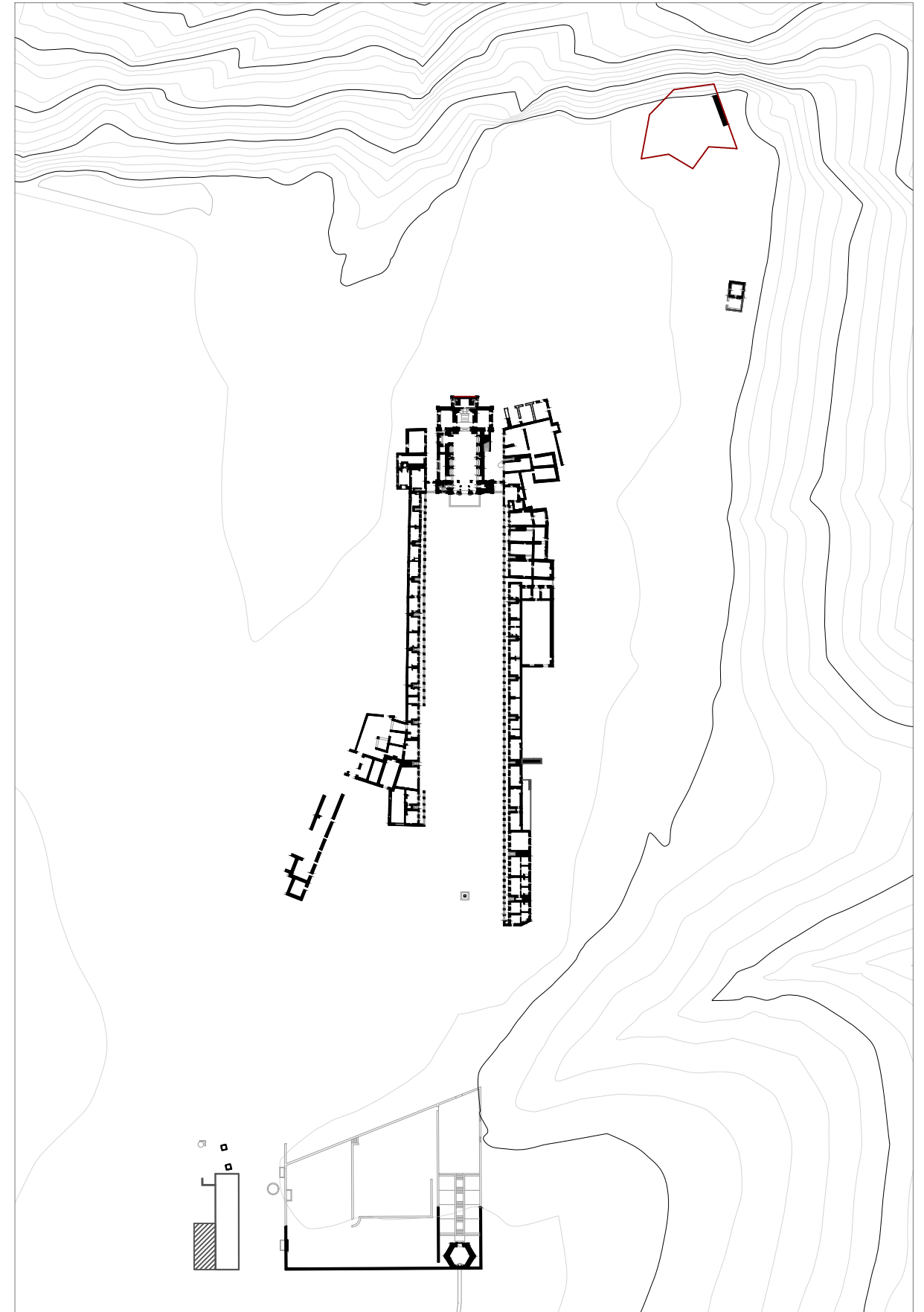
SANTOS, Francisco Ildfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889. p. 68, e 167.



1964

«Pelos malefícios do tempo e incúria dos homens, o Santuário da Senhora do Cabo vai sendo despojado, lenta mas eremediavelmente, dos seus atributos. O variado equipamento, afeiçoado carinhosamente por gerações sucessivas e que tanto contribuiu para o conforto e alegria dos que ali acorrerem, está hoje em triste ruína ou deixou, mesmo, de existir. Se não for compreendido devidamente o alto valor desta peça extraordinária da nossa arquitectura de feição popular, dentro em breve nada mais restará dela que uma melancólica recordação e, a assinalar o local, um amontoado disforme de pedras, de triste significado.»

GULBENKIAN, Fundação Calouste - O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel . Lisboa: 1964.



1348  
Peste Negra acentua a crise portuguesa.

1366  
Referência ao culto de Nossa Senhora do Cabo num documento da chancelaria de D. Pedro I.

1385/1410  
Datas apontadas para a criação do primeiro Compromisso da Confraria.

1411-1414  
Construção da ermida da Memória no local onde, segundo a tradição, terá sido descoberta a imagem milagrosa de Nossa Senhora.

1432  
Fundação da primeira confraria do Círio Saloio durante o giro de S. Romão de Carnaxide.

1495  
Inicia-se a construção da Igreja primitiva de Nossa Senhora do Cabo.

1511  
Referência ao centenário do achado da imagem.

1668  
Tratado de Lisboa, fim da Guerra da Restauração.

1672  
Construção do Forte de Nossa Senhora do Cabo.

1701  
Início da Construção da actual igreja, no local onde se erguia a primeira, sob a orientação de D. Francisco, da Casa do Infantado.

1707  
Conclusão e inauguração da mesma.  
7-9 julho- Cerimónia de transladação da imagem da Senhora do Cabo desde a ermida para a nova Igreja.

1745-1760  
Intensificação das obras das hospedarias, devido á grande afluência de peregrinos.

1755  
Sismo que provoca danos leves na estrutura da Igreja.

1770  
Rei D. José, como juiz da irmandade, patrocina grandes obras no Santuário:  
- reforma dos retábulos da nave;  
- provável feitura da tribuna real na capela-mor;  
- reabilitação das pinturas no tecto da Nave, por José António Narciso;  
- Construção do Aqueduto e Casa da Água, com azulejos da Fábrica de Belém, e os tanques de abastecimentos na horta-jardim, denominada, "o cercado";  
- Construção da "Casa da Ópera", pelo círio de Lisboa.

1790  
Construção do Farol a cerca de 600m do Santuário.

1807  
Primeira Invasão Francesa.

1810  
Com a partida da corte e nobreza para o Brasil, decrescem as festas e o Culto a Nossa Sra. do Cabo.

1897  
As freguesias do giro deixaram de visitar o santuário, continuando porém a réplica da imagem da Senhora a circular entre elas com a mesma periodicidade; estabelece-se também que, de 26 em 26 anos, sempre que um giro se fechasse, os círios das freguesias peregrinariam todos juntos ao Santuário do Cabo.

1910  
Implantação da República Portuguesa.

1950  
O Santuário de Nossa Senhora do Cabo, no Cabo Espichel é classificado como imóvel de interesse público pelo Decreto 37728, de 5 de Janeiro desse ano.

1960  
Francisco Keil do Amaral realiza um projeto de reabilitação para Santuário.

1964-74  
A direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais realiza obras no Santuário.

1974  
Ocupação das Hospedarias por Residentes de Sesimbra.

1990  
Projeto de Restauo e Reabilitação pelos arquitetos Ana Rosa de Freitas e José Fernando Canas.

1995  
A Confraria de Nossa Senhora do Cabo Espichel faz a doação da ala Norte ao Estado Português para adaptação a pousada da ENATUR.

1995  
Revisão, pelo arquiteto Victor Mestre, do Projeto de restauo e reabilitação.

1997  
Realização de obras de restauo nas obras da Igreja de Nossa Senhora do Cabo.  
A DGEMN inicia o despejo dos ocupantes das Hospedarias.

1995  
Revisão, pelo arquiteto Victor Mestre, do Projeto de restauo e reabilitação.

2008  
Entaipamento definitivo dos vãos que compõem as hospedarias.

2016-2017  
Restauo da Casa da Água, pelo Arquitecto Armindo Pombo.

XIV



Fig. 098. Triunfo da morte de Pieter Bruegel, O Velho, 1562. Museu do Prado, Madrid.

XV/XVI/XVII



Fig. 099. Referência à igreja de Nossa Senhora do Cabo no Livro das Armadas, 1554.

XVIII



Fig. 100. Fotografia do Farol do Cabo Espichel, déc. 50. Arquivo Municipal de Sesimbra. Autor desconhecido

XIX



Fig. 101. O Cabo Espichel, 1908. Fotografia de Paul Chaffat.

XX



Fig. 102. Zona de proteção da igreja e Conjunto de N.ª S.ª do Cabo.

XXI



Fig. 103. Casa da Água e Igreja, 2021. Autor Desconhecido.



A Proposta

Segundo Edward Burnett Tyler, o termo cultura é «todo o complexo conhecimento de crenças, arte, moral, dogmas, costumes, hábitos e capacidades adquiridas pelo homem como membro de uma sociedade». (1) A cultura atual é a sobreposição sucessiva de pequenas transformações a todos os níveis numa sociedade. Esta tem vindo a desenvolver-se, seguindo modelos de desenvolvimento baseados, essencialmente, no crescimento económico e que têm comprometido o equilíbrio entre a natureza e o homem. A ausência desse equilíbrio contribuiu para a diminuição da diversidade e complexidade da paisagem, bem como à perda sua da identidade. Quanto ao lugar do Cabo Espichel esse equilíbrio permanece intacto. À parte do abandono quase geral do edificado, a relação de proximidade com a paisagem e a sensações que o cabo transmite ao observador permanecem. A história do lugar, bem como as suas condicionantes são fatores preponderantes para a sua evolução e são essenciais para a conservação da fé popular. Frei Agostinho de Santa Maria afirma "...que a Senhora aparecera na praia que lhe fica embaixo da mesma penha, onde se edificou a Ermidinha, e que aparecera sobre sua jumentinha, e que esta subira pela rocha acima, e que ao subir ia firmando as mãos, e os pés na mesma rocha, deixando impressos nela os vestígios das mãos, e pés..." (2).

Esta lenda deu origem à construção da Ermida da Memória e mais tarde a construção do santuário no seu conjunto, como forma de imortalizar uma crença popular e identitária daquela região. O santuário bem como o forte e a pequena Ermida são símbolo de uma sociedade, de um tempo, são construções que pertencem a um lugar, composto por discursos, linguagens, memórias, que marcam importantes acontecimentos históricos, e juntos atribuem significado à sua cultura.

A paisagem é muito mais do que uma mera representação física do ambiente natural ou construído, é um fenómeno cultural complexo, moldado e influenciado por interações entre as pessoas e o ambiente ao longo do tempo. A paisagem é um reflexo das relações sociais, das práticas culturais, das crenças, das perceções e das atividades humanas em um determinado lugar.

Através das lentes da geografia cultural e da antropologia, a paisagem é vista como um produto da interação entre sociedade e ambiente. Ela é moldada por elementos físicos, como o relevo, a vegetação, o clima, mas também por elementos culturais, como arquitetura, agricultura, arte, religião e economia.

Cada sociedade ou grupo cultural atribui significados específicos à paisagem com base na sua história, valores e experiências partilhadas. Portanto, a paisagem é um fenómeno cultural porque é mais do que apenas a aparência física de um lugar; ela é uma manifestação tangível das interações complexas entre as pessoas e o ambiente, significados, memórias e identidades culturais.

1. TYLER, Edward. Primitive Culture, 1871.

2. SANTA MARIA, Frei Agostinho de- Santuário Mariano, E Historia das Imagens de Nossa Senhora, etc., Tomo II, Livro II, Tít. LXXIV, Lisboa, Of. António Pedrozo Galvão, 1707 a 1723.

Fig. 104. Vista sobre o conjunto. Fotografia do autor, 2023.





Fig. 105. Da esquerda para a direita: Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora e Álvaro Siza na Acrópole de Atenas, 1976.  
Arquivo Alexandre Alves Costa  
<https://www.sizabaroque.com/team/>

De seguida, apresento um conjunto de três casos de estudo que abordam as três dimensões na origem ao projeto de reabilitação da área envolvente ao conjunto de Nossa Senhora do Cabo, a paisagem, a cenografia, e materialidade.

Iremos estudar portanto: a Paisagem envolvente da Acrópole de Atenas, de Dimitris Pikionis, um conjunto de três obras cenográficas, entre elas o Teatro del Mondo de Aldo Rossi, a Voz do Mar de Pancho Guedes, o Greto di Burri de Alberto Burri, e a intervenção na Capelinha das Aparições em Fátima, pelo arquiteto João Carlos Loureiro.

Na primeira dimensão, a paisagem, Dimitris Pikionis devolve a dignidade ao espaço envolvente à Acrópole de Atenas, impondo uma nova leitura, quase intemporal, da paisagem.

Na segunda, a cenografia, Aldo Rossi cria uma peça de carácter efémero, que relaciona o Teatro ambulante Veneziano e a própria cidade. Pancho Guedes relaciona a paisagem envolvente do promontório de Sagres e o som do mar, criando um relicário protetor desse cântico. Greto Burri é uma obra simbólica, projetada por Alberto Burri e tira partido das ruínas pré-existentes de uma cidade, para lhe atribuir significado, e eternizar a memória do terramoto que a destruiu.

No terceiro, José Carlos Loureiro tem uma abordagem mais técnica, mas igualmente poética de suprir as necessidades de uma estrutura em constante evolução face à crescente quantidade de peregrinos e à visita do Papa João Paulo II, ao Santuário.

## ACROPÓLE DE ATENAS: DIMITRIS PIKIONIS

Etimologicamente do grego *akro*, que significa mais alto, e *polis*, que significa cidade, a Acrópole é o nome dado à grande colina no centro de Atenas, sobre a qual está implantado o Partenon e os restantes edifícios de grande valor simbólico e cultural. O caminho que leva os visitantes até este monumento é muitas vezes confundido como parte integrante da antiguidade clássica, mas na verdade é o resultado de um percurso desenhado em meados do século XX. Ao contrário das obras clássicas vizinhas, o caminho representa a confluência de princípios de planeamento modernos, arquitetura regionalista e composições de pintores de vanguarda. Projetado e acompanhado por Dimitris Pikionis, o caminho substituiu uma monstruosidade de estradas de pavimentação asfáltica que atendia a autocarros de turismo, à semelhança do que acontece no percurso até ao santuário de N.ª Sr.ª do Cabo.

A primeira metade do século XX foi uma época caótica de progresso e destruição de Atenas e da Grécia em geral. Uma expansão económica aliada à necessidade de acolher os migrantes sazonais levou à demolição de inúmeros edifícios clássicos para dar lugar a novos blocos de apartamentos modernos em Atenas, verificando-se uma ocidentalização de toda a região. Na decisão de que materiais seleccionar, Pikionis optou por recuperar elementos dos edifícios clássicos recentemente demolidos: frisos, colunatas, telhas de barro e outros materiais de construção foram coletados e reaproveitados. Ao optar pela utilização desses materiais, ele injetou autenticidade histórica no caminho. Esta historicidade incorporada apresenta-se ao visitante através de uma pátina natural dos materiais que acumulou ao longo da sua vida, tais como desgaste, bordas lascadas e descolorações. Estas imperfeições na cantaria imbuíram o caminho de um passado discernível e reconhecível pelos visitantes, apesar da sua construção moderna.

Pikionis recrutou uma equipa de habilidosos artesãos gregos para trabalhar as pedras e definir um caminho orgânico de inspiração vernacular. No início da construção, Pikionis evitou os típicos planos dogmáticos e optou por definir o projeto através de poucos desenhos, dando liberdade aos artesãos. Pikionis empregou o método tradicional da construção vernacular, construindo o terreno pelas mãos dos artesãos e gerando um design pluralista.

Uma leitura mais atenta revela que o caminho de Pikionis está a tensão dialética moderna entre forma e função. A organização do caminho modula entre estes dois ideais como forma de proporcionar clareza aos seus visitantes, bem como de atenuar as exigências climáticas, como as chuvas e os terrenos íngremes.

O topo do caminho da Acrópole termina em forma oval com bancos no centro, para que o visitante não tenha a noção do término desse caminho e sim uma fluidez que promove a circulação de pessoas. No topo da colina Philappou, Pikionis desenha uma área de estadia em semicírculo voltada para a Acrópole, relacionando o monumento com o restante caminho.

O projeto final reúne a paisagem natural, edifícios históricos e atuais, ruínas arqueológicas, facto que estimula o imaginário dos seus visitantes: arquitetos, artistas, moradores locais e todos os turistas que nele caminham e encontram o seu próprio significado. Ele não limitou o pensamento à academia grega, ou a vontades governamentais, mas sim de proporcionar um vínculo entre o observador e a obra que já lá existia, foi então um projeto de conexões a todos os níveis.

O caminho de Pikionis estabeleceu um tratamento do espaço quase "anónimo", uma atmosfera pode ser aceite por qualquer pessoa de qualquer nação e civilização. O espaço enaltece os ingredientes naturais mais elementares, a luz, o vento, a vegetação e o mar, que se relacionam com a memória coletiva de todos nós.



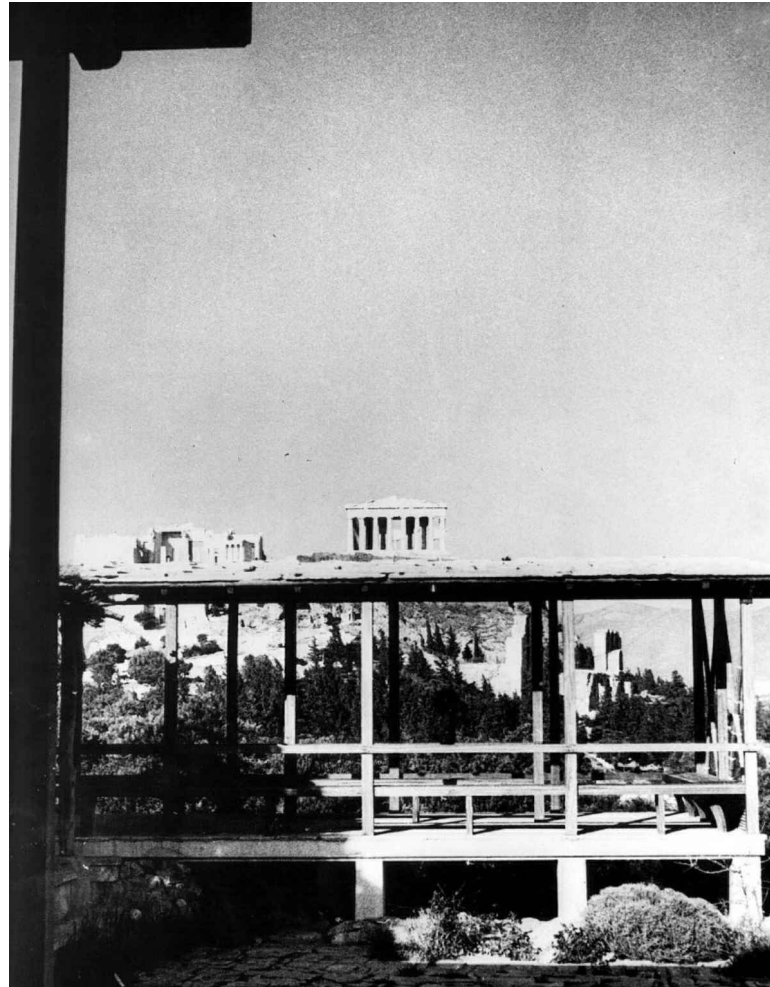


Fig. 106.  
 Vista através do Pavilhão sobre a Acrópole  
<https://hiddenarchitecture.net/st-dimitrios-loumbardiaris-church/>  
 Fig. 107.  
 Vista do pavilhão Lombardaris  
<https://hiddenarchitecture.net/st-dimitrios-loumbardiaris-church/>  
 Fig. 108.  
 Detalhe do pavimento  
<https://www.doma.archi/en/index/projects/diamorfwsh-prosbasewn-stoys-lofoys-akropolews-kai-filopappoy>





Fig. 109. Vista sobre o Teatro del Mondo e Basilica di Santa Maria della Salute, Veneza, 1979.  
Collection Centre Canadien d'Architecture/  
Canadian Centre for Architecture, Montréal

«Associada ao movimento neo-racionalista italiano da década de 1970, a obra de Aldo Rossi utiliza formas arquetípicas na tentativa de restabelecer a ligação com a memória coletiva do ambiente urbano. Desprovidos de considerações funcionais, os seus edifícios são abstrações de elementos arquitetónicos tipológicos (torres, colunas e frontões, para citar alguns) extraídos de suas memórias. Destas reflexões experienciais surge o poder dos edifícios de Rossi: alcançar um silêncio que lhes permita fazer parte das nossas memórias e também das dele.

Embora tenha precedência nos teatros flutuantes do século XVIII, populares nos carnavais, o teatro flutuante dá uma impressão onírica pela sua simplicidade formal e cores ousadas. Construída em madeira (relacionada às fundações de estacas de madeira de Veneza) e andaimes de ferro, a estrutura temporária tornou-se o edifício mais famoso e possivelmente o mais importante de Rossi.

"A emergência de relações entre as coisas, mais do que as próprias coisas, sempre dão origem a novos significados."

Construído para a Bienal de Veneza de 1979-80, o Teatro del Mondo incorpora as ideias de Rossi sobre arquitetura, mas as excede na solução imaginativa que ele criou, em parte devido à sua paixão pelo teatro. Tal como Rossi reiterou ao longo da sua carreira que a arquitetura proporciona um palco para a vida, com os espaços públicos a servirem de pano de fundo para as experiências da vida, o teatro funciona como uma metáfora para as suas crenças. Como nem o teatro nem a arquitetura existem sem um evento, Rossi concentra-se nas ocorrências inesperadas, nos significados em constante mudança de um lugar devido a eventos em constante mudança. O seu teatro não é um lugar apenas para assistir a espetáculos, mas também um lugar para ser visto, um lugar para observar e ser observado. Isto é conseguido em dois níveis, colocando o teatro como objeto na água e, no interior, colocando o palco no centro dos assentos.

À medida que os espectadores se tornam parte do cenário do evento teatral, a cidade de Veneza é atraída para dentro através das aberturas das janelas nas varandas superiores. Ocorre um desconforto à medida que as pessoas sentadas nessas áreas percebem a presença de barcos e a ascensão e queda visual do teatro na água.

Os desenhos infantis que Rossi criou em abundância ao longo da sua carreira reforçam sua abordagem tipológica da

arquitetura, onde elementos arquitetónicos simplificados dão uma sensação de saudade. O uso repetido de elementos arquitetónicos familiares por Rossi cria uma sensação de um lugar vagamente lembrado, através de uma

tentativa de reconciliar suas próprias memórias. No Teatro del Mondo criou uma arquitetura consistente com suas ideias geradas a partir de experiências de vida, produzindo também o edifício mais imaginativo de sua carreira.» (1)

1. HILL, Jhon. A Weekly dose of architecture books, 1 de fevereiro 1999.  
<<https://archidose.blogspot.com/1999/02/teatro-del-mondo.html>>



Fig. 110. Desenho ilustrado do Alçado Lateral do teatro del Mondo, Veneza, 1979.  
Collection Centre Canadien d'Architecture/  
Canadian Centre for Architecture, Montréal



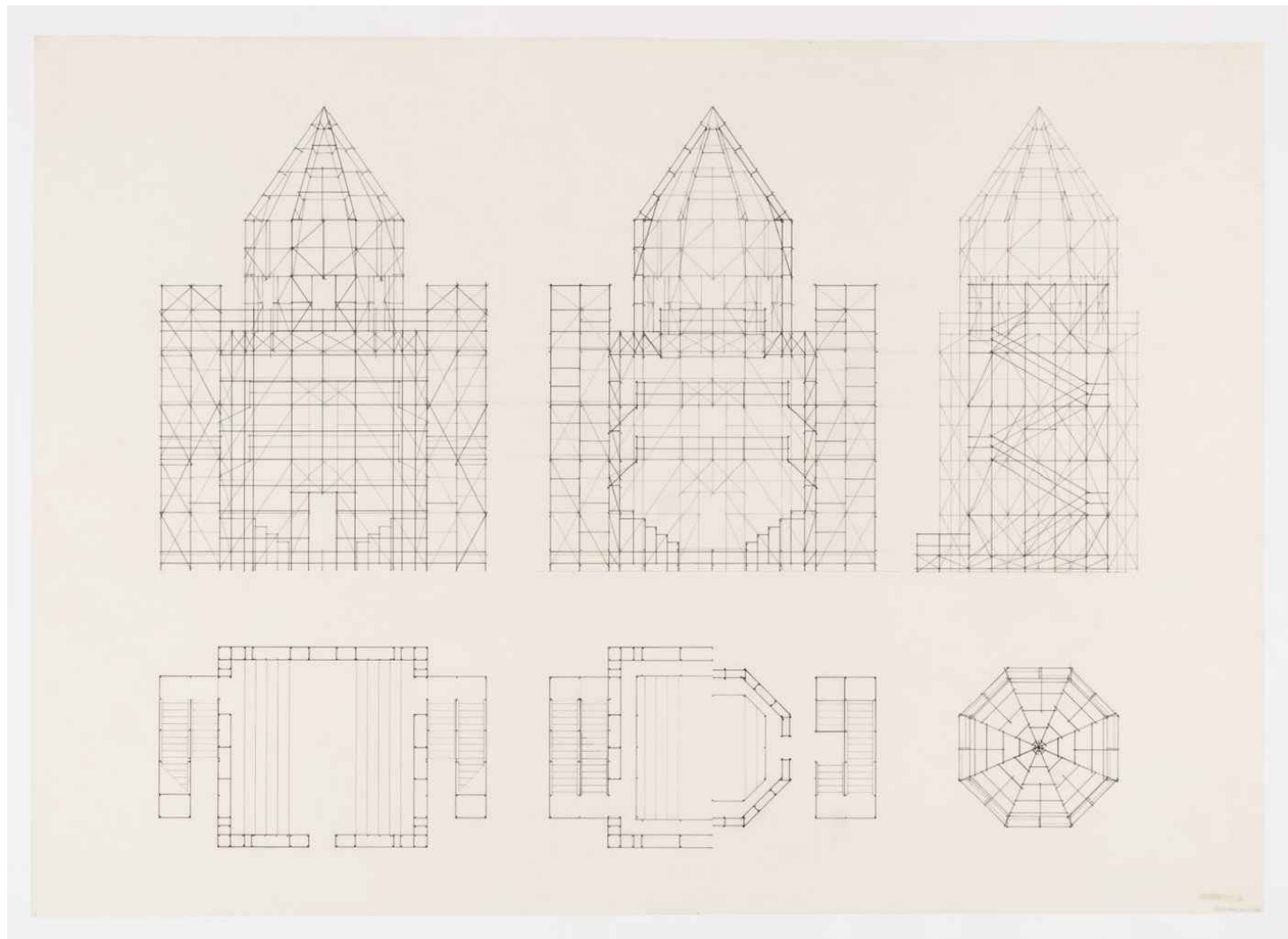


Fig. 111. Desenho de estrutura, Aldo Rossi, Veneza, 1979.  
Collection Centre Canadien d'Architecture/  
Canadian Centre for Architecture, Montréal



## A VOZ DO MAR

A instalação Voz do Mar personifica o ruído do mar, uma relíquia igualmente efêmera, mas constante.

Inicialmente construída, no âmbito do Programa de Arte Contemporânea do Algarve em 2010, pelo arquiteto Pancho Guedes como uma construção efêmera, foi posteriormente restaurada e construída de forma permanente pelo atelier Ressano Garcia Arquitetos.

O arquiteto Pancho Guedes compara a sua obra a um labirinto "como a própria vida. Uma pessoa pode ficar perdida por um tempo, mas acaba sempre ali". O projeto é composto por um caminho de forma circular que culmina num núcleo interior junto à cavidade da falha. Para chegar ao núcleo, o observador tem de percorrer o caminho de forma circular onde as paredes que formam este corredor têm alturas diferentes, reverberando o som de formas igualmente distintas criando experiências únicas à medida que o observador se aproxima do centro. A diferença entre a altura das paredes cria um som ressonante que ecoa entre estas lâminas provocando um chamamento da natureza ao seu núcleo.

As paredes são compostas por tijolos de cimento rebocados e caiados numa mistura de cal e óxido de ferro, permitindo ao observador sentir a textura e temperatura dos materiais.

Esta experiência é seguida por um impacto visual na saída deste labirinto virada a sul, onde o confinamento das paredes contrasta com a imensidão do mar a perder de vista.

A experiência final que esta edificação evoca é quando a olhamos de longe, à saída do promontório, a austeridade contagiante desta peça que ao mesmo tempo se assume como singular pela forma e materialidade, mas ao mesmo tempo se adapta à envolvente igualmente austera.

Fig. 112. Maquete em corte, 2015.  
Ressano Garcia Arquitetos  
<https://espacodearquitetura.com/projetos/a-voz-do-mar/>

Fig. 113. Detalhe de Fachada, 2015.  
Ressano Garcia Arquitetos.  
<https://espacodearquitetura.com/projetos/a-voz-do-mar/>



Fig. 114. Vista sobre a envolvente, 2015.  
Ressano Garcia Arquitetos.  
<https://espacodearquitetura.com/projetos/a-voz-do-mar/>



Fig. 115. Vista sobre o monumento, 2015.  
 Catrina Genovese.  
<https://www.archdaily.com.br/br/958190/a-psicogeografia-da-monumental-land-art-cretto-di-burri>



O monumento Cretto di Burri é uma obra singular de land art, projetada pelo artista Alberto Burri sugerindo uma interpretação das ruínas da antiga cidade de Gibellina Vecchia, destruída durante o terremoto que assolou o vale de Belice a 15 de Janeiro de 1969, matando em torno de 200 pessoas e deixando perto de 100.000 desalojadas.

Esta obra veio dignificar as ruínas da antiga cidade e desenhar uma memória coletiva das ruas e edifícios destruídos.

Anos após o terremoto, a população de Gibellina foi realojada numa nova cidade a 20 km de distância, deixando as ruínas ao abandono.

Loduvico Corrà, promotor da construção da Nuova Gibellina, convocou vários artistas e arquitetos com o objetivo de criar um monumento que materializasse a memória do terremoto na "nova" cidade. Entre esses criativos estava Alberto Burri, que na chegada à nova cidade depara-se com uma cidade consolidada, sem necessidade da sua intervenção. Assim surgiu a ideia de realocar o monumento na antiga cidade, tirando partido das ruínas e do material existente para a criação de esta obra escultórica.

Durante a década de 70, o artista realizou diversas peças utilizando o "cretto" (a falha) como tema principal da sua obra, inspirando-se nos grandes desfiladeiros americanos como o Parque Nacional de Vale da Morte ou o Grande Canyon, que resultaram em obras de grande valor escultórico hoje expostas no Museu de Los Angeles e de Capodimante.

Assim, em 1981, cobriu as ruínas da cidade Siciliana com uma espécie de grande revestimento de betão, criando ruas percorriéis que dão sentido à memória da cidade desaparecida.

Fig. 116. Vista sobre o monumento, 2015.  
 Catrina Genovese.  
<https://www.archdaily.com.br/br/958190/a-psicogeografia-da-monumental-land-art-cretto-di-burri>



Fig. 117. Vista sobre Gibellina depois do Terramoto, 1968.  
 Autor desconhecido.  
<https://www.thegreensideofpink.com/design-en/art/2021/art-in-the-wound-the-great-cretto-of-alberto-burri/?lang=en>



Há semelhança da aparição de Nossa Senhora ocorrida no Cabo Espichel no séc XIV, outras aparições ocorreram ao longo da história de Portugal e deram origem à criação de locais sagrados de relevância internacional.

A mais próxima no tempo e talvez a de maior importância na atualidade foi a aparição de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, ocorrida em 1917 dando origem à primeira capela, apelidada de Capelinha das Aparições de Fátima, três anos mais tarde.

Desde então o santuário foi crescendo em tamanho e importância, surgindo a necessidade de adaptação do local à crescente chegada de peregrinos, logo após a sua construção. Em 1928, aproximadamente 10 anos após o início das peregrinações foi construída uma cobertura que abrigava os peregrinos e a própria capela, mantendo-se assim até 1982, ano da visita do Papa João Paulo II a Fátima.

Nesse ano foi inaugurada uma nova cobertura que adaptava a função primordial de abrigo a peregrinos e complementava a necessidade de organização de toda a dinâmica associada à chegada do Papa.

Esta nova peça assinada pelo arquiteto José Carlos Loureiro é talvez uma das mais importantes obras de arquitetura religiosa, do final do séc XX, em Portugal. Um projeto singular de coexistência entre uma obra neoclássica do início do séc. XX e uma obra assumidamente pós-moderna do final do século.

O projeto divide-se em duas atmosferas distintas e resolve dois problemas igualmente distintos: o primeiro, a de abrigo dos peregrinos e da imagem de Nossa Senhora de Fátima, local de culto e cerimonial de extrema relevância simbólica, de valor quase monumental, tornando-se símbolo da renovação da fé e do Santuário de Fátima; a segunda atmosfera, que se quer quase invisível e resolve o problema dos serviços de apoio aos peregrinos e às cerimónias religiosas que acontecem junto da capelinha.

Enunciamos assim, dois edifícios desse mesmo projeto que resolvem problemas de naturezas diferentes e que por isso surgem com intenções e abordagens diferentes.

A cobertura monumental quer-se assumidamente presente, apesar da elementaridade da sua forma. Quatro pilares de betão revestidos em pedra calcária sustentam uma cobertura de vigas metálicas revestida por uma madeira de carvalho escura e trazem simultaneamente uma leveza construtiva e uma austeridade dignas de uma peça de cariz religioso. Os pilares são abraçados por painéis de vidro que abrigam os peregrinos das intempéries, mas permitem, intencionalmente, o vislumbre da Imagem e da Capelinha de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, do exterior.

O edifício de complemento foi desenhado para ser impercetível aos olhos do observador mais desatento, coberto por uma sebe vegetal, estes edifícios mantêm-se silenciosos na atmosfera religiosa neoclássica do restante santuário.

Este centro de apoio a peregrinos detém serviços como a sacristia, a galeria dos tocheiros, a venda de cera, o seu depósito, os gabinetes administrativos, entre outros. Desenhado entre formas regulares e irregulares tenta adaptar-se à envolvente, criando uma ligação direta com a copa da azinheira e com a própria aparição.

Contudo, este projeto é um excelente exemplo de comunhão entre uma estrutura bem definida, o santuário e a necessidade de adição de camadas que consolidam e que surgem em complementaridade com o restante.

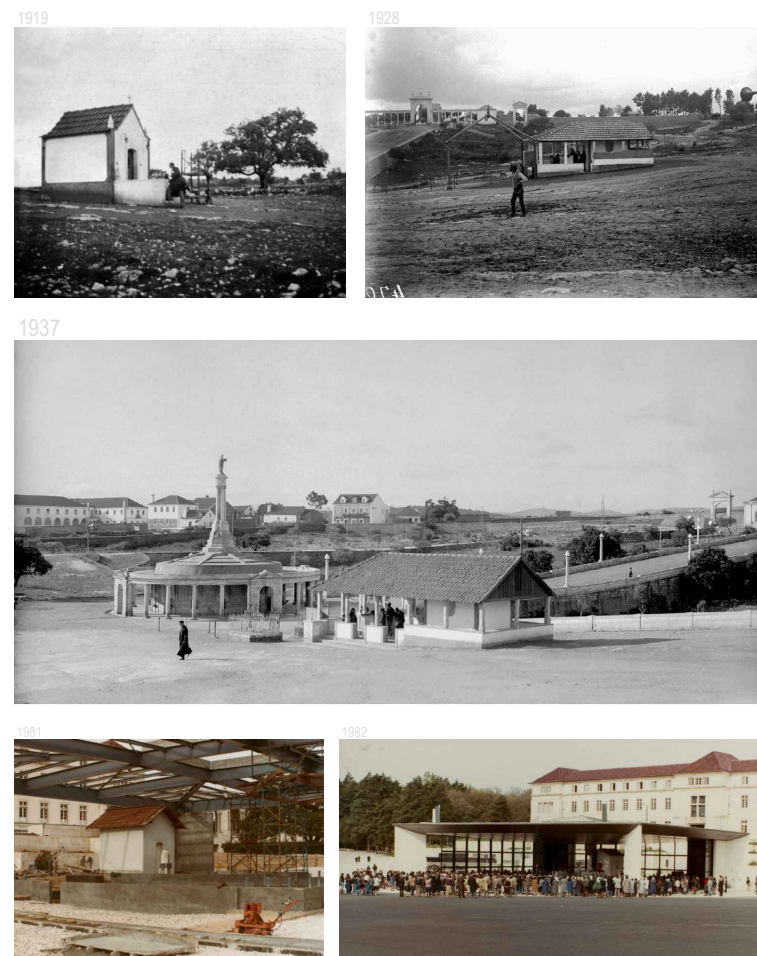
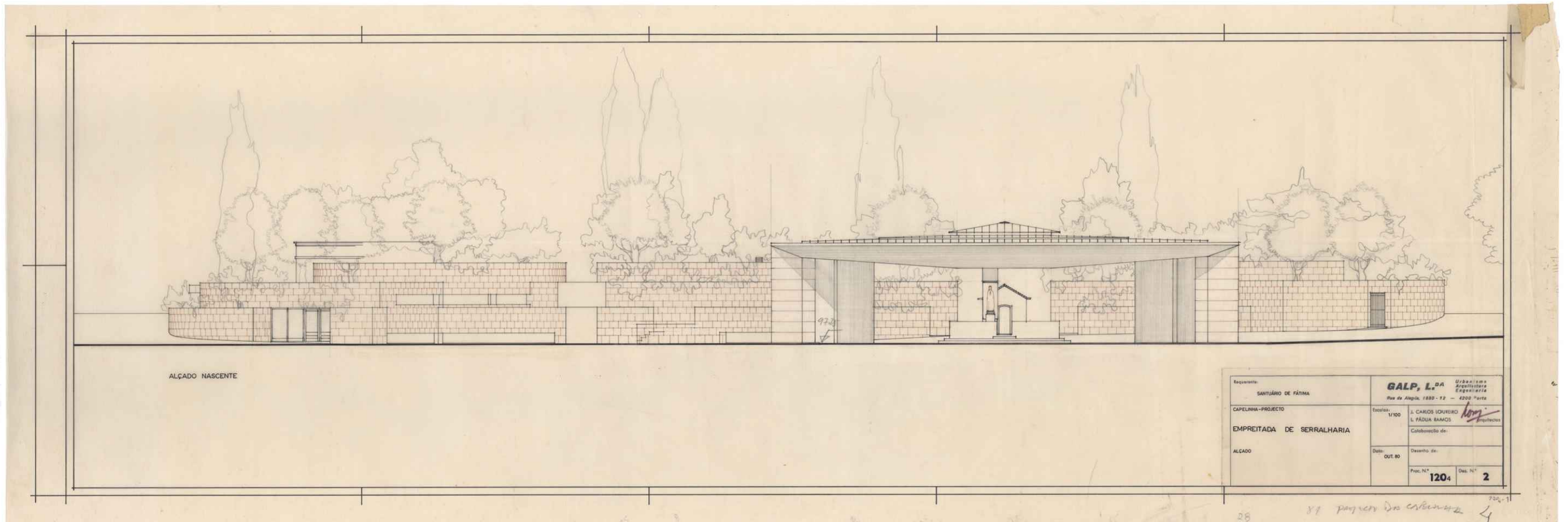


Fig. 218. Cronologia de imagens Capelinha das Aparições.  
<https://mediotejo.net/fatima-1919-1920-os-anos-em-que-a-pneumonia-levou-dois-santos-e-consolidou-um-culto-nacional/>

Fig. 220. Desenho técnico. Santuário de Fátima, Empreitada de Serralharia, Outubro 1980. João Carlos Loureiro e J. Pádua Ramos. Instituto José Marques da Silva



Planta do conjunto

Legenda:

- 01. Capelinha das Aparições
- 02. Zona Comum
- 03. Sala de apoio ao peregrino
- 04. Galeria dos Tocheiros
- 05. Sacristia
- 06. Gabinete
- 07. Depósito de cera
- 08. Recolha de cera queimada
- 09. Venda de cera
- 10. Depósito de Cera
- 11. Gabinete Sacerdote

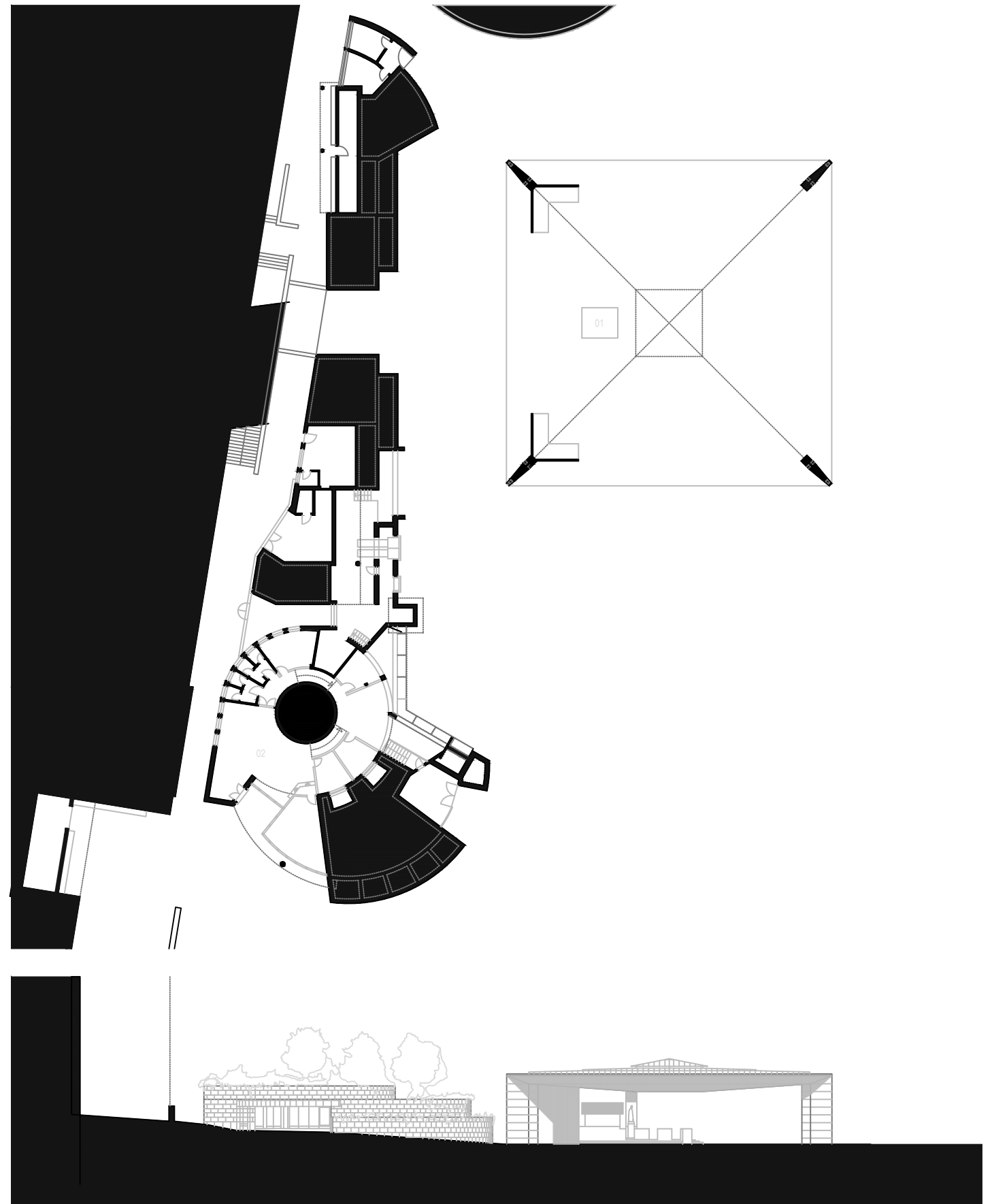
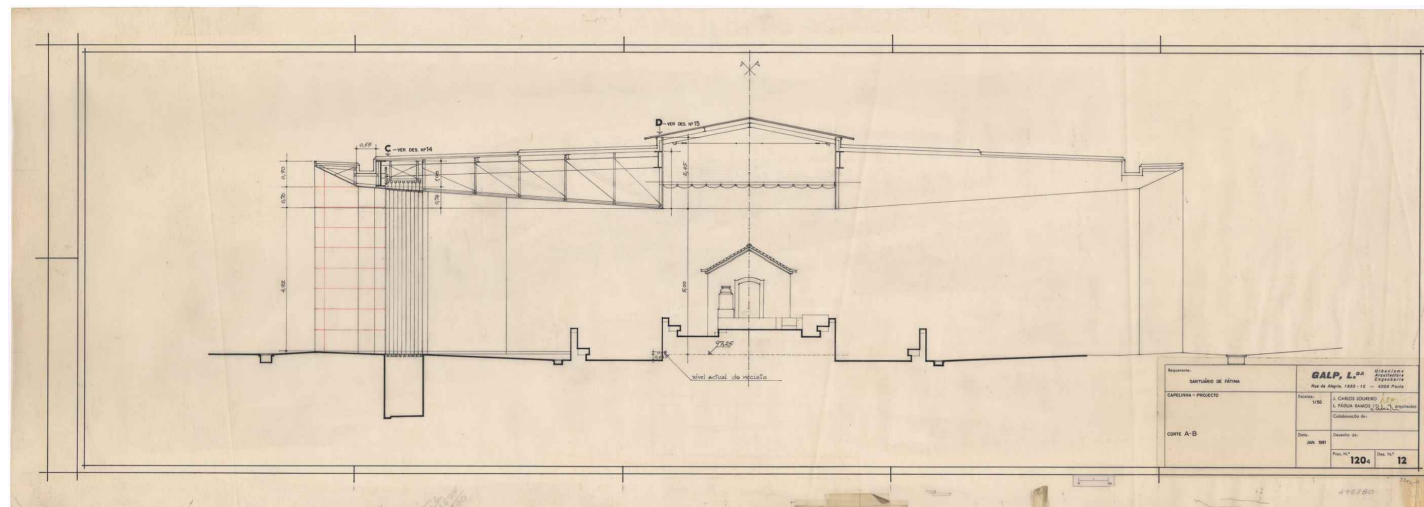


Fig. 221. Desenho técnico. Santuário de Fátima, Empreitada de Serralharia, Outubro 1980. João Carlos Loureiro e J. Pádua Ramos. Instituto José Marques da Silva





## O CAMINHO

"O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido o homem habitar o mundo."

5

O caminho é imediatamente reconhecido como um "itinerário" e expõe as arquiteturas infinitas da paisagem. Quando nómada, o Homem, devido às deslocações cíclicas resultantes da procura de alimento, desenvolvia percursos muitas vezes sazonais em grandes espaços que pressupunham muitas vezes um regresso. Poder-se-á dizer que o desenvolvimento do Homem é resultado do movimento cíclico, de uma cultura nómada que é fruto do próprio caminho. Este constitui assim o primeiro e mais básico espaço de contato e confronto entre culturas e comunidades. É ao longo do percurso que a vida da comunidade se desenvolve, assumido como um lugar simbólico. A manifestação sensorial de uma experiência espacial dinâmica composta é pela soma das diferentes empatias que o percurso tem no seu utilizador.

Gonçalo Ribeiro Telles define a paisagem como "... um todo biológico e orgânico em que cada elemento que a compõe influencia e é influenciado pelos restantes numa cadeia, em permanente movimento cíclico, determinada pelo «meio» e recriada pelo «homem»..."

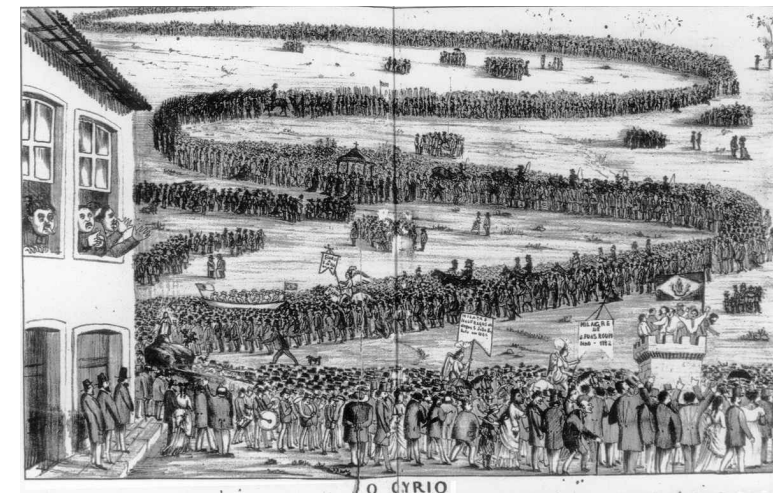
6

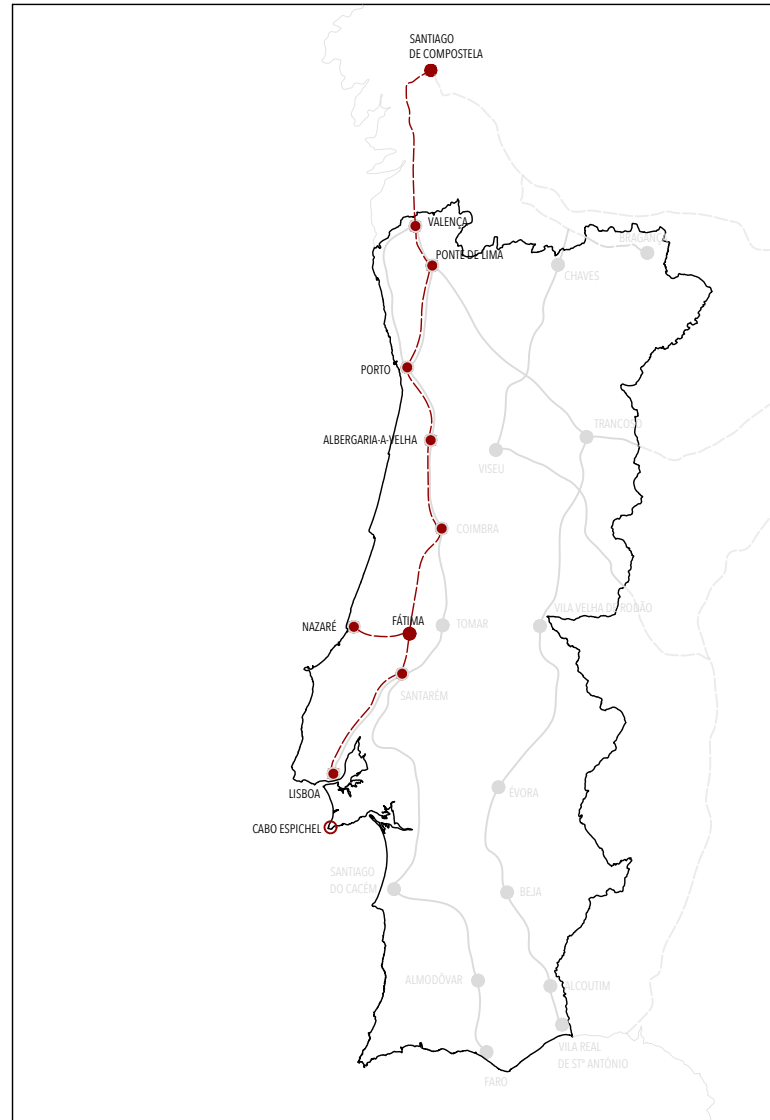
Assim, a intervenção do arquiteto começa pelo ato de tomar consciência das potencialidades da paisagem biofísica, do contexto e beleza do lugar. Estudar a paisagem terrestre significa estabelecer com ela uma relação de pensamentos e sensações, resultando daí uma representação mental, proveniente do conhecimento e de experiências intuitivamente adquiridas pelo observador.

5.CARRERI, Francesco. Walkscapes, O caminhar como prática estética. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2013. p.27

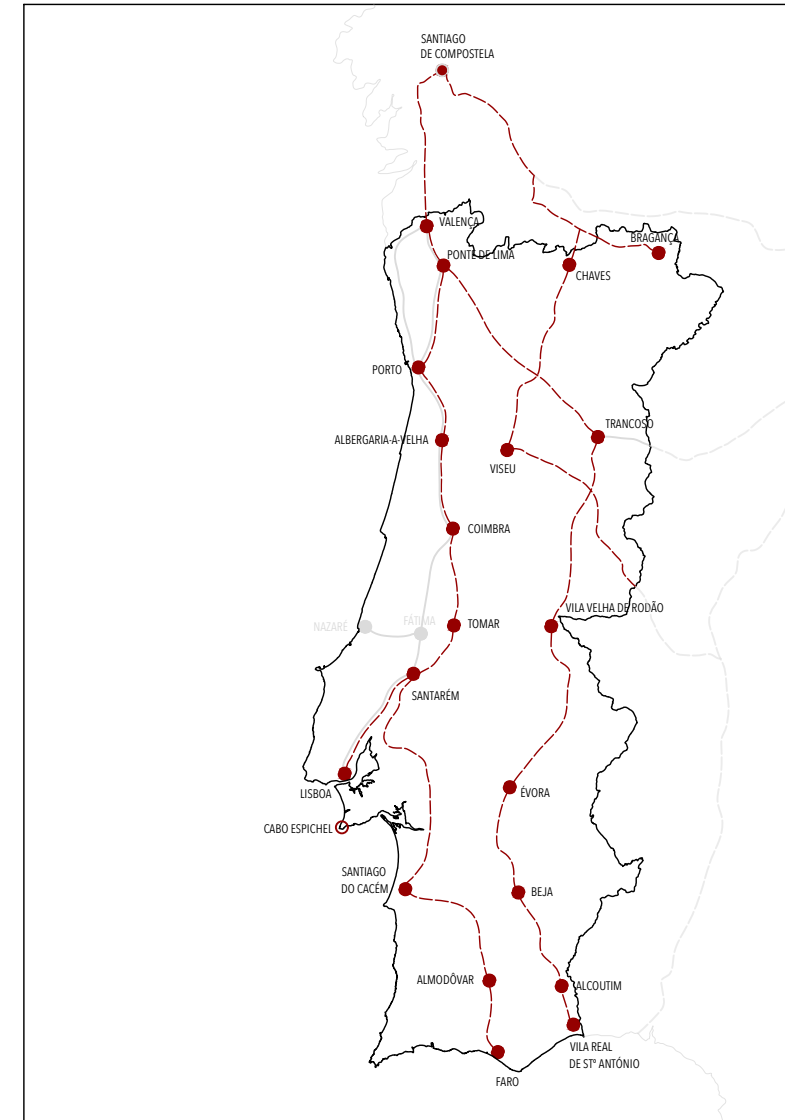
6.TELLES, Gonçalo Ribeiro Telles. A perca da complexidade da paisagem portuguesa. Jornal Arquitectos, Lisboa, n. 206, p. 73-78, maio/junho, 2002.

Fig.223. Círio de Nazareth do Pará, Belém.  
Revista Puraquê, 1838.

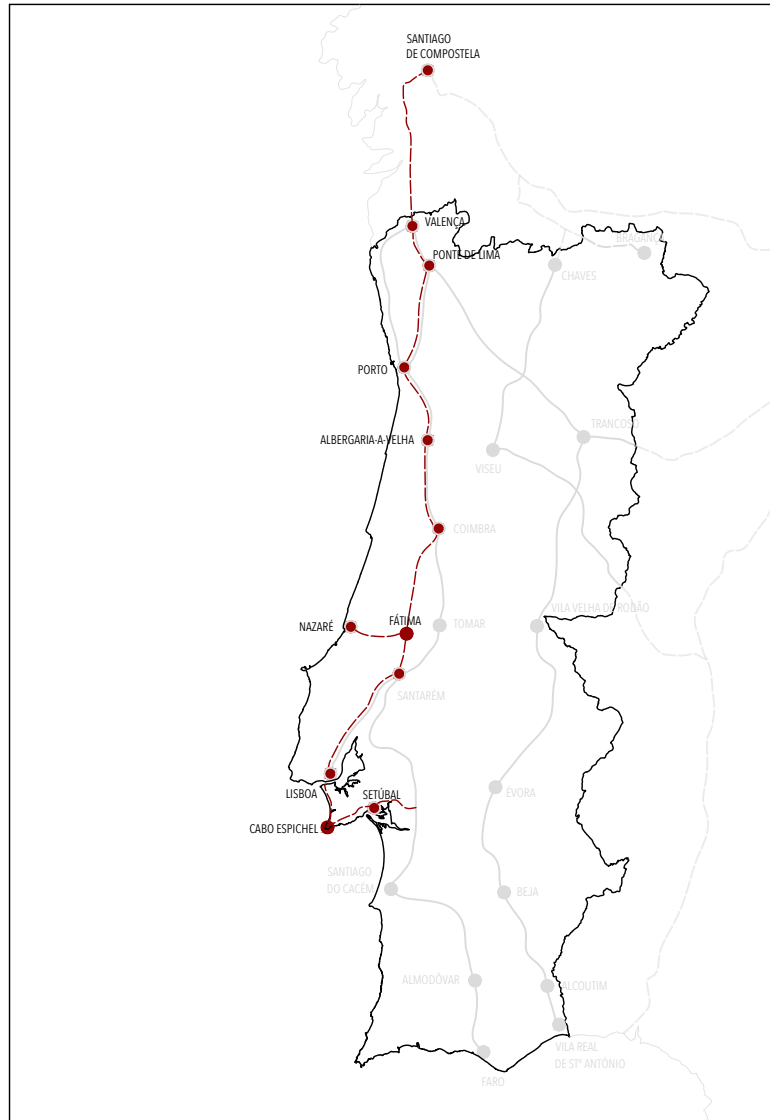




O CAMINHO DE FÁTIMA



O CAMINHO DE SANTIAGO



O local de reunião das populações momentos antes do início do círio foi fundamental para a sua resolução, o terreiro, o adro da igreja, a praça, e a fonte, constituíam o local de encontro de várias comunidades que se reuniam em procissão de fé e davam início ao círio, contudo estes locais caíram no esquecimento das populações.

Nesta ótica, o percurso para o santuário deixa de ter um início definido, sendo apenas o destino (o santuário) o local de reunião destas populações, enfraquecendo a jornada de fé até ao Cabo. Assim, e para colmatar esta ausência criamos um espaço simbólico que marca o início do círio como antes se fazia, um espaço que que separa a atmosfera mundana do espaço sagrado do Santuário.

Este local é pontoado pela presença do primeiro cruzeiro que marcará o início do percurso até ao promontório.

A partir deste momento todos os carros serão eliminados e o percurso se fará a pé, contando aproximadamente 15 minutos de marcha lenta até à Ermida de Memória. Ao longo do percurso ouvimos o som da água a ecoar no interior do aqueduto e o sussurrar do vento por entre os arcos e vegetação. Este impacto paisagístico há muito foi perdido pela construção da Estrada Nacional que deixa o observador alheio ao valor desta paisagem singular. Um caminho construído de pedra escovada de feição Saloia de padrão irregular, será o primeiro contacto com a rigidez da pedra calcária da escarpa que o precede, contrastando com a regularidade das cantarias e cornijas do santuário Mariano. A meio caminho verificamos uma bifurcação que nos indica a existência das pegadas de dinossauros presentes junto à enseada dos lagosteiros a norte. Neste percurso, a utilização da pedra já não é relevante, este caminho será percorrido através do caminho de pé posto pré-existente para criar uma ligação mais estreita entre o observador e a natureza que o envolve. Ao terminar este percurso o observador depara-se com pegadas de dinossauros com mais de 600 mil anos de existência e tem uma perspetiva privilegiada sobre o santuário a largos metros de distância, através de dois módulos que permitem tanto a apreciação do monumento natural, como das hospedarias, da Igreja e da Ermida da Memória.

De volta ao percurso principal de chegada ao Santuário, depois da bifurcação que nos afasta progressivamente do promontório, avistamos as torres da Igreja de Nossa Senhora do cabo, que anteriormente tínhamos deixado de ver pelo declive da topografia, estes majestosos gigantes de pedra, constituem um sinal de que nos aproximamos cada vez mais da atmosfera sagrada conferida pela Imagem da Virgem. Escassos metros adiante, começamos a ter uma leitura mais completa do santuário ao aproximar-nos da casa da água, e das fontes das duas bicas, agora recuperadas.

Em frente temos o primeiro indicador da cerimónia ritualista que nos precede. O poço pequeno, junto aos pilaretes da entrada para o Farol, é o primeiro local de paragem onde se lavavam as mãos para iniciação do rito de purificação do corpo antes da entrada efetiva em terreno sagrado.

Dali, seguimos junto ao muro da Horta da Casa da Água pela grande praça desenhada, e subimos a escadaria que nos apresenta o segundo cruzeiro., dando as três tradicionais voltas, e atravessamos a arcada que nos acolhe, dali percorremos os 160 metros de comprimento das hospedarias a norte e descobrimos a imensidão do horizonte em contraste com a pequena Ermida da Memória, estágio final do percurso.

De forma a complementar este percurso e tentar devolver alguma dignidade ao percurso primitivo dos Círios, desenhámos um palco de carácter efémero que será alocado no centro do Arraial e que permitirá a efetivação das festas que acompanham o círio desde o início.

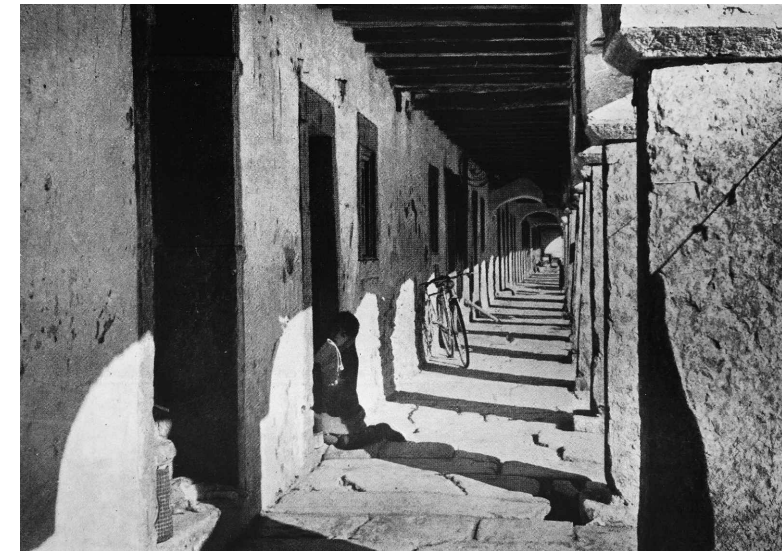


Fig. 224. FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». nº 70; Lisboa: Março 1961.







-  Percurso proposto até ao Santuário
-  Percuso até ao Farol
-  Percurso proposto da Pedra da Mua
-  Linha assinala a Zona de protecção da Igreja de N.ª S.ª do Cabo, Casas dos Círios e Terreiro. Portaria publicada no Diário do Governo, 2ª Serie, N.º 280, de 29 de Novembro de 1963.



Fig. 225. Primeiro Cruzeiro e Farol.  
Fotografia do Autor, 2023.



Fig. 226. Primeira fase do aqueduto.  
Fotografia do autor, 2023.

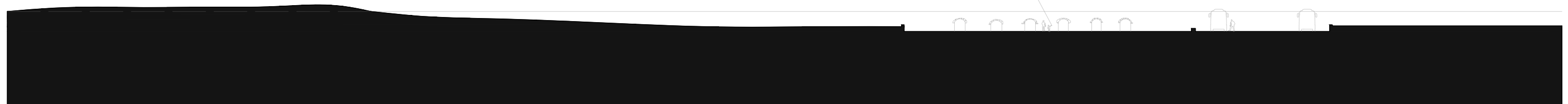
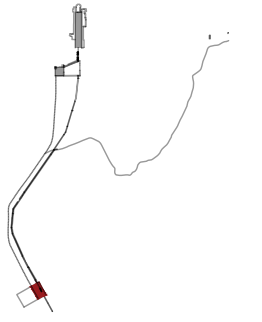


Fig. 227. Parque de estacionamento.  
Imagem 3D do autor.



Fig. 228. FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.





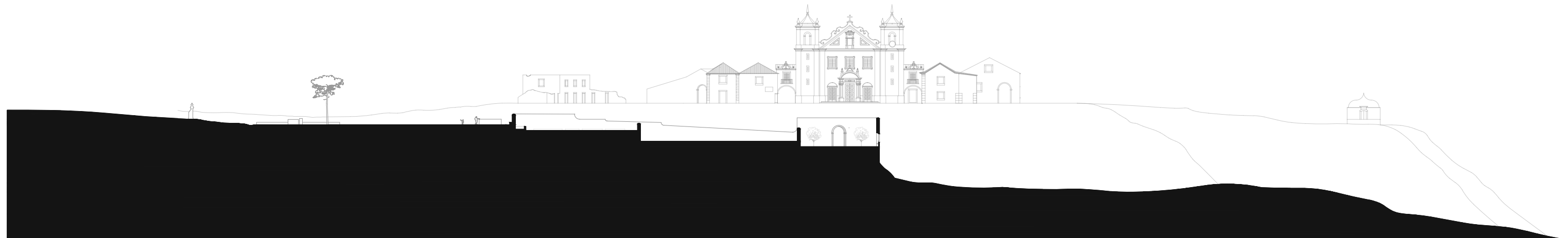
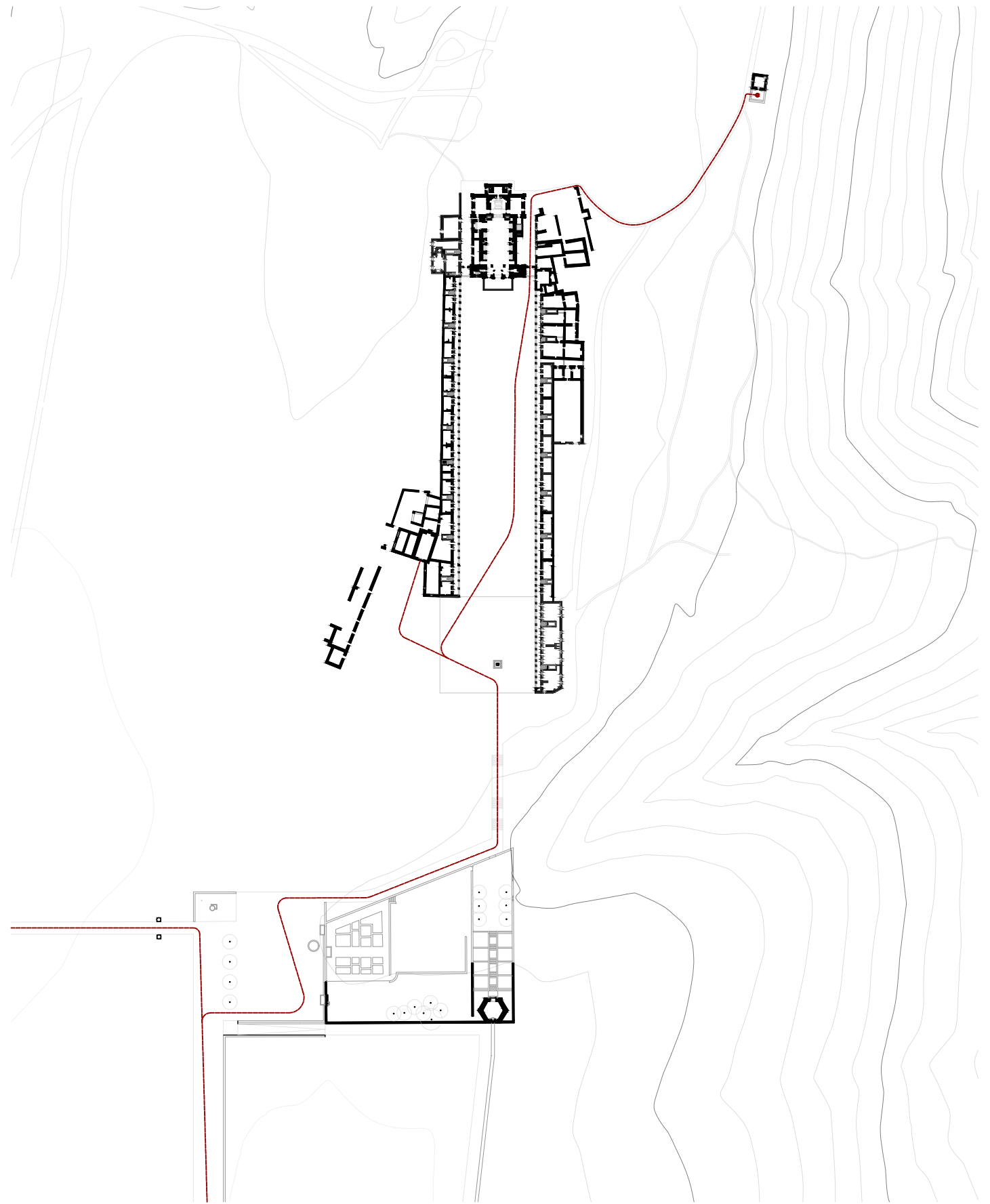


Fig. 229. Muro da Casa da Horte da Casa da Água.  
Fotografia do Autor, 2022.

Fig. 230. Praça das Fontes.  
Imagem 3D do autor.





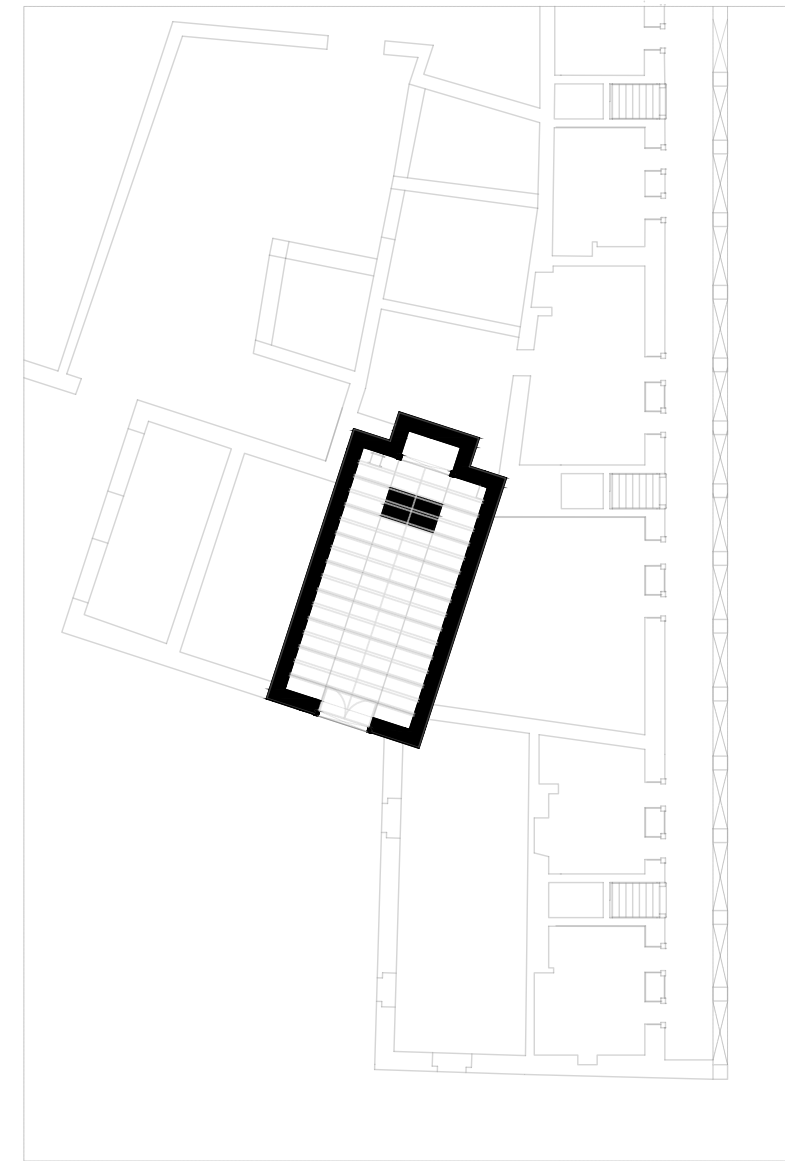
"A terceira foi feita pelos povos das Freguesias do Termo, antes de formarem os Gíros, e devia estar num lugar isolado, por que era costume, quando entravão os sirios, rodear o templo trez vezes antes de entrar"(2).

Através do estudo elaborado no capítulo quatro, e pelo relato de Francisco Ildfonso no manuscrito "Memórias sobre a antiguidade das Romarias" podemos concluir que a existência de uma capela dedicada às populações integrantes dos Círios estimulava de certa forma o sentimento de pertença sobre aquele lugar sagrado. Estas populações tornavam-se assim parte do conjunto alargado de organismos detentores do santuário. Com o objetivo de firmar a relação entre o próprio Conjunto de Nossa Senhora do Cabo e as populações que o visitam anualmente, devolvemos esta capela. O arquiteto e investigador Paulo Dias faz uma leitura evolutiva do santuário desde a construção da Ermida da Memória e propõe que esta capela não tinha sido destruída, mas sim adaptada a armazém da berlinda processional. Uma vez que a berlinda está exposta no Museu Nacional dos Coches, em Belém, esta estrutura deve, na minha opinião, adaptar-se e regressar á sua função primordial, estreitando a relação entre o Círio e a própria estrutura arquitetónica.

(1) SANTOS, Francisco Ildfonso dos- Memórias sobre a antiguidade das Romarias...Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.p 53.



Fig. 231. FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.



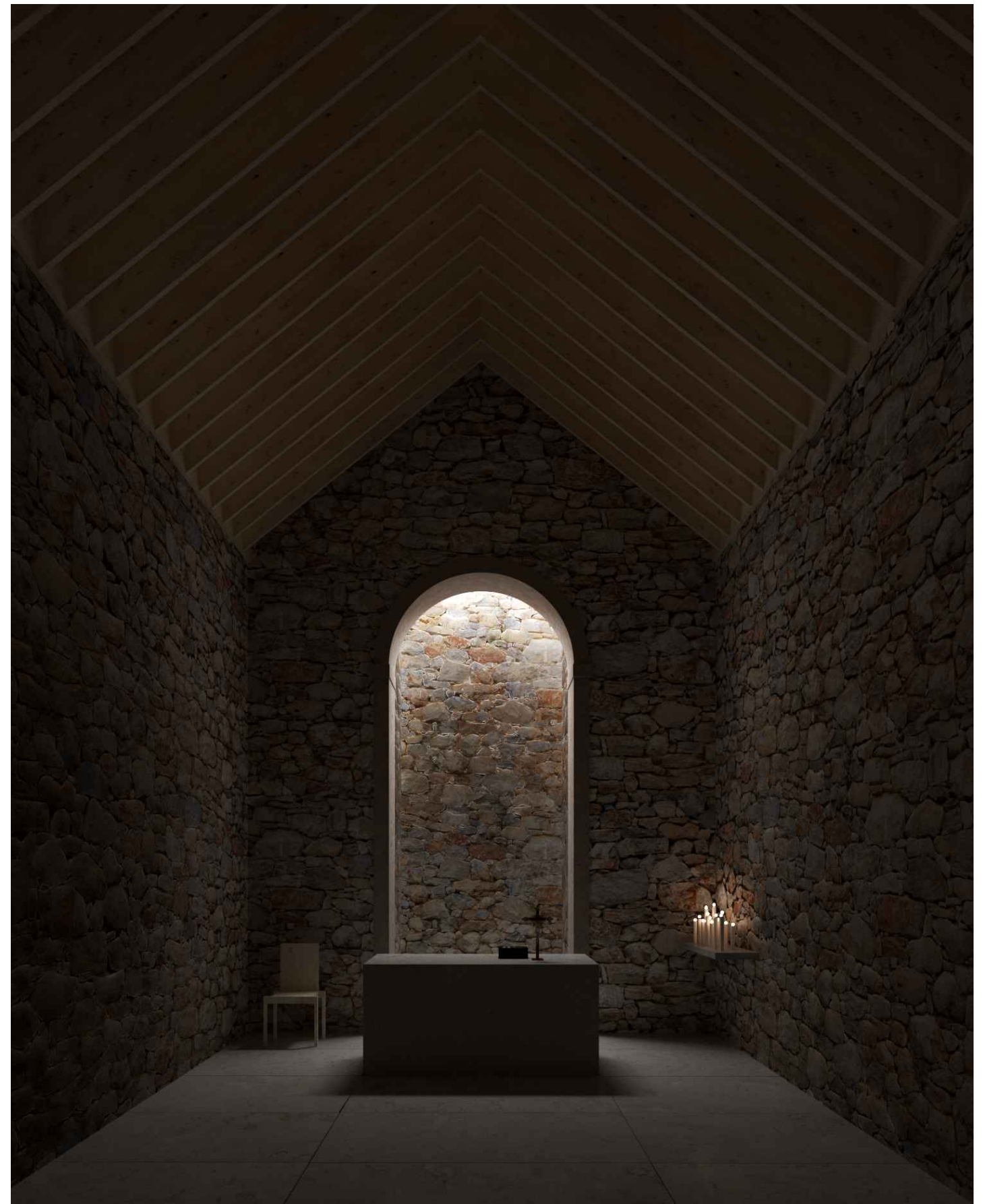
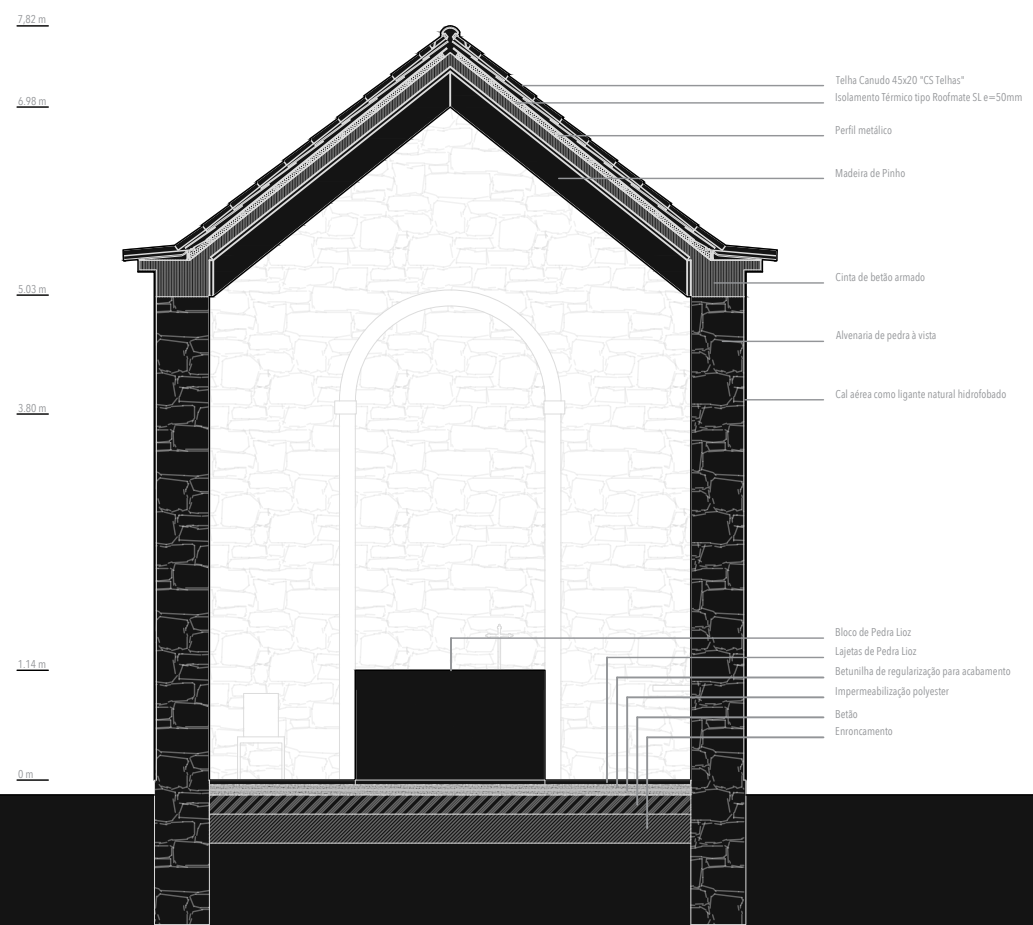


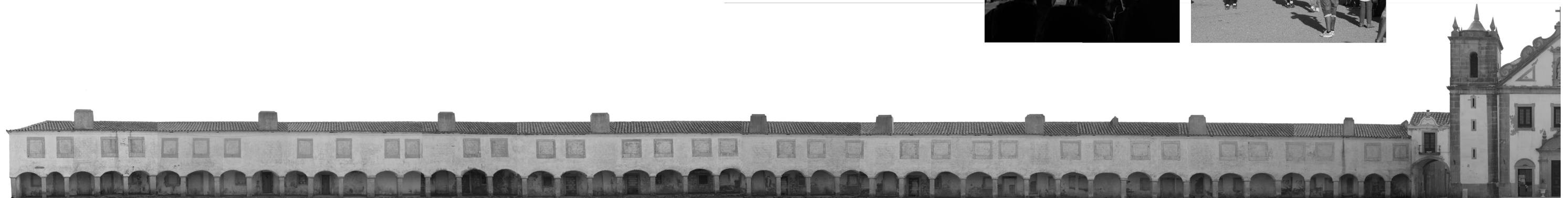
Fig. 232: Interior da Capela do Ciro  
Imagem 3D do autor.

## UMA PEÇA EFEMERA

Através do estudo evolutivo dos Círios, presente no capítulo 3 desta dissertação e da visita ao lugar durante estas cerimónias, podemos concluir que o Círio Saloio, bem como os Círios a Sul ainda são bastante relevantes na atmosfera cultural das populações que os compõem. No caso concreto do Círio de Sesimbra, centenas de pessoas se deslocam ao Cabo em adoração à virgem. Este Círio conta com a presença de grupos musicais, peregrinos, não crentes, atividades lúdicas entre outros, tornando a estrutura do santuário ineficiente face às necessidades dos peregrinos. O estado de abandono a que o Santuário está exposto, limita a sua utilização por parte dos peregrinos configurando todo o espaço como uma mera realidade cénica. Para suprir as deficiências que a estrutura edificada apresenta, são montados veículos atrelados, para suprir as necessidades de confeção e venda de alimentos, constroem-se recintos improvisados para o alojamento temporário dos peregrinos, a iluminação é feita a partir de postes de madeira improvisados e as bandas de música operam num palco totalmente descaracterizado em estrutura metálica de carácter odioso que perturba o percurso primitivo de chegada ao santuário.

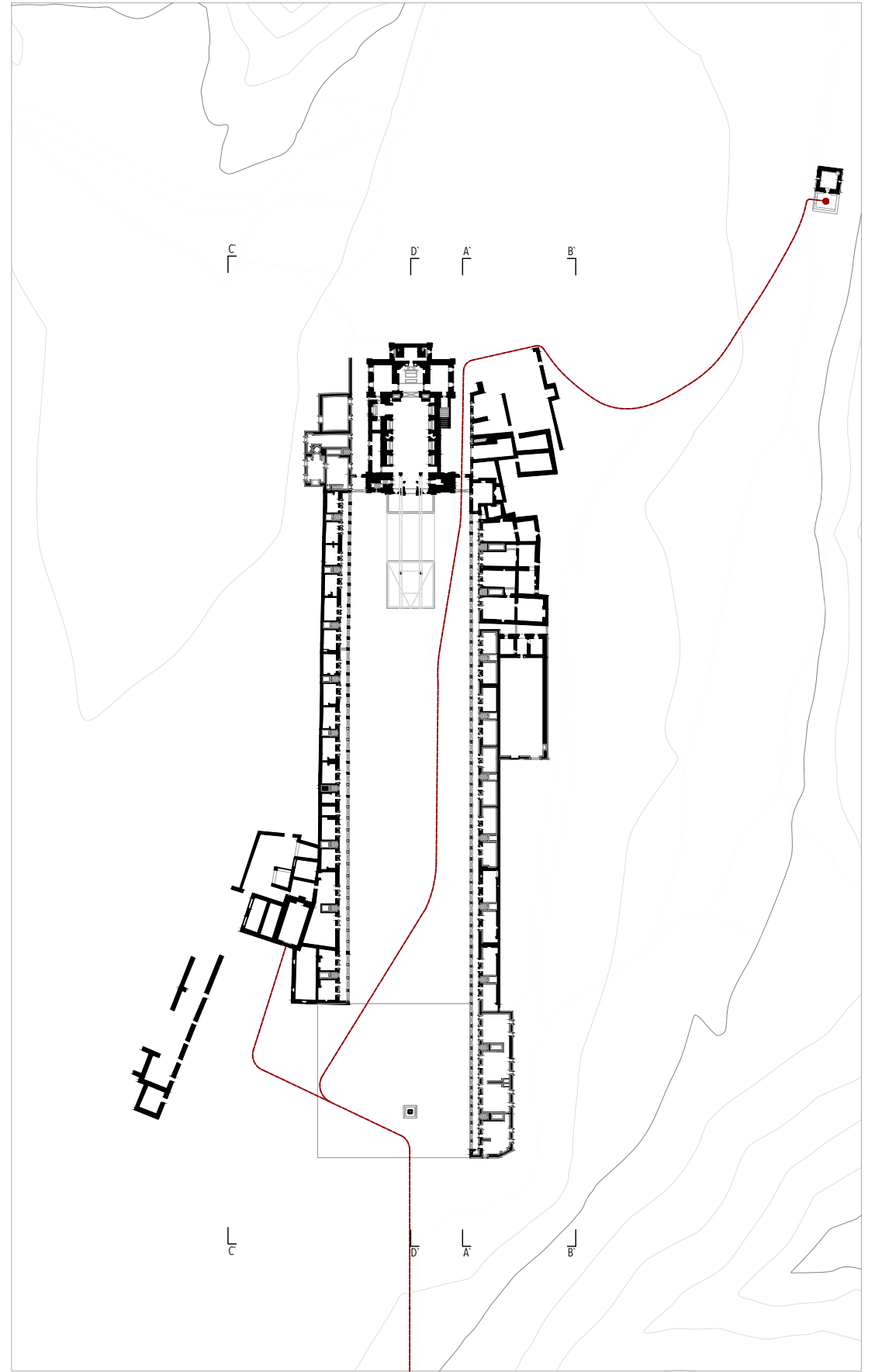
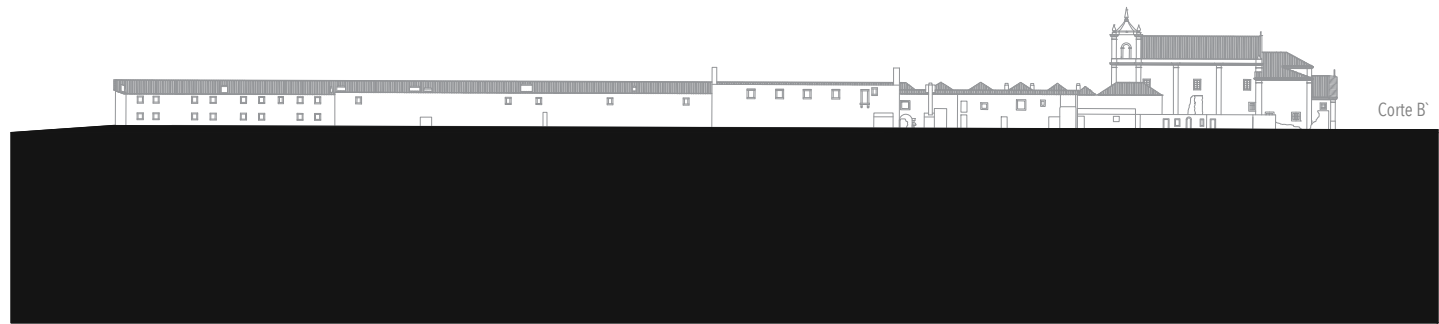
Nesta ótica, criamos um elemento deste conjunto que permite suprir a necessidade de abrigo dos músicos e dos instrumentos assegurando o enfiamento visual entre a Igreja de Nossa Senhora do Cabo e a Casa da Água, mantendo-se a clareza espacial e o domínio dessa clareza. Esta estrutura efémera já existiu em tempos com outra localização e materialidade como pode ser observado nas fotos de arquivo ao lado. Apesar de constituir um elemento mais adequado, de materiais nobres como a madeira e ferro, a sua estrutura e desenho contribuíam para uma má leitura espacial do Terreiro/arraial. O que propomos é assegurar que este enfiamento visual seja ainda mais intensificado com a construção do novo palco, cujo seu desenho permitirá um desbloqueio deste enfiamento e trabalhará para que o próprio Santuário participe como pano de fundo para todos os eventos que ali ocorrerem.

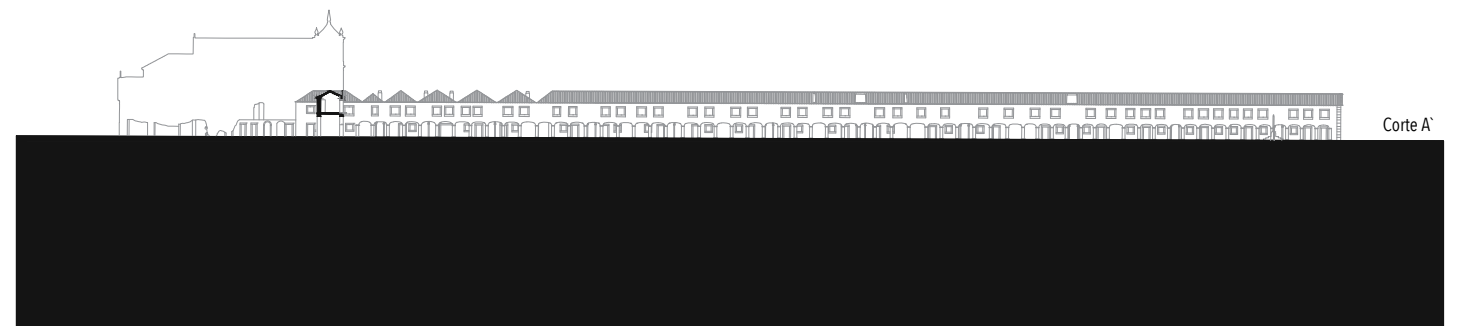
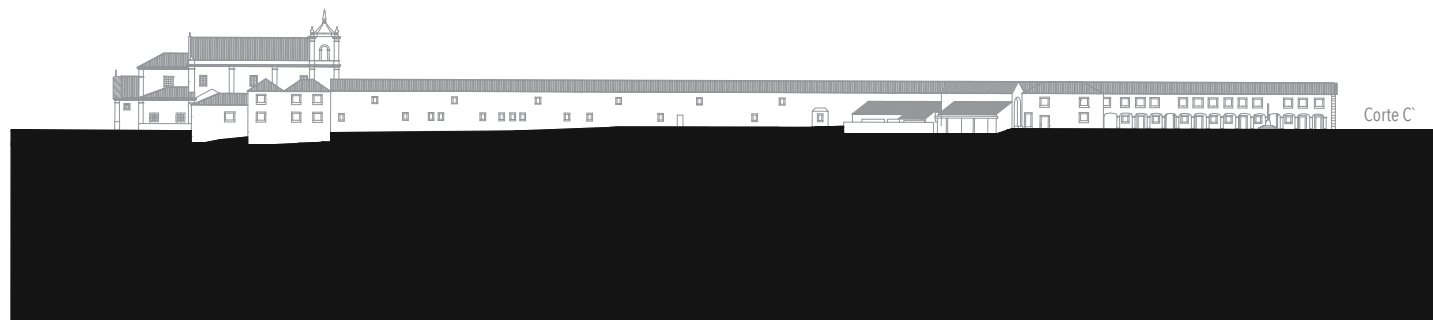
Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022.  
Fotografias do autor



0 10 30m

0 10 30m









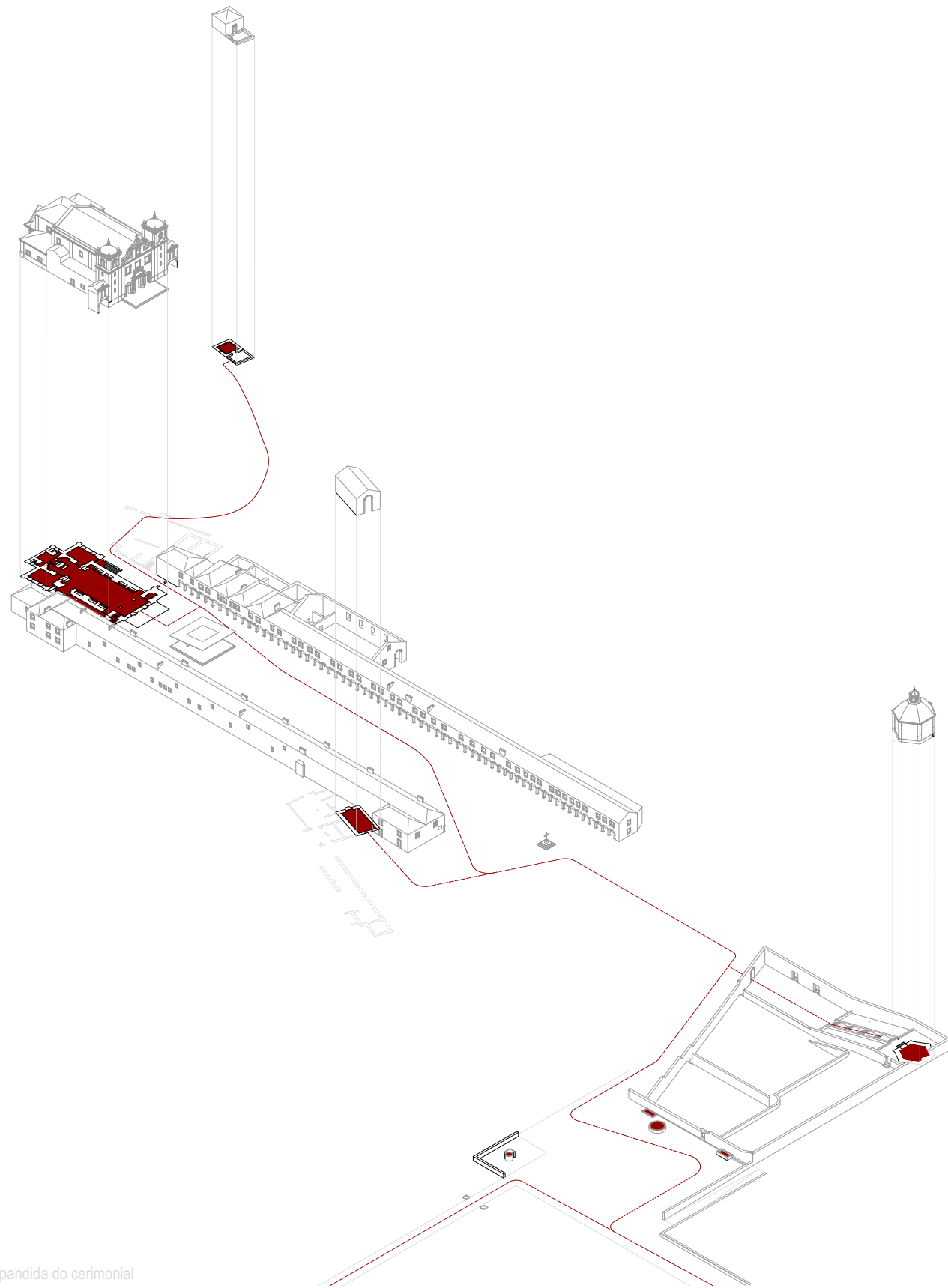
Corte D'



Fig. 234. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022.  
Fotografias do autor.

Fig. 235. Peça Efemera conceptual.  
Fotomontagem do autor.





— Ermida da Memória

— A Igreja de N.ª. S.ª. do Cabo

— A Capela dos Círios  
— O Segundo Cruzeiro

— Casa da Água, o relicário

— A lavagem das mãos na fonte das duas bicas

## PEDRA DA MUA

"É nos terrenos de transição do Jurássico Superior (há cerca de 145 milhões de anos) para o Cretácio Inferior (110-120 milhões de anos) que se encontram os registos icnofósseis<sup>1</sup> de dinossauros. Estas marcas identificadas em 1970 por Luís Saldanha e Eduardo da Cunha Sarrão foram impressas nas vagas moles de sedimentos que constituíam o fundo de uma zona de grandes pântanos lagunares, ou charcas salobras e pouco profundas; após o seu soterramento por sedimentos mais recentes, inicialmente em estratos horizontais, acabaram por litificar transformando-se em margas e calcários; posteriormente, a atividade tectónica fraturou estas camadas que se erguem hoje, quase a prumo e sobrepostas com folhas, até aos 135 metros de altura, testemunhando as violentas convulsões geológicas que brutalmente alteraram o local. "<sup>2</sup>

A "Pedra da Mua", nome dado à escarpa que limita a sul a Praia dos lagosteiros, foi palco do milagre da aparição da Virgem segundo a lenda que deu origem ao santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Este local revela impressões de dinossauros que por ali passaram há cerca de 145 milhões de anos, no final do Jurássico.

Nesses tempos a região que é hoje a Península Ibérica encontrava-se mais a sul, o clima era mais quente e húmido e a região do Cabo Espichel não mostrava as impotentes arribas litorais que hoje admiramos, mas sim uma extensa e ampla plataforma litoral que se estendia de norte a sul, por centenas de quilómetros.

Assim, pela presença de tamanho simbolismo na observação destas pegadas, podemos dizer estão na origem da construção do santuário Mariano de forma indireta e que por isso se relacionam de forma intensa com a atividade religiosa presente neste local. Esta relação tem por base a observância das pegadas mesmo não existindo um local desenhado para as contemplar. Neste projeto pretendemos marcar a sua existência com a construção de dois mirantes que proporcionam ao observador uma melhor descodificação deste território bem como das pegadas e do santuário a metros de distância.

1. Designam-se por fósseis os vestígios de seres vivos do passado preservados por mineralizações, incarbonizações ou moles. Icnofósseis são os vestígios da atividade biológica desses seres, como pegadas, trilhos, excrementos, marcas de dentadas, ninhos de ovos, abertura de túneis, etc.

2. BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do Fim. Lisboa. 2008.



Esquema representativo da impressões Jurássicas 145MA na Pedra da Mua

## PEDRA DA MUA

"É nos terrenos de transição do Jurássico Superior (há cerca de 145 milhões de anos) para o Cretácio Inferior (110-120 milhões de anos) que se encontram os registos icnofósseis<sup>1</sup> de dinossauros. Estas marcas identificadas em 1970 por Luís Saldanha e Eduardo da Cunha Sarrão foram impressas nas vagas moles de sedimentos que constituíam o fundo de uma zona de grandes pântanos lagunares, ou charcas salobras e pouco profundas; após o seu soterramento por sedimentos mais recentes, inicialmente em estratos horizontais, acabaram por litificar transformando-se em margas e calcários; posteriormente, a atividade tectónica fraturou estas camadas que se erguem hoje, quase a prumo e sobrepostas com folhas, até aos 135 metros de altura, testemunhando as violentas convulsões geológicas que brutalmente alteraram o local. "<sup>2</sup>

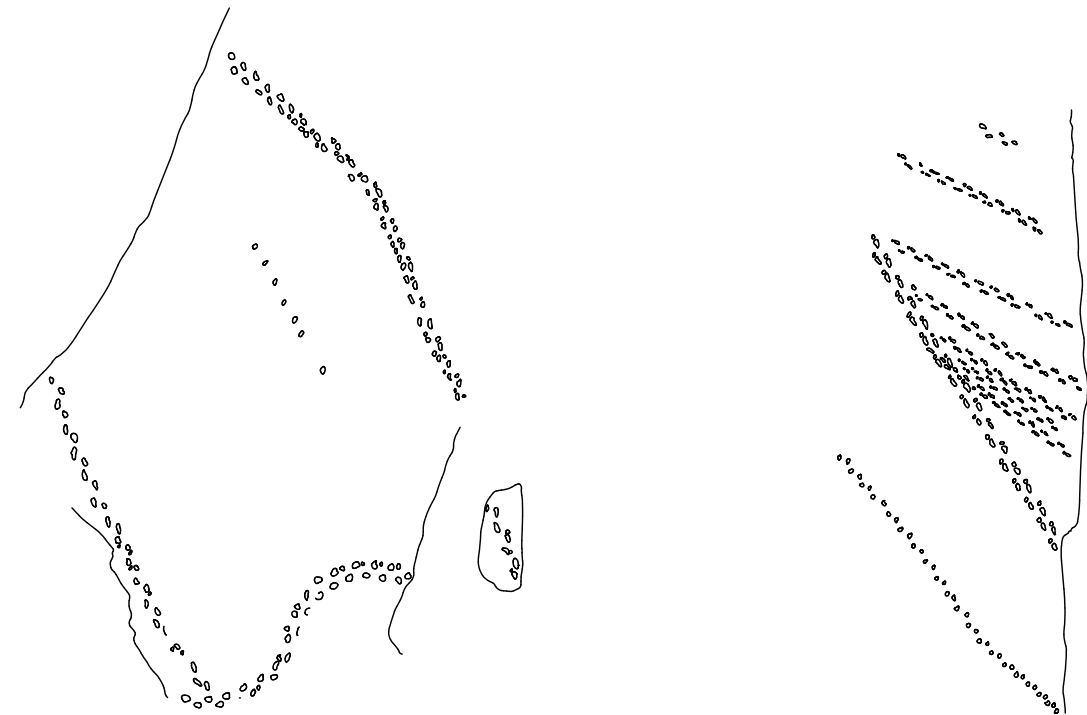
A "Pedra da Mua", nome dado à escarpa que limita a sul a Praia dos lagosteiros, foi palco do milagre da aparição da Virgem segundo a lenda que deu origem ao santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel. Este local revela impressões de dinossauros que por ali passaram há cerca de 145 milhões de anos, no final do Jurássico.

Nesses tempos a região que é hoje a Península Ibérica encontrava-se mais a sul, o clima era mais quente e húmido e a região do Cabo Espichel não mostrava as impotentes arribas litorais que hoje admiramos, mas sim uma extensa e ampla plataforma litoral que se estendia de norte a sul, por centenas de quilómetros.

Assim, pela presença de tamanho simbolismo na observação destas pegadas, podemos dizer estão na origem da construção do santuário Mariano de forma indireta e que por isso se relacionam de forma intensa com a atividade religiosa presente neste local. Esta relação tem por base a observância das pegadas mesmo não existindo um local desenhado para as contemplar. Neste projeto pretendemos marcar a sua existência com a construção de dois mirantes que proporcionam ao observador uma melhor descodificação deste território bem como das pegadas e do santuário a metros de distância.

1. Designam-se por fósseis os vestígios de seres vivos do passado preservados por mineralizações, incarbonizações ou moles. Icnofósseis são os vestígios da atividade biológica desses seres, como pegadas, trilhos, excrementos, marcas de dentadas, ninhos de ovos, abertura de túneis, etc.

2. BATISTA PATO, Heitor. Nossa Senhora do Cabo: um culto nas terras do Fim. Lisboa. 2008.



Esquema representativo da impressões Jurássicas 145MA na Pedra da Mua

Impressões Jurássicas 130MA

Impressões Jurássicas 145MA



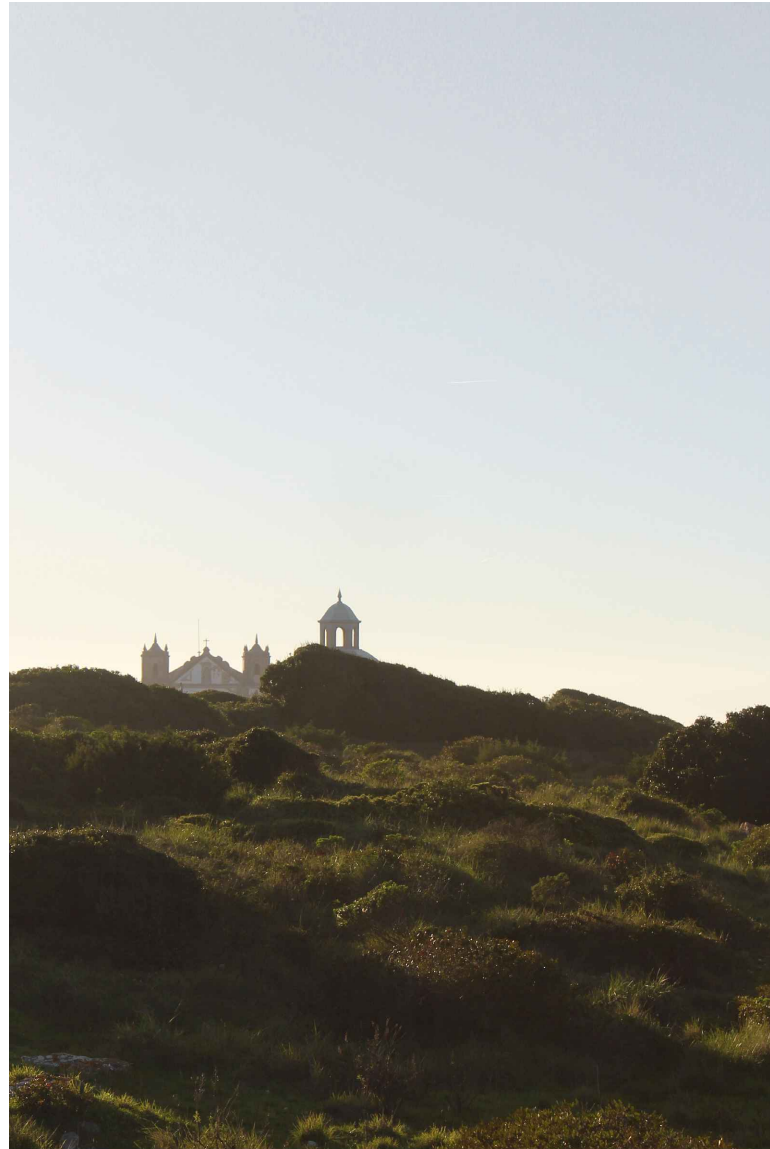


Fig. 237. Percurso Pegadas da Pedra da Mua.  
Fotografia do autor.

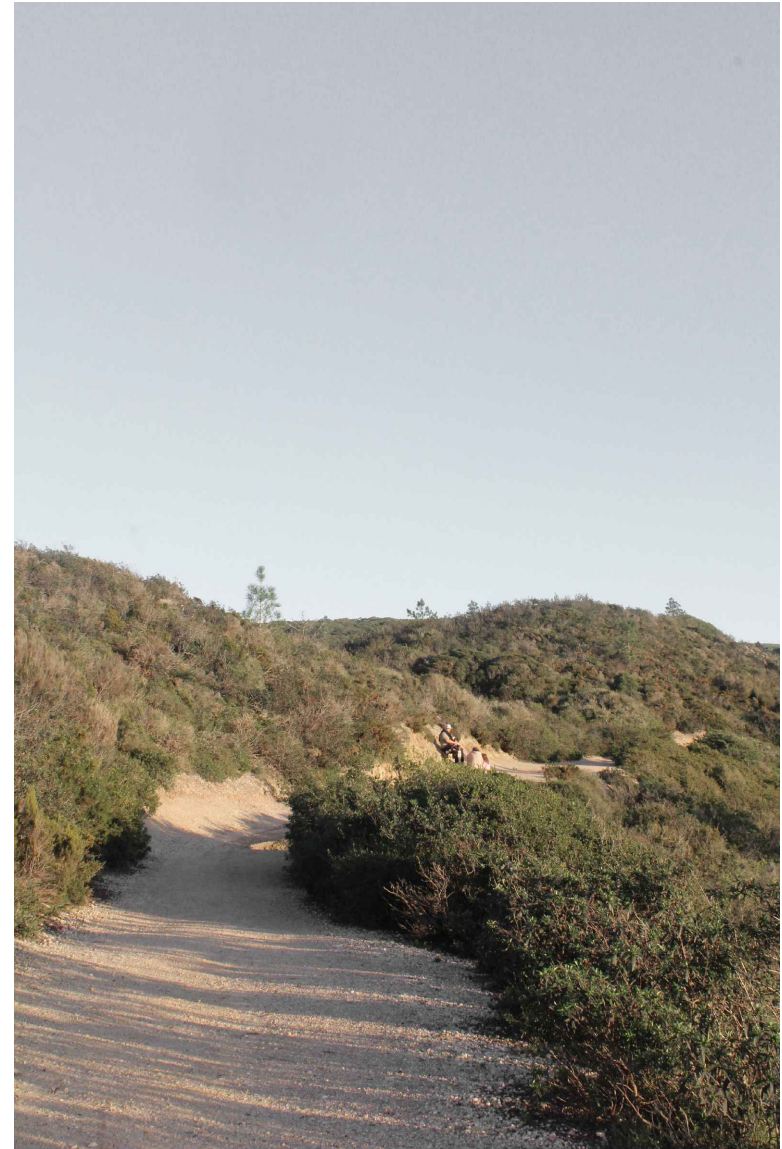


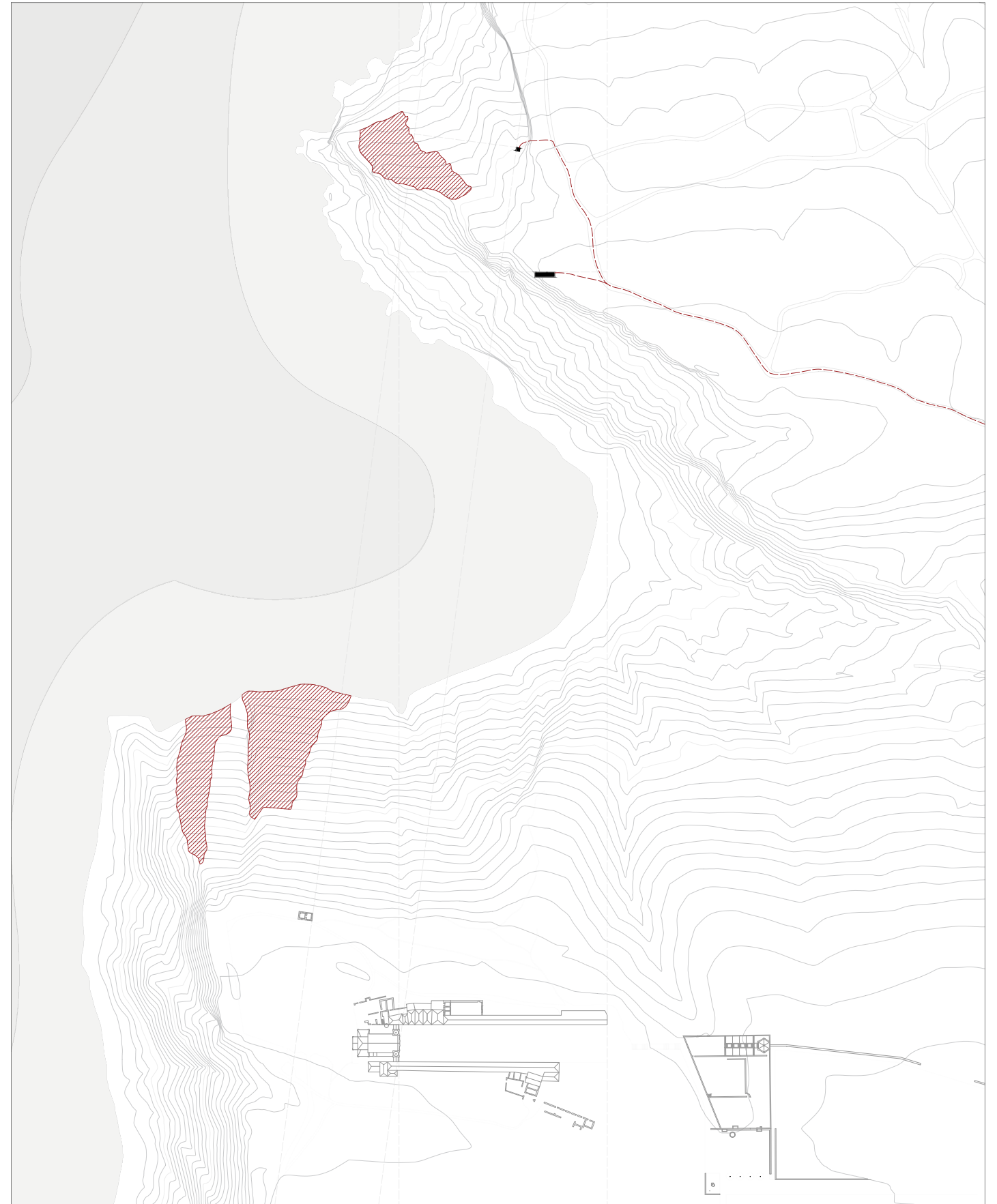
Fig. 238. Percurso Pegadas da Pedra da Mua.  
Fotografia do autor.

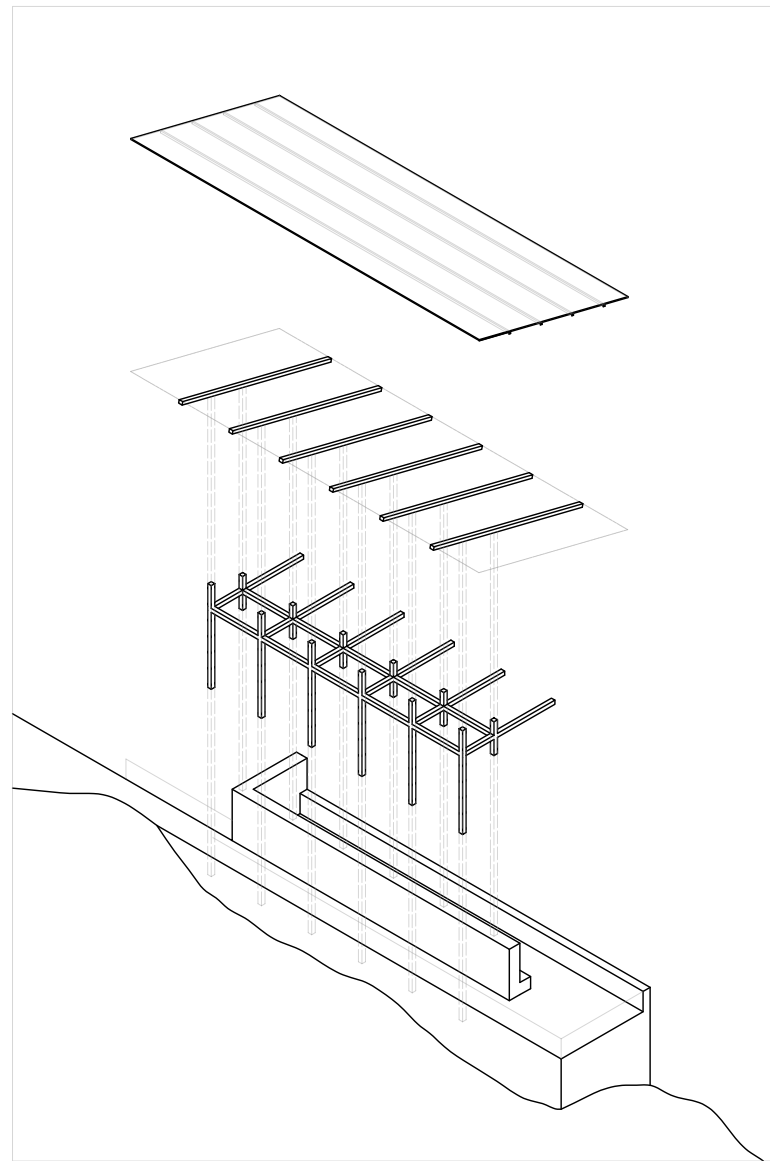
Fig. 239. Percurso Pegadas da Pedra da Mua.  
Fotografia do autor.





-  Pegadas Jurássicas
-  Miradouros
-  Percurso





Isometria expandida do Miradouro da Pedra da Mua.

Fig. 240. Implantação do Miradouro da Pedra da Mua.  
Imagem 3D do autor.



Fig. 241. Vista sobre o santuário de Nossa Senhora do Cabo.  
Imagem 3D do autor.

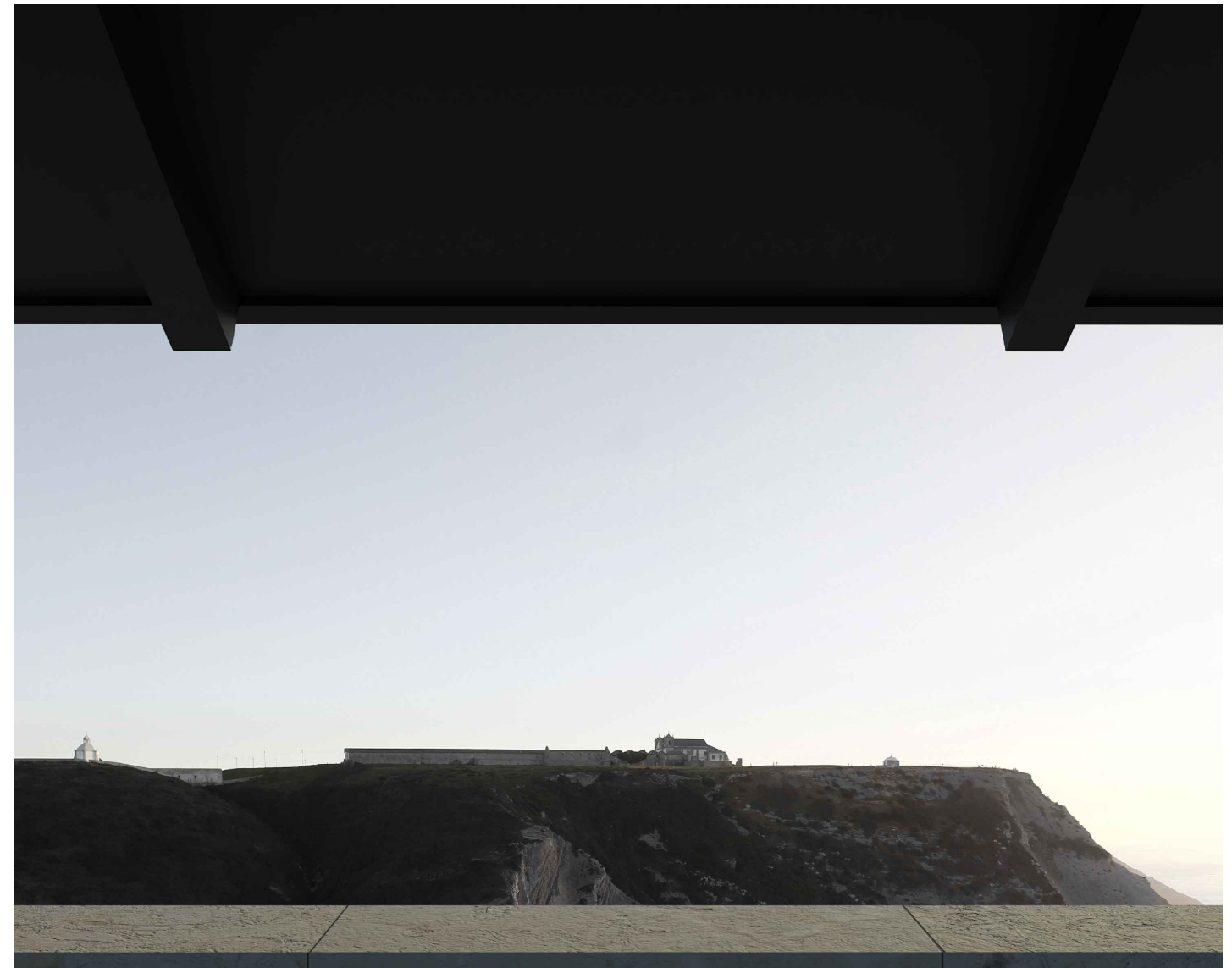
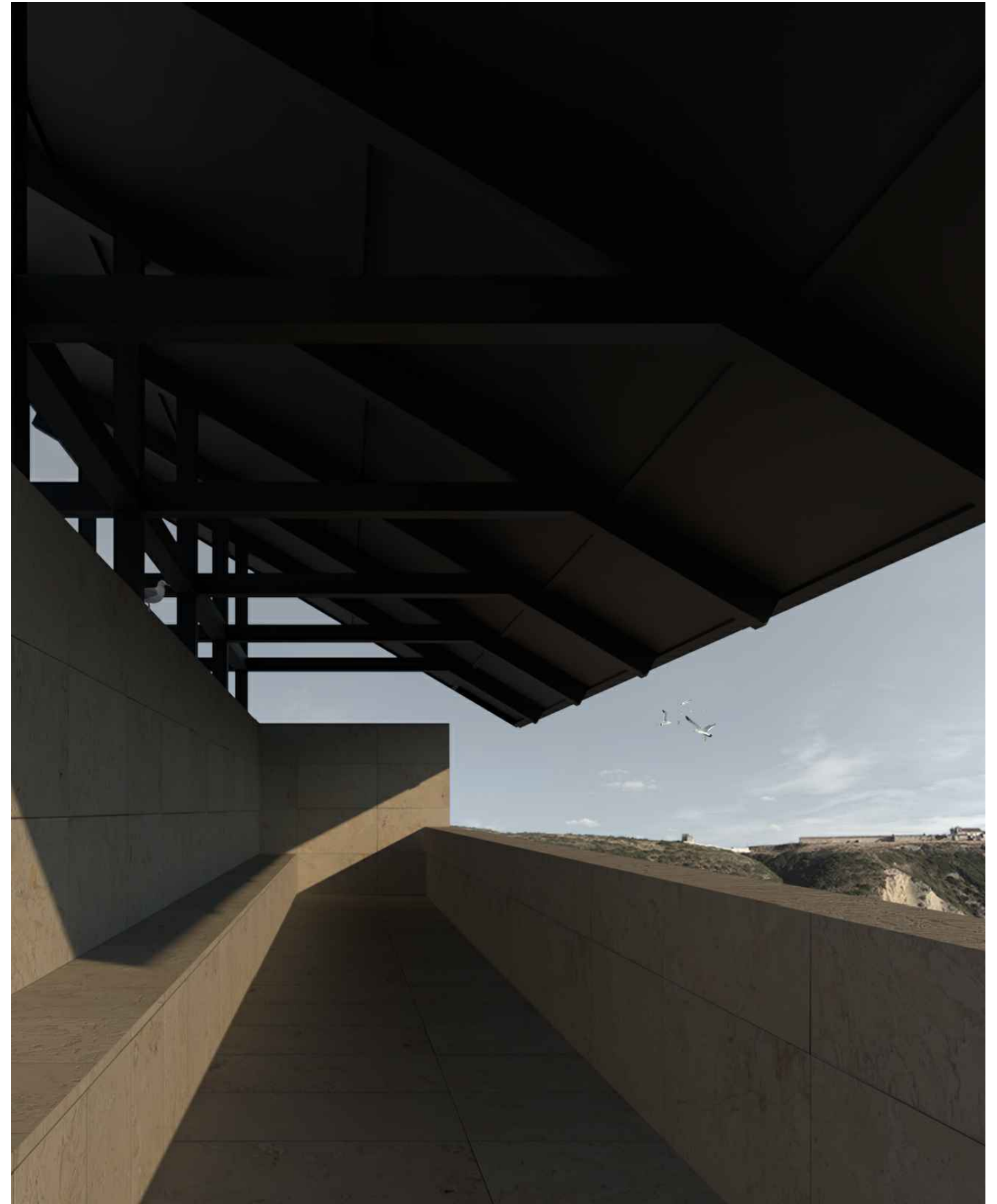
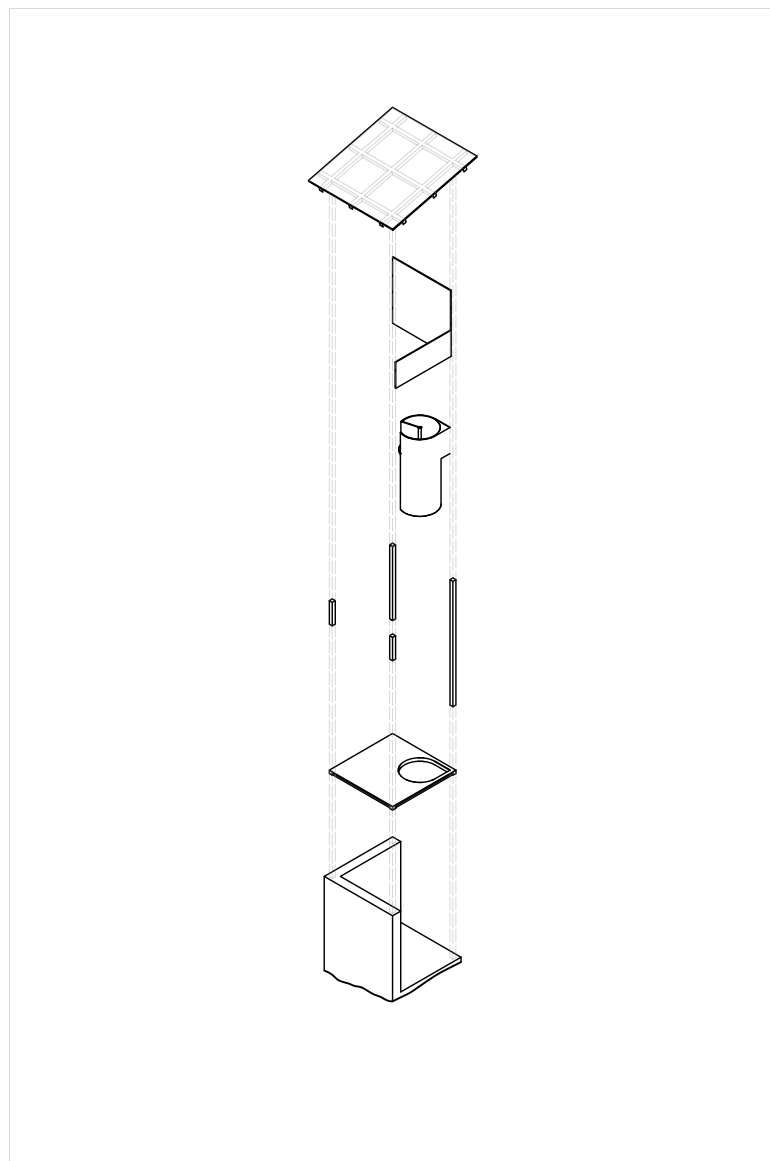


Fig. 242. Vista interior do Miradouro da Pedra da Mua.  
Imagem 3D do autor.






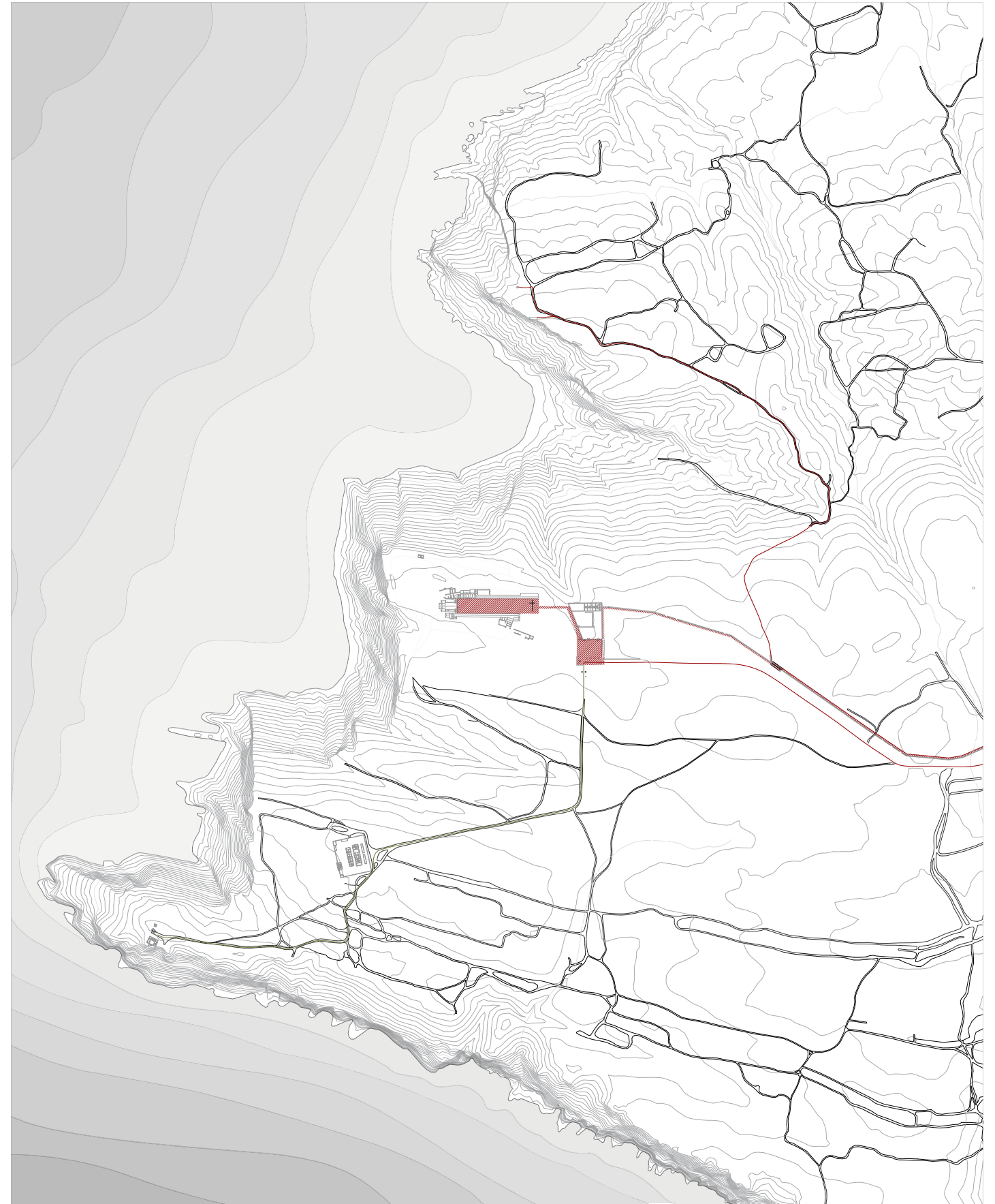


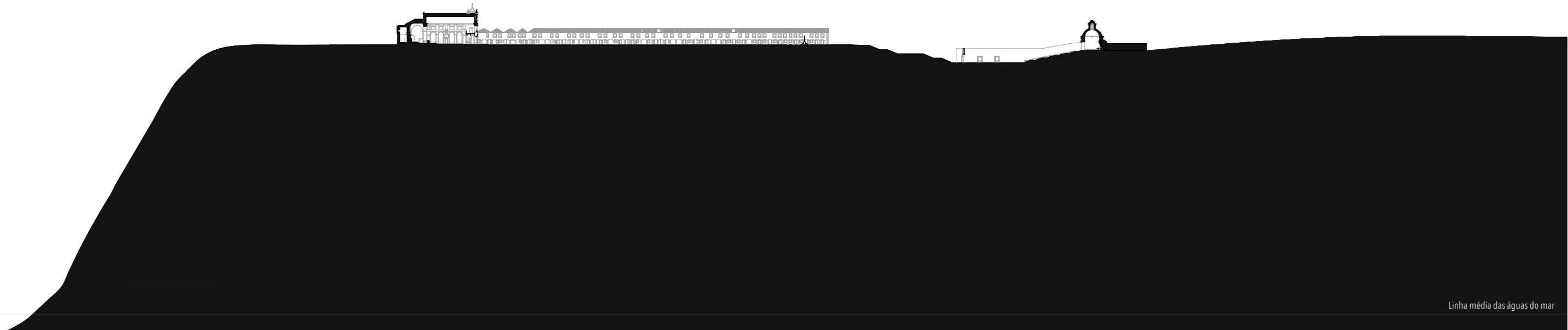
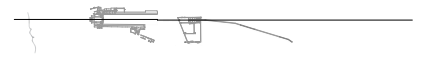
Isometria expandida do Miradouro do Mar.

Fig. 243. Vista lateral do Miradouro do Mar.  
Imagem 3D do autor.

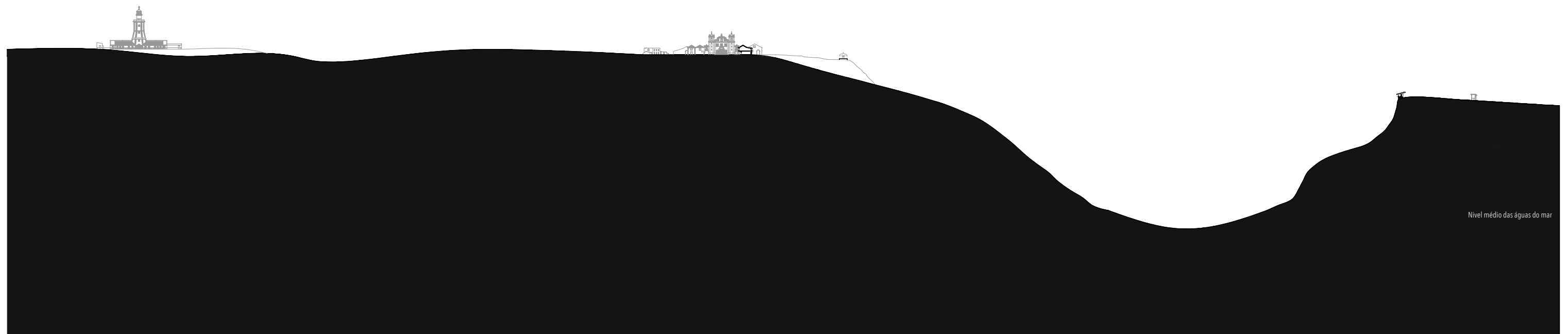


-  Percurso proposto até ao Santuário
-  Percuso até ao Farol
-  Percurso proposto da Pedra da Mua





Linha média das águas do mar

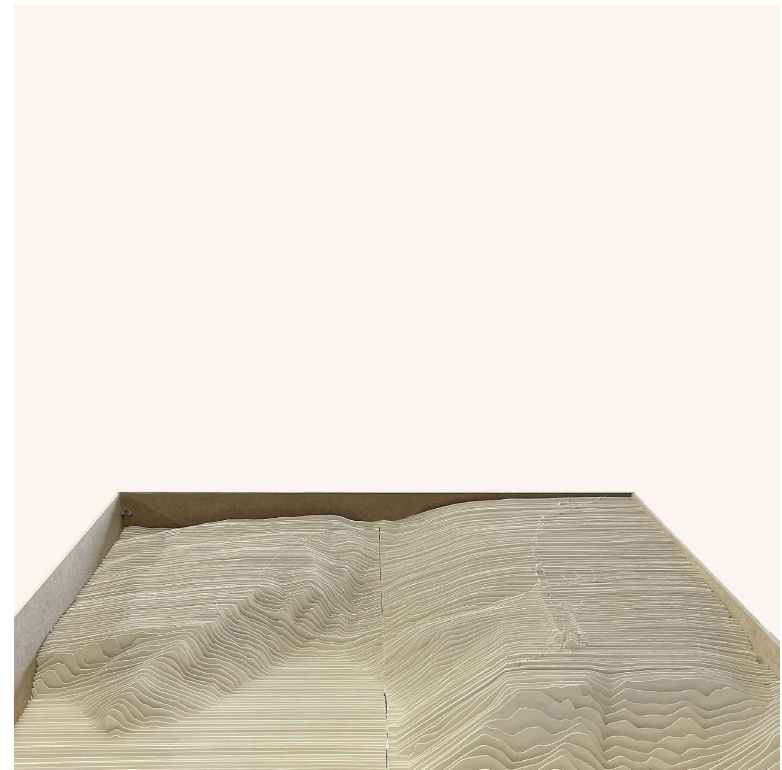
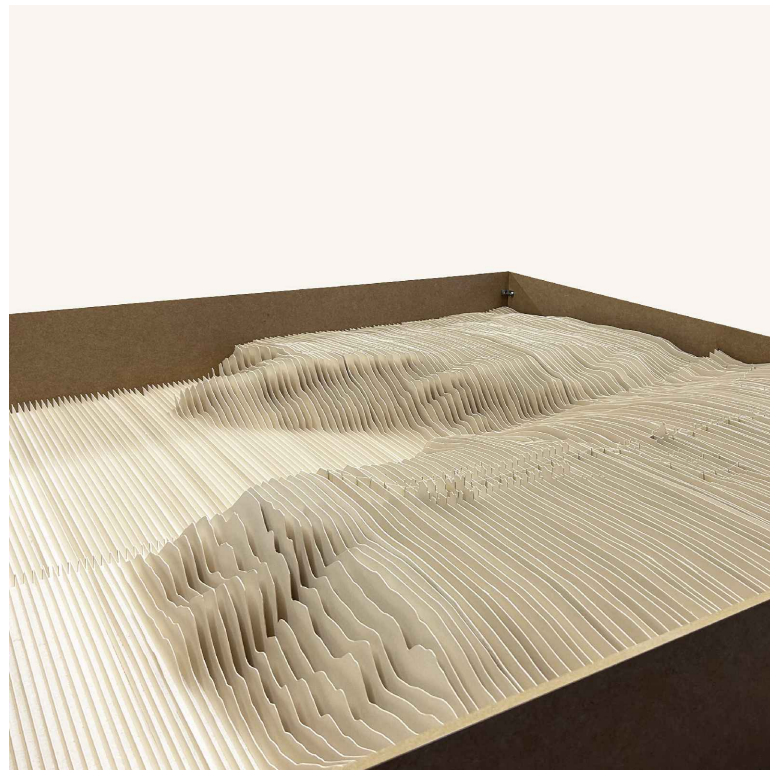


Nível médio das águas do mar



Fig. 244. Vista sobre o Miradouro do Mar.  
Imagem 3D do autor.





Concluir o mestrado em arquitetura é o resultado de um processo intelectual desafiador e gratificante, que culmina na entrega deste trabalho que vos apresentei. Ao longo deste estudo, explorei e analisei diversos aspetos da investigação em arquitetura, do rigor necessário à apuração de factos e relacionamento entre vários condicionantes da mesma realidade.

Durante este percurso, pude investigar e compreender mais profundamente os princípios fundamentais que regem a prática da arquitetura. Ao refletir sobre os resultados obtidos, é possível constatar a importância de abordagens multidisciplinares e holísticas na conceção da arquitetura.

A interação entre diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, filosofia, a história, revela-se crucial para o desenvolvimento de um projeto coeso.

Esta tese representa não apenas o fim de uma jornada académica, mas também o início de um compromisso contínuo com a prática reflexiva e a busca pela excelência na investigação do lugar e o seu significado em arquitetura. Espero que este trabalho possa contribuir para o avanço do conhecimento sobre o santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel e inspirar futuras pesquisas e possíveis intervenções, com o objetivo de travar o estado de ruína a que o edifício está sujeito.

Por fim, termino esta dissertação citando Keil do Amaral no livro "O santuário da Senhora do Cabo no Espichel" de 1964, revelando a emergência sobre a conservação de uma das mais importantes obras de arquitetura chã em Portugal.

«Terminada a festa, despovoa-se o enorme terreiro. Por ele voltam a vaguear os poucos camponeses-pescadores que por ali vivem todo o ano; nele retomam os animais a sua liberdade perdida por uns dias; e frequentemente aparecem ali, naquele cabo do mundo, turistas que se interrogam perplexos ante este estranho monumento e a sua incompreensível decadência.

As ruínas, que vão cada vez mais corroendo as edificações, evidenciam-se dramaticamente no silêncio reinante, entrecortado apenas pelo sibilar do vento marinho. Pelos malefícios do tempo e incúria dos homens o santuário da Nossa Senhora do Cabo vai sendo despojado, lenta, mas irremediavelmente, dos seus atributos.

O variado equipamento, afeiçoado carinhosamente por gerações sucessivas e que tanto contribuiu para o confronto e alegria dos que ali acorreram, está hoje em triste ruína ou deixou mesmo de existir.

Se não for compreendido devidamente o alto valor desta peça extraordinária da nossa arquitetura popular de feição popular, dentro de em breve nada mais restará dela que uma melancólica recordação, a assinalar o local, um amontoado disforme de pedras, de triste significado.

Será ainda possível evitar a sua destruição?»





Fig. 001. Passagem do "arraial" para a plataforma fronteira onde se situa a Ermida da Memória, 1961. FREITAS, António. Revista "Arquiteturas" n°70, Lisboa, 1961.



Fig. 002. Muro da Casa da Água e arraial. 1940- Autor desconhecido.



Fig. 003. Perspectiva da Praia dos lagosteiros sobre a encosta e a sobranceira Ermida da Memória, 1964. GULBENKIAN, Fundação Calouste. O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.



Fig. 004. Festa de Nossa Senhora do Cabo, 1970- Autor desconhecido.



Fig. 005. "Arraial" e Igreja de Nossa Senhora do Cabo, 1960- NOVAES, Horácio, Arquivo Fotográfico da Fundação Calouste Gulbenkian.



Fig. 006. Manuseio de fogos de artifício para comemoração da romaria de Nossa Senhora do Cabo. 1964. GULBENKIAN, Fundação Calouste. O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.



Fig. 007. Homem em marcha e Casa da Água, 1964. GULBENKIAN, Fundação Calouste. O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel, 1964.



Fig. 008. Fontanário e poço, 1964. FREITAS, António. Revista "Arquiteturas" n°70, Lisboa, 1961.



Fig. 009. Capa do livro *Arquitetura Popular em Portugal*, Sindicato dos Arquitectos, 1968.

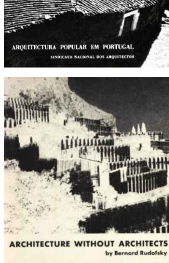


Fig. 010. Capa do livro *Architecture without architects*, Bernard Rodofsky, 1964.



Fig. 011. Capa da publicação *A Arrábida: Um esboço geográfico*, Orlando Ribeiro, 1935.



Fig. 012. Capa do livro *O Santuário de Nossa Senhora do Cabo no Espichel* Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.



Fig. 013. Capa do livro *O Paraíso no "fim do mundo" O culto de Nossa Senhora do Cabo*, Luis Marques, 2007.



Fig. 014. Iluminura do manuscrito *Livro de varias plantas deste Reino e de Castela*, João Thomas Correia, ca 1667.

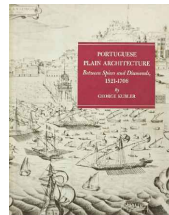


Fig. 015. Capa do Livro *Portuguese Plain Architecture Between Spices and Diamonds, 1521-1706*, George Kubler, 1972.

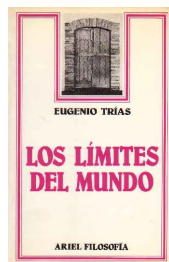


Fig. 016. Capa do Livro *Los Limites del Mundo*, Eugenio Triás, 1985



Fig. 017. Página da Revista *Arquiteturas* n° 70, António Freitas, 1962.

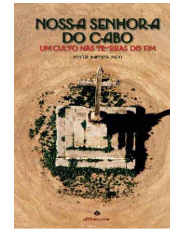


Fig. 018. Capa do Livro *Nossa Senhora do Cabo: Um culto nas terras do fim*, Heitor Batista Pato, 2008.



Fig. 019. Face exterior do tríptico "O Jardim das Delicias Terrenas", Hieronymus Bosh, 1510. Coleção Digital Museu do Prado, Madrid.



Fig. 020. Tríptico "O Jardim das Delicias Terrenas", Hieronymus Bosh, 1510. Coleção Digital Museu do Prado, Madrid.



Fig. 021. Imagem aérea Cabo Espichel. Julho 2021 Google Maps



Fig. 022. Running Fence, Chisto, 1974. MOMA



Fig. 023. Walking a line in Peru, Richard Long, 1972 <https://www.artimage.org.uk/4705/richard-long/walking-a-line-in-peru-1972>.



Fig. 024. "Série Crianças" Póvoa do Varzim, Artur Pastor, déc. 50. Arquivo Municipal de Lisboa.



Fig. 025. O mar de inverno, Capri Autor desconhecido. Las Atmosferas de Giorgio de Chirico in La Casa Malaparte. Simulacros escenográficos. Jaime Hortal



Fig. 026. Casa Malaparte Autor desconhecido. Las Atmosferas de Giorgio de Chirico in La Casa Malaparte. Simulacros escenográficos. Jaime Hortal



Fig. 027. Segundo Cruzeiro e conjunto de Nossa Senhora do Cabo. António Freitas, O conjunto de Nossa Senhora do Cabo no Espichel, Revista *Arquiteturas* n°70, 1961.



Fig. 028. Preikestolen, Noruega, 2012, Niels Brevé.



Fig. 029. «Carte chorographique des environs de Lisbonne», 1821. Harvard Map Collection

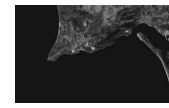


Fig. 030. Ortofotomapa Serra da Arrábida, 2023. Google Maps



Fig. 031. Portugalliae, 1561, Fernando Álvaro Seco. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando\\_%C3%81lvaro\\_Seco#/media/Ficheiro:Portugalliae\\_1561\\_\(Baseado\\_no\\_primeiro\\_mapa\\_de\\_Portugal\)-JM.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_%C3%81lvaro_Seco#/media/Ficheiro:Portugalliae_1561_(Baseado_no_primeiro_mapa_de_Portugal)-JM.jpg)



Fig. 032. Serra da Arrábida, déc. 60 Artur Pastor Arquivo Fotográfico Lisboa



Fig. 033. Arraial de Cabo, déc. 60. Horácio Novaes. Arquivo digital Fundação Gulbenkian



Fig. 034. Forte de São Teodósio da Ponta do Cavalo, 2007. Autor desconhecido.



Fig. 035. Conjunto de barcos atracados na praia, Sesimbra, déc 60. Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa

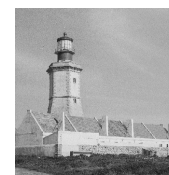


Fig. 036. Farol do Cabo Espichel, déc. 50. Autor desconhecido.



Fig. 037. Pescadores na praia de Sesimbra, déc 60. Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa.



Fig. 038. Perspectiva sobre o Porto de abrigo, Sesimbra, déc 60. Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa.



Fig. 039. Arriba Fossil e Casa da Ronca, déc 40. Autor desconhecido. Arquivo Histórico da Marinha



Fig. 040. Pescadores na praia de Sesimbra, déc 60 de Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa.



Fig. 041. Convento capucho de Santa Maria da Arrábida, déc 60 de Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa



Fig. 042. Igreja de Santa Maria do Castelo Sesimbra, déc. 60. Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa



Fig. 043. Forte de Santiago de Sesimbra, déc 60. Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa.



Fig. 044. Convento capucho de Santa Maria da Arrábida, déc 60. Artur Pastor. Arquivo Municipal de Lisboa.



Fig. 045. Forte de Santa Maria da Arrábida, déc 40. Autor desconhecido.



Fig. 046. Forte de Santa Maria da Arrábida, déc 40. Autor desconhecido.



Fig. 047. Portinho da Arrábida, déc 40. Autor desconhecido.



Fig. 049. *Revista Architecturas* n° 70, 1961 António Freitas



Fig. 057. Rua Nova dos Mercadores, Lisboa, 1570-1619. Kelmscott Manor Collection, The Society of Antiquaries of London. Autor Flamengo desconhecido



Fig. 050. Placas de xisto gravadas (2000-3000 a.c.) Museu de Sesimbra.



Fig. 051. Placas de xisto gravadas (2000-3000 a.c.) Museu de Sesimbra.

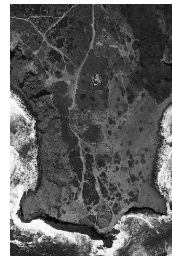


Fig. 052. Ortofotomapa do Conjunto de Ruínas Correspondentes ao antigo Ribat al-Rihana, na Arrifana, Portugal. Google Earth, consultado em março de 2023.



Fig. 053. Ortofotomapa do Conjunto de Ruínas Correspondentes ao antigo Ribat Califal de las Dunas, em Guardamar, Espanha. Google Earth, consultado em março de 2023.



Fig. 054. Ortofotomapa do topo Norte do Santuário Google Earth, consultado em março de 2023.



Fig. 055. Iluminura presente no manuscrito *Memória sobre a antiguidade das romarias e da Romaria de nossa senhora do Cabo* Francisco Ildefonso, 1854-1857.



Fig. 056. Hospital e Praça de Todos os Santos, Lisboa, 1526. Arquivo Nacional Torre do Tombo.



Fig. 058. O semanário *O Domingo ilustrado* n° 141 de 25 de Setembro 1927.



Fig. 060. Círios junto à Ermida da Memória, Setembro 2022. Fotografia do autor



Fig. 061. Em frente os párcos e mordomos transportando a imagem de N.ª S.ª do Cabo. Setembro de 2022. Fotografia do autor.



Fig. 062. O transporte das bandeiras processionais, Setembro 2022. Fotografia do autor



Fig. 063. Procissão, Setembro de 2022. Fotografia do autor.



Fig. 064. O párco e o sucessor, Setembro 2022. Fotografia do autor.

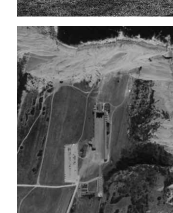


Fig. 065. Ortofotomapa do Conjunto de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2021. Google maps. Tratado pelo autor.



Fig. 066. Arcaria, Cabo Espichel, déc 50. *Arquitetura Popular em Portugal*, Lisboa. Ordem dos arquitetos, 2004.



Fig. 067. Igreja e hospedarias, déc. 40. Horácio Novaes (1910-1988) Arquivo F. C. Gulbenkian.



Fig. 068. Romaria no Arraial, Cabo Espichel, déc 60. Fundação Caloust Gulbenkian, *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*, 1964.



Fig. 069. Santuário de Nossa Senhora do Cabo, década de 60. Autor: António Ângelo do Couto. Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).

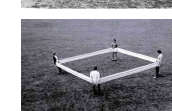


Fig. 070. Four Body Heights, Franz Erhard Walther, 1968. Franz Erhard Walther- *Work as Action*, New York, 2010-2012.

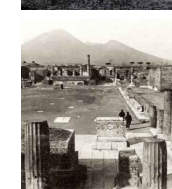


Fig. 071. Fórum de Pompeia, Italia, 1894. <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-softicadas/Unbekannt/776467/O-%C3%B3rum-de-Pomp%C3%A9ia,-It%C3%A1lia,-1894.html>



Fig. 072. Praça de São Marcos, Veneza. Marcos Fluvio Roiter (1926-2016)



Fig. 073. Ortofotomapa da Praça de São Marcos e envolvente. Google Earth consultado em Abril de 2023



Fig. 074. Interior das hospedarias, déc 60. Fundação Caloust Gulbenkian, *O Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel*. 1964

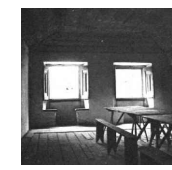


Fig. 075. Interior das hospedarias, déc 60. Fundação Caloust Gulbenkian, *O Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel*, 1964.



Fig. 076. Alçado da ala norte das hospedarias, déc 50. *Revista Arquitectura* n°70, 1961.



Fig. 077. Erminda da Memória, 2022. Fotografia do Autor



Fig. 078 a 088. Azulejos presentes na Ermida da Memória. Fotografias do autor



Fig. 089. Romeiros junto à porta principal da Igreja de Nossa Senhora do Cabo, déc 80. Arquivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico).



Fig. 090. Interior da Igreja de Nossa Senhora do Cabo, déc 80. Arquivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico).



Fig. 091. Vista da Casa da Água, 2022. Fotografia do Autor



Fig. 092. Jardim/Horta e Serra de Sintra, 2022. Fotografia do Autor



Fig. 093. Le Jardin de Nébamoun 1350 B.C. The British Museum Collection



Fig. 094. O Pequeno Jardim do Éden 1410-1420, Staedel Museum Digital Collection



Fig. 095. Ruína da Casa da Ópera, 2021. Fotografia do Autor

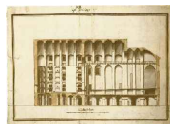


Fig. 096. Secção longitudinal do projecto da Ópera do Tejo de Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, identificado em 1933 por José de Figueiredo. Intitulado «N.º2 Taglio per il Longo». Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa.



Fig. 097. Teatro da rainha. Trianon, Versailles. Arquitecto Frédéric Nepveu e desenhador Jules Favier, 1842.



Fig. 098. Triunfo da morte de Pieter Bruegel, O Velho, 1562. Museu do Prado, Madrid.



Fig. 099. Referência à igreja de Nossa Senhora do Cabo no Livro das Armadas, 1554.



Fig. 100. Fotografia do Farol do Cabo Espichel, déc. 50. Arquivo Municipal de Sesimbra. Autor desconhecido.



Fig. 101. O Cabo Espichel, 1908. Fotografia de Paul Chaffat.



Fig. 102. Zona de proteção da igreja e Conjunto de N.ª S.ª do Cabo.



Fig. 103. Casa da Água e Igreja, 2021. Autor Desconhecido.



Fig. 104. Vista sobre o conjunto. Fotografia do autor, 2023.



Fig. 105. Da esquerda para a direita: Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora e Álvaro Siza na Acrópole de Atenas, 1976. Arquivo Alexandre Alves Costa <https://www.sizabaroque.com/team/>



Fig. 106. Vista através do Pavilhão sobre a Acrópole <https://hiddenarchitecture.net/st-dimitrios-loumbardiaris-church/>



Fig. 107. Vista do pavilhão Lombardaris <https://hiddenarchitecture.net/st-dimitrios-loumbardiaris-church/>



Fig. 108. Detalhe do pavimento <https://www.doma.archi/en/index/projects/diamorfwsh-prosbasewn-stoys-lofoys-akropolews-kai-filopappoy>



Fig. 109. Vista sobre o Teatro del Mondo e Basilica di Santa Maria della Salute, Veneza, 1979. Collection Centre Canadien d'Architecture/ Canadian Centre for Architecture, Montréal



Fig. 110. Desenho ilustrado do Alçado Lateral do teatro del Mondo, Veneza, 1979. Collection Centre Canadien d'Architecture/ Canadian Centre for Architecture, Montréal

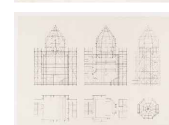


Fig. 111. Desenho de estrutura, Aldo Rossi, Veneza, 1979. Collection Centre Canadien d'Architecture/ Canadian Centre for Architecture, Montréal



Fig. 112. Maquete em corte, 2015. Ressano Garcia Arquitetos <https://espacodearquitectura.com/projetos/a-voz-do-mar/>



Fig. 113. Detalhe de Fachada, 2015. Ressano Garcia Arquitetos. <https://espacodearquitectura.com/projetos/a-voz-do-mar/>



Fig. 114. Vista sobre a envolvente, 2015. Ressano Garcia Arquitetos. <https://espacodearquitectura.com/projetos/a-voz-do-mar/>



Fig. 115. Vista sobre o monumento, 2015. Catrina Genovese. <https://www.archdaily.com.br/br/958190/a-psiocogeografia-da-monumental-land-art-cretto-di-burri>



Fig. 116. Vista sobre o monumento, 2015. Catrina Genovese. <https://www.archdaily.com.br/br/958190/a-psiocogeografia-da-monumental-land-art-cretto-di-burri>



Fig. 117. Vista sobre Gibellina depois do Terramoto, 1968. Autor desconhecido. <https://www.thegreensideofpink.com/design-en/art/2021/a-rt-in-the-wound-the-great-cretto-of-alberto-burri/?lang=en>



Fig. 218. Cronologia de imagens. Capelinha das Aparições. <https://mediatejo.net/fatima-1919-1920-os-anos-em-que-a-pneumonia-levou-dois-santos-e-consolidou-um-culto-nacional/>



Fig. 220. Desenho técnico. Santuário de Fátima, Empreitada de Serralharia, Outubro 1980. João Carlos Loureiro e J. Pádua Ramos. Instituto José Marques da Silva



Fig. 221. Desenho técnico. Santuário de Fátima, Corte A-B, Outubro 1980. João Carlos Loureiro e J. Pádua Ramos. Instituto José Marques da Silva



Fig. 223. Círio de Nazareth do Pará, Belém. Revista Puraquê, 1838.

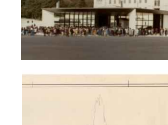


Fig. 224. FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.

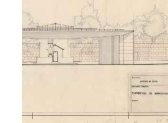


Fig. 225. Primeiro Cruzeiro e Farol. Fotografia do Autor, 2023.

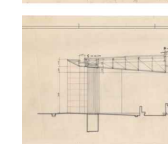


Fig. 226. Primeira fase do aqueduto. Fotografia do autor, 2023.



Fig. 227. Parque de estacionamento. Imagem 3D do autor.



Fig. 228. FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.



Fig. 229. Muro da Casa da Horte da Casa da Água. Fotografia do Autor, 2022.



Fig. 230. Praça das Fontes. Imagem 3D do autor.



Fig. 231. FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.



Fig. 232. Interior da Capela do Círio. Imagem 3D do autor.



Fig. 232. Verdadeira grandeza do Arraial. Montagem do Autor.



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 233. Imagens da Festa do Círio de Sesimbra, 2022. Fotografias do autor



Fig. 235. Peça Efemera conceptual. Fotomontagem do autor.



Fig. 236. Ortofotomapa do conjunto Google maps



Fig. 237. Percurso Pegadas da Pedra da Mua. Fotografia do autor.

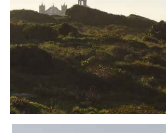


Fig. 238. Percurso Pegadas da Pedra da Mua. Fotografia do autor.



Fig. 239. Percurso Pegadas da Pedra da Mua. Fotografia do autor.

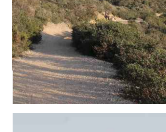


Fig. 240. Implantação do Miradouro da Pedra da Mua. Imagem 3D do autor.

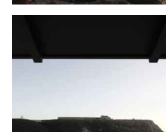


Fig. 241. Vista sobre o santuário de Nossa Senhora do Cabo. Imagem 3D do autor.



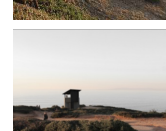
Fig. 242. Vista interior do Miradouro da Pedra da Mua. Imagem 3D do autor.



Fig. 243. Vista lateral do Miradouro do Mar. Imagem 3D do autor.



Fig. 244. Vista sobre o Miradouro do Mar. Imagem 3D do autor.





ARSÉNIO, José - Cabo Espichel . Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 2008.

AVIENO, Rúfio Festo - Orla Marítima. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Agosto de 1985.

AZUAR RUIZ, Rafael - El Ribat Califal, Excavaciones e investigaciones (1984-1992).Madrid, 2004.

BLUTEAU, Rafael e António de Morais Silva - Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa. 1789.

CONCEIÇÃO, Fr. Cláudio da- Memória da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo, descrição do triumpho com que os festeiros e mais povo de Benfca a conduziram à sua parochia em 1816, para festejarem em 1817. Lisboa: Impressão Régia, 1817.

CHAVES, Luis- Subsídios para a História da Gravura em Portugal, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1927.

COSTA, Diogo Francisco da Piedade e - A luz de Portugal: História de Nossa Senhora do Cabo . Lisboa: 1899.

COX, Thomas; COX, Macro - Relação do Reino de Portugal 1701 . Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.

DIAS, José de Oliveira. Maria: Études sur la Sainte Vierge. p.617. Paris. 1956.

DIAS, PAULO. Santuário de Nossa Senhora do Cabo: Morfologia e rito, fundamentos para um projeto de recuperação. Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora, 2014.

FONTES, Joaquim - Aspectos populares do culto de Nossa Senhora do Cabo . Lisboa: 1955.

FREIRE, João Paulo. Lãs e Cirios no concelho de Mafra: O cirio de todos os Santos e o cirio da Senhora da Nazareth. p.15. Porto. 1926.

FREITAS, António - Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel». n.º 70; Lisboa: Março 1961.

GULBENKIAN, Fundação Calouste - O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel . Lisboa: 1964.

GOMES, Padre Agostinho - Santuário Nossa Senhora do Cabo Espichel. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra; 2009.

GRANDA, Manuel J. - Cirio de Nossa Senhora do Cabo Espichel - Aspectos mítico-simbólicos. São Martinho: Comissão das Festa de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2004.

JUNQUEIRA 220 - «Igreja do Cabo Espichel: recuperação de um interior», in Munumentos. N.º16. Lisboa: Março de 2002.

KUBLER, George- Portuguese Plain Architecture: Beteewn spices and diamonds. 1521-1706. Middletown, Conn., Wesleyan University Press. 1972.

LEAL, Pinho - Portugal Antigo e Moderno . Vol.9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1873-1890.

MADEIRA, José; ARSÉNIO, José - Imagens de fé - Gentes do Concelho de Sesimbra . Sesimbra: José Arsénio, 2005.

MARQUES, Luis - O Paraíso no «fim do mundo» - O culto de Nossa Senhora do Cabo . Lisboa: Sextante, 2007.

MARTIN, John H. - «The Sanctuary of our Lady of the Cape», in: Portuguese studies review. Vol. 3, N.º 1. New Hampshire: International Conference Group on Portugal, 1993.

MUSEU NACIONAL DOS COCHES - Museu Nacional dos Coches: Berlinda Processional . Lisboa: Santa Maria de Belém

NUNES, Abreu - Romaria a Nossa Senhora do Cabo . Lisboa: Ed. Junta de Turismo de Cascais, 1952.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - Arquitectura Tradicional Portuguesa. 5.ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.

ORLANDO, Ribeiro - A Arrábida - Espaço Geográfico. [S.l.] Fundação Oriente e Câmara Municipal de Sesimbra, 2004.

ORDEM DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal . Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

PATO, Heitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim . Lisboa: Argusnauta, 2008.

PORTOCARRERO, Gustavo - Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social. Lisboa: Colibri, 2003.

PROENÇA, António - Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel . Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

RUDOLFSKY, Bernard - Architecture without architects . New York: Museum of Modern Art, 1964.

SANTA MARIA- Agostinho. Santuário Mariano, e História das imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores e dos devotos da mesma Senhora. p.85. Lisboa. 1707

SANTOS, Ana Isabel Palma - O Giro de Nossa Senhora do Cabo e as Berlindas Processionais. Lisboa: Instituto de Museus e Conservação, 2007.

SANTOS, Francisco Ildefonso dos - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Manuscrito PBA. 98, constante do Inventario [da] secção XIII: Manuscritos: Collecção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vitor - Sesimbra Monumental e Artística. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1997.

S.TA ANNA, Frei Joseph Pereira de - Crónica dos Carmelitas da antiga, e regular observância nestas reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios. Lisboa: Of. Herdeiros de António Pedrozo Galram, 1745 e 1751.

TRÍAS, Eugenio - Los Limites del mundo. Barcelona, 1985.

TYLER, Edward. Primitive Culture, 1871.

VARELA GOMES, Rosa - Arquiteturas, Testemunhos Islamicos em Portugal, Fundação Calouste Gulbenkian/ Aga Khan Trust for Culture, 2013.

VASCONCELOS, António de - Anacephalaeoses id est, summa capita actorum Regum Lusitaniae. Antuerpiae: apud Petrum & Ioannem Belleros, 1621.

Sítios da Internet

MARINHA - Direcção de Faróis. Direccaofaróis.marinha.pt, 2012, disponível em: <<http://direccaofaróis.marinha.pt/PT/historia1/Paginas/Historia.aspx>>. Acesso em 6 de abril de 2022.

Prado- Museu del Prado, 2023, disponível em: <<https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/the-garden-of-earthly-delights-triptych/02388242-6d6a-4e9e-a992-e1311eab3609?searchid=1c0b7f31-c723-893a-8d52-08f662679f1b>>. Acesso em 28 abril 2023.

PATO, Heitor Baptista - O Culto dos Promontórios em Portugal. Celtibebia.net, 2007, disponível em: <<http://celtiberia.net/articulo.asp?id=2938>>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

HILL, John- A weekly dose of architecture book, 1999. disponível em: <<https://archidose.blogspot.com/1999/02/teatro-del-mundo.html>>. Acesso em 19 de janeiro de 2024.

